

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

MIKE SANTAFÉ ZAMBRANO

**ESTÉTICAS *OUTRAS* DE EXISTÊNCIA *E* EDUCAÇÃO AMBIENTAIS:
práticas possíveis *no/do/com* o Núcleo Experimental
de Permacultura e Bioconstrução – NEPBIO - de Cáceres-MT.**

**CÁCERES-MT
2021**

MIKE SANTAFÉ ZAMBRANO

**ESTÉTICAS *OUTRAS* DE EXISTÊNCIA *E* EDUCAÇÃO AMBIENTAIS:
práticas possíveis *no/do/com o* Núcleo Experimental
de Permacultura e Bioconstrução – NEPBIO - de Cáceres-MT.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora professora Dra. Maritza Maciel Castrillon Maldonado.

**CÁCERES-MT
2021**

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

SANTAFÉ, Mike.
S231e Estéticas Outras de Existência e Educações Ambientais:
Práticas Possíveis no/do/com o Núcleo Experimental de
Permacultura e Bioconstrução-Nepbio-de Cáceres-MT. / Mike
Santafé - Cáceres, 2021.
135 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Acadêmico) Educação, Faculdade de Educação e
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de
Mato Grosso, 2021.
Orientador: Maritza Maciel Castrillon Maldonado

1. Estéticas de Existência. 2. Educações Ambientais. 3.
Governo. 4. Nepbio. 5. Permacultura e Bioconstrução. I.
Mike Santafé. II. Estéticas Outras de Existência e Educações
Ambientais: Práticas Possíveis no/do/com o Núcleo Experimental
de Permacultura e Bioconstrução-Nepbio-de Cáceres-MT.: .
CDU 502(817.2)

MIKE SANTAFÉ ZAMBRANO

**ESTÉTICAS *OUTRAS* DE EXISTÊNCIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS:
práticas possíveis *no/do/com o* Núcleo Experimental
de Permacultura e Bioconstrução – NEPBIO - de Cáceres-MT.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maritza Maciel Castrillon Maldonado (Orientadora – PPGEdu/UNEMAT)

Dra. Lavínia Schwantes (Avaliadora Externa – FURG)

Dr. Laudemir Luiz Zart (Avaliador Interno – PPGEdu/UNEMAT)

Dr. Alceu Zoia (Avaliador Interno Suplente – PPGEdu/UNEMAT)

Dr. Leandro Belinaso Guimarães (Avaliador Externo Suplente – UFSC)

APROVADA EM: 05 / 08 / 2021

Dedico esta dissertação, com infinito amor, à minha família

SANTAFÉ ZAMBRANO

É para e por você minha linda e maravilhosa “mamita Esperanza”.

Dedicado também para minhas irmãs Nathalie e Marisol, e para meu irmão Davidzinho.

Querido sobrinho Phillip Samuel, também é para você e por você!

Mesmo assim para vocês, avozinha Maruja e tia Maribel.

Para todas e todos

Estudantes E Professores

do Mundo.

Agradeço...

*¡Gracias Madre Mía Por Todo Tu Amor,
Por Dar-me La Vida y
Por Siempre ESPERANZA Junto A Ti!*

Muito obrigado mesmo minha amada família pelas energias amorosas que me enviaram permanentemente durante os mais de dois anos nos que morei no Brasil. A incomensurável existência de cada uma e um de vocês sempre é motivante, inspiradora, potencializadora para eu avançar...

Muito obrigado mi profe!!!

Você, minha querida orientadora e sua bela família. Sou grato a vocês.

Graças por seus ensinamentos, conselhos, carinho, propiciar encontros alegres; dias, tardes e noites de estudo e comemoração com uma cerveja, churrasco e piscina... que familiarmente enxiam meu coração. Saúde! Sempre vou torcer por compartilhar de novo com vocês!!!

À família NEPBIO, muito obrigado por aceitar essa parceria para eu desenvolver minha pesquisa; mais ainda, pelo jeito sempre fraternal de ser comigo... virou amizade e vamos continuar juntos! Obrigado pelas práticas NEPBIO favoráveis ao nosso planeta!!!

Muito obrigado Universidade do Estado de Mato Grosso E Universidad Nacional de Colombia. Estudantes, professores... enfim, queridas/os colegas do mestrado, obrigadão!

Obrigado município Cáceres-MT, coração do continente, linda princesinha do rio Paraguai. Pelas tuas gentes; pelos teus inesquecíveis entardeceres; por me tratar tão bem!!!

Muito obrigado mesmo!

Gracias Brasil Y Colombia.

Gracias naturaleza, agua, alimentos, energías, sol, tierra, aire, frio, calor, sensaciones, vida, imaginación, personas, animales, conexiones, madre tierra, posibilidades, fuerzas, lectores/as, etc.

MUCHAS... MUCHISISISIMAS GRACIAS!!!

*“Soy la energía inagotable que busca mejorar
Soy la osadía que me permitió llegar hasta acá
Ojos que nacieron abiertos sin saber mirar
Manos que nacieron vacías y aprendieron a dar*

*Y, desde entonces, solo sé caminar
Y, desde entonces, busco aprender a amar
Sequé mis lágrimas y pude observar
Que aún queda mucha vida para soñar*

*Ando en busca de algo mejor
He recorrido el cielo en busca de una luz interior
Cuánto anhela mi corazón
Que mis días brillen fuertes, como rayos de Sol*

*A tropezones, he crecido y aprendí del dolor
A mal sabores, he vivido lo que aún otros no
Y en el andar me convencí que por cada tropezón
Podía yo haber elegido otro camino mejor*

*Y, desde entonces, siento en mi corazón
Que, al menos, yo pude aprender del dolor
Y hay mucho más para vivir en el hoy
Hay mucho más de donde la luz salió*

*Poder cantar, reír, andar entre los árboles
Recuperar la paz, romper todos los límites
Amar con todo el ser y ver el Sol nacer
Sentirme bien y contemplar otro amanecer*

*Ando en busca de algo mejor
He recorrido el cielo en busca de una luz interior
Cuánto anhela mi corazón
Que mis días brillen fuertes, como rayos de Sol*

*Como rayos de Sol
Tan fuertes como rayos de Sol
Cómo rayos de Sol”*

(Zona Ganjah)

RESUMO

Objetiva-se, nesta dissertação, pensar a Educação Ambiental como estética de existência vivenciada no NEPBIO – Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres – , que constitui os sujeitos que por ali transitam e participam de suas oficinas. Problematisa-se: como as práticas discursivas e não discursivas se movimentam em uma instituição de *governo de si e dos outros*, em relação à Educação Ambiental, e produzem *estéticas outras de existência*, que vão na contramão do projeto capitalístico de sociedade? A Cartografia, inspiração metodológica da pesquisa, é concebida enquanto composição de mapas de agenciamentos permeados por encontros, afetos, afeções, sensibilidades, imagens, pensamentos, sensibilizações, potências, forças, reverberações etc. Esta dissertação se propôs, assim, a compor mapas, acompanhando movimentos de Educação Ambiental do NEPBIO. As análises são realizadas com inspirações nos estudos arqueo-genealógicos desenvolvidos por Foucault, especialmente em relação aos conceitos de: cuidado de si, conhecimento de si, governamentalidade, governo de si, governo dos outros, tecnologias de si, estética da existência. São abordados, também realizando um exercício arqueo-genealógico, os conceitos de *Educação Ambiental* e de *Permacultura*. Ao final conclui-se que as práticas de Educação Ambiental do NEPBIO podem ser concebidas como estéticas de existências *outras*, em relação àquela requerida pelo modelo de produção capitalístico, agenciando outros “modos de ser sujeito” e outras “maneiras de viver”: *estéticas outras de existência*.

Palavras-Chave: Estéticas de Existência. Educações Ambientais. Governo. NEPBIO. Permacultura e Bioconstrução.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to think of Environmental Education as an aesthetics of existence experienced in NEPBIO – Experimental Nucleus of Permaculture and Bioconstruction of Cáceres –, which constitutes the subjects who transit and participate in its workshops there. The question is: how discursive and non-discursive practices move in an institution of government of oneself and others, in relation to Environmental Education, and produce other aesthetics of existence, which go against the capitalistic project of society? Cartography, methodological inspiration for the research, is conceived as a composition of arranged maps permeated by encounters, affections, sensibilities, images, thoughts, sensitizations, potencies, forces, reverberations, etc. Thus, this dissertation proposed to compose maps, following NEPBIO's Environmental Education movements. The analyzes are carried out with inspiration from the archaeological-genealogical studies developed by Foucault, especially in relation to the concepts of: self-care, self-knowledge, governmentality, self-government, government of others, self-technology, aesthetics of existence. The concepts of Environmental Education and Permaculture are approached, also performing an archaeological-genealogical exercise. In the end, it is concluded that NEPBIO's Environmental Education practices can be conceived as aesthetics of other existences, in relation to that required by the capitalistic production model, promoting other "ways of being a subject" and other "ways of living": other aesthetics of existence.

Keywords: Aesthetics of Existence. Environmental Education. Government. NEPBIO. Permaculture and Bioconstruction.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Estudantes, Permacultores e Eu <i>no/do/com o</i> NEPBIO	15
Fotografia 2 – Estudantes experimentando seguindo indicações das/dos permacultores	23
Fotografia 3 – Eu aplicando técnica de reboque em muro de hiperadobe sobre base de garrafas	24
Fotografia 4 – Compactação de sacos de hiperadobe para paredes de casa na Ecovila	25
Fotografia 5 – Bioconstruindo a Casa Manduvi. Ao fundo, pela janela, casa Lela	25
Fotografia 6 – Construção de fossa séptica para tratamento do esgoto de “banheiro seco”	26
Fotografia 7 – Roda de conversa numa oficina NEPBIO com estudantes de uma escola	27
Fotografia 8 – Roda de conversa com estudantes da Unemat (intercessores da pesquisa)	27
Fotografia 9 – Estudantes E Permacultores recorrendo a Ecovila	28
Fotografia 10 – Atentos às narrativas sobre a Bioconstrução da casa Quimera	29
Fotografia 11 – Estudantes e permacultor locados nas Bioconstruções da Ecovila	30
Fotografia 12 – Na parte de atrás da Casa Bambuba, junto aos círculos de bananeiras	31
Fotografia 13 – Placa com lenda “Vida simples; pensamento elevado”	37
Fotografia 14 – “Às vezes nos encontramos no nada; e, é no nada que nos encontramos”	38
Fotografia 15 – Placa com a lenda: É proibido resmungar	38
Fotografia 16 – Estudante frente ao pôster, dentro da Casa de Cupim	43
Fotografia 17 – Janela, cozinha, Casa Bambuba. Técnica: tijolos de garrafas de vidro	54
Fotografia 18 – Plantas para tratamento das águas cinzas, conectando as casas	55
Fotografia 19 – Família visita a Ecovila durante Bioconstrução das casas	56
Fotografia 20 – Estudantes E Bioconstrução de casas com sacos de hiperadobe	59
Fotografia 21 – Prática coletiva de produção de tinta ecológica	65
Fotografia 22 – Estudantes na/da/com a Estética da Existência NEPBIO	67
Fotografia 23 – Materiais recicláveis para destiná-los	71
Fotografia 24 – Placa (pôster): nome e cumprimentos em inglês, português e espanhol	73

Fotografia 25 – A Casa De Cupim	81
Fotografia 26 – Na sala da Casa de Cupim, o permacultor Sandro	82
Fotografia 27 – Visitantes E Permacultores no/do/com o NEPBIO	83
Fotografia 28 – A Flor da Permacultura	84
Fotografia 29 – A BET e o Círculo de Bananeiras	88
Fotografia 30 – Casa Bambuba em processo de Bioconstrução	90
Fotografia 31 – Estudantes na sala da Casa Bambuba	91
Fotografia 32 – Base das casas, feitas com pneus, na Ecovila	93
Fotografia 33 – Estudantes observando e escutando na Ecovila	94
Fotografia 34 – Casa Manduvi na/da/com a Ecovila	94
Fotografia 35 – Grupo de estudantes e permacultores na Ecovila	95
Fotografia 36 – Dirigindo os estudantes rumo ao NEPBIO	105
Fotografia 37 – De bikes e motos rumo ao NEPBIO	107
Fotografia 38 – Estudantes interagindo dentro e fora das bioconstruções	108
Fotografia 39 – Recorrendo a Ecovila	109
Fotografia 40 – Permacultora Suely explicando a atividade das tintas ecológicas	112
Fotografia 41 – Estudantes fazendo tinta ecológica	113
Fotografia 42 – Estudantes pintando paredes com tinta ecológica	113
Fotografia 43 – Foto ao final da oficina na/da/com a Estética da Existência NEPBIO	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.1 Encontros: tornando outra minha estética e de mim um <i>outro</i>	24
1.2 Estudantes e <i>estéticas outras no/do/com o NEPBIO</i>	27
2 <i>ESTÉTICAS DE EXISTÊNCIA</i>	32
2.1 Águas acontecendo: modos de ser sujeitos <i>E</i> maneiras de viver	33
2.2 Práticas discursivas e não discursivas nas/das/com as estéticas de existência	44
2.3 Governamento e Educações Ambientais	47
2.4 Imagética Permacultural NEPBIO: clichês e potências	45
3 ENCONTROS E PRÁTICAS NO/DO/COM O NEPBIO	68
3.1 Emergindo nas questões ambientais	68
3.2 Águas <i>outras</i>: O rio Paraguai, Cáceres-MT e o Pantanal	69
3.3 NEPBIO: Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução	70
3.4 Fonte de inspirações: <i>Permacultura Um</i>	74
3.5 A Casa de Cupim	80
3.6 Sete (7) Princípios Éticos da Flor da Permacultura	84
3.7 Tanque de Evapotranspiração: BET e Círculo de Bananeiras	88
3.8 Casa Bambuba	89
3.9 A Ecovila	92
4 ESTUDANTES E <i>EXPERIÊNCIAS DE SI</i> NEPBIO	96
4.1 In(ter)dependências: ar livre, trajetos e <i>espaçostempos outros</i>	106
4.2 <i>Imagética NEPBIO</i> nas/das/com as práticas ecológicas	110
4.3 <i>Topofilia</i>: afetos permanecendo e pertencendo	114
4.4 Primeiro cuide de você: da água que você bebe e do que você produz	116
4.5 Instituição Familiar: cuidar de mim mesmo e cuidar dos outros	118
4.6 Bioconstruir nossa casa: pensamento, coração e botar mão na massa	119
4.7 Design <i>E</i> técnicas da Permacultura	122
4.8 Tornando(nos) <i>Estéticas Outras de Existência</i>	125

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 129

REFERÊNCIAS 131

INTRODUÇÃO

“Salgamos de la gran ciudad¹, ven conmigo;
levantemos una comunidad cerca del río;
hagamos algo para que cambie nuestro destino;
ser libre y proponte encontrar el camino”
Zona Ganjah

Em sintonia com esse convite de Zona Ganjah² – música que conheci, afetou-me e potencializou-me meses antes de iniciar este programa de pós-graduação, estando na Colômbia e que me acompanhou rumo ao Brasil –, apresento, aqui, agora, um caminho por mim trilhado, com ritmos repetidos e diferentes, em meio aos *encontros* que me dispus a viver no/do/com o mestrado.

Ao programa de Pós-graduação em Educação cheguei, fazendo uso da minha “liberdade regulada” (SILVA, 1998), desejeante de constituir-me Estudante *E* Professor de temáticas ambientais – matérias entendidas nos entornos acadêmicos também com a noção *Educação Ambiental*³ e/ou, como apresentarei, com essa noção na forma plural *Educações Ambientais* –.

Buscando *problematizar* a mim mesmo, e aos outros, a partir do exercício de uma “ética ambiental” nas/das/com as práticas cotidianas pessoais e sociais, dispus-me a: *encontros* que provocaram *outros*⁴ de mim (devires); *afetos* que forçaram meu corpo e meus pensamentos para tornar *outros* meus *discursos*, minhas *práticas*. Perguntava-me como conseguir ter uma “experiência modificadora de si mesmo no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação” (FOUCAULT, 1990b, p.13). Respondi-me decidindo pela educação, escolhendo cursar esse programa de pós-graduação (stricto sensu), público e gratuito no Brasil.

Ao sair da grande cidade Santafé de Bogotá (capital da Colômbia), – tal como convida a música –, de seus acelerados congestionamentos, “cimentadas poluições”, de linhas retas, lisas e cinzas, encontrei uma bifurcação que, nesta dissertação, convido vocês a conhecer.

¹ Santafé De Bogotá Distrito Capital, Colômbia.

² Grupo de música reggae roots, iniciada no ano 2003, na cidade chilena de Antofagasta. Informação obtida do site <https://zonaganjah.es.tl/Su-Historia.htm> acessada no 02 de maio de 2021.

³ Na seguinte seção abordo diferentes discursos sobre essas noções.

⁴ Penso a noção de *outro* como imagens materiais e virtuais.

Perspectivas pós-estruturalistas me possibilitaram conceber, nesta dissertação, que somos e estamos, nós e outros, permanente e heterogeneamente existindo *nas/das/com as* multiplicidades ambientais, sendo como águas e seres das linguagens.

Somos constituídos ao mesmo tempo que vamos constituindo redes sistêmicas nos/dos/com *espaçotempos*⁵ onde, quando e como somos e estamos existindo. Somos constituídos com formas e modos; com potências (virtuais) e forças (atuais). Somos, assim, possíveis de formas e modos *outros* de existência. Formações e Mudanças. Atualizações. Virtualidades atualizadas. Potencializados nos/dos/com os encontros; acontecendo estéticas.

Nesse contexto, problematizo, na pesquisa ora apresentada, processos de ser do sujeito, a partir do conceito *Estética da Existência*, criado pelo filósofo Michel Foucault (2006a). Ele, professor francês, pensa/problematiza as formações e mudanças dos “modos de ser sujeito” e “maneiras de viver”, tratando-se de campos éticos e estéticos que produzem *estéticas de existência*. Esses conceitos movimentam a escrita desta dissertação.

Fotografia 1 – Estudantes, Permacultores e Eu no/do/com o NEPBIO



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

⁵ Entendendo-a como unidade indissociável, utilizo a forma gramatical “*espaçotempos*”, baseado nos *estudos nos/dos/com os cotidianos*, liderados pela professora Nilda Alves (2000). Dessa forma consegue-se explodir com binarismos/dicotomias/polaridades herdadas da modernidade.

Inspirando-me na perspectiva pós-estruturalista, teci o objetivo desta pesquisa que é: pensar/problematizar a Educação Ambiental como estética de existência vivenciada no **NEPBIO – Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres** –, que constitui os sujeitos que por ali transitam e participam de suas *oficinas*.

Assim, com Foucault, compreendo que

O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interroga-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamos-lo como problema (FOUCAULT, 2004b, p. 231-232).

Como exercitei a prática de pensar/problematizar nesta pesquisa? Realizando um exercício de composição cartográfica, mapeando as práticas experienciadas no NEPBIO, identificando-as ao conceito de Educação Ambiental e, em seguida, analisando como essas práticas reverberam nas vidas dos estudantes que transitam nas oficinas ali oferecidas.

As *práticas discursivas e não discursivas* experienciadas no *espaçotempo* do NEPBIO ⁶ as/os Estudantes do curso de segundo semestre de Biologia da UNEMAT são os *intercessores*⁷ desta pesquisa.

Segundo os professores Gilles Deleuze⁸ e Felix Guattari⁹, afirmaram que:

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p 156).

Questiono, nesta pesquisa: é possível produzir uma *estética da existência* diferente, que rompa com os padrões requeridos pela estética capitalística (do consumo exacerbado e do descarte impensado)?

Acompanhando meu objetivo principal, que é: pensar a Educação Ambiental como estética de existência vivenciada no NEPBIO – Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres –, que constitui os sujeitos que por ali transitam e participam de suas oficinas, busco, com esta pesquisa, pensar/problematizar como as práticas discursivas e não

⁶ E na sua forma maiúscula, ressaltando com Deleuze (2011) as permanentes uniões da heterogeneidade dos *RIZOMAS*.

⁷ Estudantes, permacultores, professores, etc.

⁸ Professor, filósofo francês. Sua obra compõe o campo Filosofia da Diferença, no Brasil.

⁹ Psicanalista francês. Desenvolveu trabalhos filosóficos junto ao filósofo Deleuze.

discursivas do NEPBIO acontecem em uma instituição de *governo de si e dos outros*, em relação à Educação Ambiental, e produz uma *estética outra de existência*, que vai na contramão do projeto capitalístico de sociedade.

Entendo que a produção de subjetividade capitalística tem como propósito eliminar os processos de singularização, neutralizando pensamentos e agires *outros*, pois...

Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação. Não somente os professores, mas também os médios de comunicação de massa (...) são muito dotados para esse tipo de prática. (GUATTARI e ROLNIK, 2013, p. 52)

Nesse sentido, estava ante o desafio de pensar como “transformar a si mesmo naquilo e por meio daquilo que se faz, sem jamais esquecer a escuta do mundo, seus alucinantes gritos ou os murmúrios menos perceptíveis: ‘examinar as coisas mais de perto’” (FISCHER, 2012, p. 12)

Para o alcance desse objetivo, utilizei-me de peças do arsenal de ferramentas disponibilizado por Michel Foucault. Em relação ao modo como Foucault opera com o tema produção do sujeito, Fischer identifica dois conceitos fundamentais: a estética como enfrentamento do poder e a genealogia crítica como intervenção, respaldando a relação de saber-poder, indispensável nos estudos foucaultianos.

(...) quanto aos modos de tratar o tema da produção do sujeito, à categoria da estética como enfrentamento do poder e à opção por uma história genealógica e crítica, como forma de intervenção nas redes discursivas e de saber” (FISCHER, 2012, p.12)

Assim, nesta dissertação apresento dois caminhos metodológicos. O primeiro, a **cartografia**, foi utilizado para compor os encontros dos estudantes do curso de Biologia da UNEMAT com a estética de existência do NEPBIO e suas práticas discursivas e não discursivas. O segundo, foi a realização de um exercício **arqueo-genealógico** demonstrando como estéticas de existências *outras* são praticadas naquele *espaçotempo* e como essas podem ser concebidas como *práticas de governo de si e de outros*.

Narro, descrevo, analiso os encontros no/do/com o *espaçotempo* do NEPBIO que, defendo, constituem *estéticas de existências outras*. Ou seja, constituem-se em práticas de Educação Ambiental que produzem subjetividade. Concebo aquele *espaçotempo* como uma instituição de *governo*, que produz *estéticas outras de existência*, diferenciada daquela requerida pelo modo de produção de subjetividade capitalístico.

Segundo a obra filosófica do professor Gilles Deleuze (1995), uma pesquisa que se pretende cartográfica requer *agenciamentos*. Agenciar é “estar no meio” e se abrir aos encontros, afetos, devires¹⁰.

Inspirado nos estudos pós-estruturalistas e com o rigor científico da postura de pesquisador participante de uma pesquisa qualitativa, disposto a afetos nos/dos/com os acontecimentos, esta dissertação está escrita em forma de agenciamento. Apresento encontros que reverberam com minha estética da existência e tem a intensão de potencializar e causar outros agenciamentos no campo Educacional (MALDONADO, 2017).

A concepção cartográfica possibilita tecer a pesquisa sem regras fixas preestabelecidas, pois age por mapas. “Mapas que se superpõem de tal maneira que cada um encontra no seguinte um remanejamento, em vez de encontrar nos precedentes uma origem.” (DELEUZE, 1997, p. 75). Mapas permeados por encontros, acontecidos e acontecendo, e com possibilidades de encontros outros; afetado, afetando e disposto a afetos novos.

Tratou-se para mim, de encontros que, como nos ensina Deleuze, a partir de inspirações sobre a ética de Espinosa, podem ser potencializadores, fortes, ou despotencializadores, tristes. Para o filósofo,

quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, e ao contrário, quando um decompõe o outro, destrói a coesão das suas partes (DELEUZE, 2002, p. 25).

Potências e forças, permanentemente, compondo e descompondo; compondo-nos e descompondo-nos. Compondo e descompondo *outros*. Acontecendo, como nos ensina Foucault: “formas de sujeito” e “maneiras de viver”. Sem um início fixo, sem um fim fixo.

Somos tecidos complexos com formas de ser e maneiras de estar; com características singulares e/ou gradativamente compartilhadas; com misturas de diversas cores *E*¹¹ texturas *E* cheiros *E* gostos *E* propriedades *E* essencialidades *E* muitos compostos mais; em movimentos majestosamente plurais.

Compreendo os modos de ser e maneiras de viver, estéticas de existência, como águas em movimentos, constituídas e que constituem, que podem ser exemplificadas como as águas do rio Paraguai no/do/com o continente Sul-americano. Esse rio em seu riolar, cresce e desce num palpitar descontrolado; incha abundantemente, sendo/contendo mais vidas; mas, paradoxalmente, tendo que suportar ser prejudicado, secado, deixando-o no seu nível mais

¹⁰ Acontecendo afetos, potências e forças, possíveis como modos de ser e maneiras de viver.

¹¹ Segundo o livro *Mil Platôs I: o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”* (DELEUZE e GUATARI, 2011, p. 48)

baixo. Ele existe e resiste de um e/ou de outros modos, formas e maneiras e constitui estéticas no/do/com o município de Cáceres-MT. Estéticas vivas, estéticas móveis.

Nós, sendo permanentes subjetivações, modos, maneiras, formas e transformações, processos sistêmicos, acompanhamos movimentos similares... ora enchendo-nos com os encontros potentes, que criam vidas outras, singulares e plurais; ora secando-nos, decompondo nossa força, a partir de encontros que despotencializam, obstruem, limitam, cristalizam, detêm, impedem, minam nossas energias.

Apostamos que existências *outras* são possíveis, como águas *outras* caindo pelos chuveiros e pelas cachoeiras. Muitas *outras* contidas nos galões que vão acalmar as sedes de algumas pessoas, em alguns momentos, nos quentes dias mato-grossenses (circunstancias, fatores e atores sociais, políticos e econômicos condicionam quais e como vidas utilizem vitais recursos como são as águas, condicionando-nos). Ainda mais próprias de nós, *outras* águas constituindo/sendo corpos, sendo em/de/com nós (conosco).

Todas essas e *outras* formações e/ou modos de existência, heterogêneas, múltiplas, diferentes e diversas, sistêmicas, *rizomáticas*¹² (DELEUZE, 2011) são abordadas pelo professor Foucault como tema dos discursos e da verdade, com o qual ele cria o conceito *estética da existência* (FOUCAULT, 2006a).

Buscando entender esse conceito: *estética da existência*, como formações e mudanças de modos de existência, sobre “fazer de si um outro para si mesmo” (FISCHER, 2012, p.12) na seção 2, intitulada **Estéticas de Existência**, inspirado em Foucault desenvolvo esse conceito a partir de sua emergência conceitual, a relação com a noção de práticas discursivas e não discursivas, o discurso de Educações Ambientais e uma imagética NEPBIO.

Na subseção **2.1 Águas acontecendo: modos de ser sujeitos e maneiras de viver** elaboro um mapa das análises arqueo-genealógicas: descrições e comentários, feitos pelo professor Foucault, viajando com noções históricas de “cuidado de si” e de “conhece-te a ti mesmo”.

Assim, pensando com Foucault, estudamos, viajamos, jogamos, analisamos, as relações que ele considera como o problema entre “sujeito” e “verdade”. Foucault nos atenta considerando que essa relação remete ao conceito grego *epiméleia heautoû*, caracterizada, entendida, como “cuidado de si”. Viajamos historicamente com os jogos da linguagem.

Analisando ditos e escritos, Foucault remete ao antigo texto grego, escrito por Platão, do Alcibíades, onde encontra a origem desse conceito “cuidado de si”. Descrevendo condições

¹² Conceito de “Rizoma” criado pelos professores Gilles Deleuze e Felix Guattari (2011).

que possibilitaram aquela emergência conceitual, Foucault analisa como aquele conceito está relacionado com o conceito *gnôthi seautón*, correspondente à prescrição delfica “conhecer-se a si mesmo”.

Bora... vamos jogar com a linguagem, com ferramentas foucaultianas. Uma coisa é “conhecer-se a si mesmo” e outra é que, segundo o texto do Platão, Sócrates fale para alguém que têm que se conhecer a si mesmo: conhece-te a ti mesmo! Pois é. Ainda mais quando se pretende “mandar”, conduzir a vida de outros; né? Bem, Foucault alude às pretensões do Alcibíades de governar aos outros. Nesse sentido, estamos atentos de formações discursivas relacionadas com a noção de *governar*.

Dessa maneira, na seção **2.2 Práticas discursivas e não discursivas nas/das/com as estéticas de existência**, elaboro um mapa outro, pensando/problematizo, então, o NEPBIO como constituído e constituidor de práticas discursivas e não discursivas, nas/das/com as relações de poder. Desse modo, o NEPBIO é pensado/problematizado como prática de *governamento*.

Assim, trata-se de problematizar como “um indivíduo, então, aceita certas maneiras de comportar-se e determinados valores porque decide e quer realizar em sua vida a beleza que eles propõem” (CASTRO, 2009, p. 150). Isto implica pensar “modos de sujeição” e “maneiras de viver” como formações discursivas de enunciados; acontecimentos; processos de objetivações e subjetivações.

Acompanhando essa analítica arqueo-genealógica da teoria discursiva foucaultiana sobre a relação sujeito e verdade, após o período grego platônico, é possível analisar como essa relação se transforma durante o que ele considera como “momento cartesiano”. Lá, a noção “cuidado de si” tornou-se outra; teve uma mudança radical. Numa perspectiva transcendentalista, própria desse momento cartesiano, o sujeito deve se tornar outro para o “acesso à verdade”; particularmente, para ser capaz de “ser iluminado com a verdade”.

Continuando as analíticas viagens históricas dos deslocamentos conceituais da noção “cuidado de si”, dessas relações “sujeito” e “verdade”, vamos aos encontros com Espinosa e Nietzsche para, felizmente potencializados, entender que as verdades são deste mundo; que as verdades são neste/deste/com este planeta: Terra. Imanentes. Sendo imanentes *formas e formações de ser sujeito, e maneiras e mudanças dos modos de viver*.

Nesse sentido, penso/problematizo com Foucault, com Espinosa, com Nietzsche e com muitos a mais.

Como?

Pensando/problematicando, analisando, descrevendo e comentando, atento sobre às palavras e as coisas, segundo a teoria discursiva de Foucault, práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental nessa/dessa/com essa *estética outra de existência*.

Sim, pensando com Foucault, para quem

o pensamento não existe para consolar; pelo contrário, existe para nos abrir de nosso tempo, nessa atitude ética e política de enfrentá-los, mais do que ficar apontando certas alternativas e soluções (FOUCAULT, 1995c, p. 256)

Utilizo da “caixa de ferramentas” de Foucault sua *teoria das práticas discursivas* (FISCHER, 2012)

Mas o que quer uma teoria das práticas discursivas? Tão só descrever acontecimentos discursivos. E isso não é pouco. Trata-se de flutuar no limite das coisas e das palavras, como escreve Foucault a respeito dos livros de Deleuze — justamente porque o acontecimento não se reduziria jamais a um estado de coisas, funcionando como o referente de algo que foi dito e cuja veracidade ou falsidade buscaríamos investigar. (FISCHER, 2012, p. 25)

Assim, “entre os perigos e urgências dos discursos verdadeiros” cartografar, problematizando, descrevendo e comentando práticas discursivas e não discursivas acontecidas e acontecendo discursivamente nos/dos/com os encontros.

Pensando/problematicando acontecimentos NEPBIO como formações e/ou *práticas discursivas*, que constituem e produzem *estéticas de existência*, na subseção **2.3 Governamento E Educações Ambientais**, elaboro um mapa cartográfico analisando *enunciados* desses acontecimentos discursivos (FISCHER, 2012) a partir da emergência do discurso de *Educação Ambiental* e que, inspirado em publicações científicas de professores interessados nos estudos críticos sobre temáticas ambientais e educação, penso o NEPBIO sendo *espaçotempo* de práticas discursivas e não discursivas de Educações Ambientais.

Encontros com esses autores, com minhas inquietações, com outras línguas, com o município de Cáceres-MT, com a comunidade universitária da UNEMAT, com novos discursos, com *estéticas outras*, e múltiplos agenciamentos, foram condições que possibilitaram esta dissertação.

Um encontro feliz no meu andar com Educações Ambientais já tinha me acontecido sendo professor da Educação Básica, na Colômbia, no ano 2015. Um grupo de estudantes sensibilizou-se com “práticas pedagógicas ambientais” com foco temático dos recursos primordiais: as águas, no entorno educativo.

Encontros *outros* aconteceram com meu mestrado.

Quando retornei ao ambiente universitário no ano 2019, também com amor pela educação, foi momento crucial, oportuno, de decisivas mudanças para minha família, para mim.

Contar com uma “Bolsa¹³” foi fundamental para poder ariscar-me a morar dois (2) anos em outro país. Acontecendo, viajei.

Agenciamentos, afetos acontecendo. “Potência de agir” (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 75) no/do/com o Mestrado em Educação no Brasil. Com convicção de encontrar aquilo que pretendia, renunciei àquela minha “cristalizada capitalística” rotina cotidiana, deixei o local onde morava, e passei a me aprontar ao meu voo de “ser livre”, tal qual o sugere Deleuze e Parnet, pois consegui “encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se na alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação” (DELEUZE E PARNET, 1998, p. 75).

Foi momento de recomeçar!

O lapso temporal entre a publicação do edital de aceitação ao mestrado e a data para fazer presencialmente a matrícula, era de menos de 2 meses; embora eu já tivesse feito outra viagem internacional, fica muito próximo quando se trata de ter que comprar passagens internacionais e deixar tudo para ir estudar no exterior.

Ao Mestrado em Educação cheguei graças ao acordo de cooperação acadêmica, parceria de extensão e internacionalização acadêmica entre a Universidad Nacional de Colombia — UNAL — e a Universidade do Estado de Mato Grosso — UNEMAT —.

Momento... Um Colombiano na acolhedora e linda “Princesinha do Rio Paraguai”?

Nossa... Quantos quilômetros? Bom... Eu desde criança sinto carinho pelo Brasil. Carinho mesmo; sabe?

Eu, que aprendi a amarrar as minhas chuteiras primeiro que os meus sapatos do colégio, quando era criança assistia jogos de futebol, tanto da seleção como do campeonato brasileiro, pela parabólica que tinham na casa da minha bisavó; quando a visitava, me deixavam sentado na sala frente ao televisor.

Eu ficava horas assistindo; escutando as emocionantes narrações dos jogos. A prosódia da língua portuguesa cada dia me era mais amigável. Eu conseguia entender, apesar de não conhecer certos termos, pelos afetos que produz em mim o futebol e que potencializam meu pensamento.

Agora, por que não pensar esse acontecimento como início desta dissertação, de minha pesquisa? Pensando Colômbia *E* Brasil como um todo, uma mesma rede de multiplicidades, diversidades, singularidades, similaridades e diferenças. Conexões que, ainda hoje, desde outras tribunas, potencializam meu existir.

¹³ Como parte deste preambulo, ressalto que esta pesquisa foi realizada, também, graças ao programa de bolsas para desenvolvimento de pesquisas, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Bom, já no mestrado permaneci e pertenci ao time dos estudos de perspectiva pós-estruturalista, a partir dos quais encontrei as inspirações teórico metodológicas da teoria discursiva de Michel Foucault. Sobre a obra teórica dele, a professora Rosa Maria Bueno Fischer (2012) nos atenta que:

Para Foucault, descrever práticas discursivas e não discursivas, em torno de um objeto ou tema tem a ver com um trabalho dedicado e pormenorizado de investigar e expor aqueles espaços não óbvios, aqueles vazios (ou seja, aquilo que fica para além do óbvio, do já dito, do já sobejamente conhecido e nomeado) que se localizam em torno de nossos objetos, aquilo que, em certa época histórica, está virtualmente posto para que tais e tais objetivações ocorram. (FISCHER, 2012, p.106)

As *objetivações* ocorrem como processos de *governamento* (conceitos foucaultianos). É a partir dela que nos constituímos os “sujeitos” que somos. Ou seja, a partir de modos de objetivação somos *subjetivados*. Veremos a partir dos estudos de Deleuze que o processo de constituição do sujeito, mediado pelo pensamento, acontece com imagens: com clichês como esquema sensório-motor nas/das/com as imagens do pensamento, cristalizando-as e normalizando-as, tornando-as “naturais”. Motivo pelo qual, seguindo ao Foucault e ao Deleuze, é preciso romper com os clichês para potencializar o pensamento, o corpo, modos de ser e maneiras de viver.

Fotografia 2 – Estudantes experimentando seguindo indicações das/dos permacultores



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

1.1 Outros *encontros* fazendo de minha estética e de mim um *outro*

Pensando as formações discursivas como *regimes de verdade*¹⁴ elogio¹⁵ acontecimentos discursivos, práticas discursivas e não discursivas na/da/com a *estética da existência NEPBIO*, a partir das minhas experiências, dos perceptos¹⁶ e afetos, das narrativas das/dos permacultores e de demais artes que convergem no NEPBIO.

Essas inspirações, teorias *E* práticas, potencializaram meus pensamentos sobre as conexões entre campos da linguagem e temas ambientais que vinham-me acompanhando, constituindo-me faz vários anos, principalmente, após minha formatura em Linguística, na Universidad Nacional de Colombia.

Compondo a cartografia, agenciamentos outros da pesquisa aconteceram, como narro na **Seção 3. *Encontros E Práticas no/do/com o NEPBIO***, sendo concebidos nesta dissertação como *práticas discursivas e não discursivas de Educações Ambientais* que me tornaram *outro*.

Fotografia 3 – Eu aplicando técnica de reboque em muro de hiperadobe sobre base de garrafas



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

¹⁴ Entendendo-se como *formações discursivas* que acontecem constituindo modos de ser e maneiras de viver. (FOUCAULT, ANO)

¹⁵ Uso o termo *elogio* no sentido de “mostrar”, apontado no livro *Elogio da Escola* (LARROSA, 2017)

¹⁶ Conceito descrito e comentado na subseção 3.4

Fotografia 4 – Compactação de sacos de hiperadobe para paredes de casa na Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 5 – Bioconstruindo a Casa Manduvi. Ao fundo, pela janela, casa Lela



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 6 – Construção de fossa séptica para tratamento do esgoto de “banheiro seco”



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Inspirado em algumas peças do arsenal de ferramentas teórico metodológicas pós-estruturalistas, analiso as práticas discursivas e não discursivas no/do/com o NEPBIO, caracterizando, descrevendo e comentando *encontros* com *Águas Outras: O Rio Paraguai, com o município de Cáceres-MT* (estética da existência conhecida como “A Princesinha do Rio Paraguai”), com o bioma *Pantanal*; com *O NEPBIO: Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução*; com a *Fonte de Inspirações: Permacultura Um*; com a *Casa de Cupim*; com *Os Sete Princípios da Flor da Permacultura*; com o *Tanque de Evapotranspiração: BET e o Círculo de Bananeiras*; com a *Casa Bambuba*; com a *Ecovila*.

Em devires com esses *encontros* no/do/com o NEPBIO, experienciei afetos, potências e forças, como movimentos, *modo de ser sujeito* e *maneiras de viver*. Provocaram devir em mim. Esculpiram meu corpo produzindo uma nova estética para minha existência.

Fotografia 7 – Roda de conversa ao início de uma oficina NEPBIO com estudantes de uma escola



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

1.2 Estudantes *E* estéticas outras no/do/com o NEPBIO

Fotografia 8 – Roda de conversa com as/os estudantes da Unemat (intercessores da pesquisa).



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Movimentando-me pela problemática estabelecida sobre as reverberações das práticas de Educações Ambientais NEPBIO nas/nos Estudantes, e no exercício de composição cartográfica como método da pesquisa, avancei buscando compor um mapa de análises dessa imagética daquele *espaçotempo*, pensando/problematizando como essa movimenta a vida dos estudantes que por ali passam.

Fotografia 9 – Estudantes E Permacultores recorrendo a Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Nessa busca, a quarta seção, intitulada *Estudantes e Experiências de si NEPBIO*, acontece como mapas de análises das práticas discursivas e não discursivas no/do/com o NEPBIO. Elogio¹⁷, descrevendo e comentando, esses acontecimentos discursivos, essas práticas, em agenciamento com as/os Estudantes, a partir das suas experiências no/do/com o NEPBIO.

Analiso as práticas NEPBIO como uma imagética com regularidades próprias que, em permanentes devires funciona como *Tecnologias de si*, e potencializaram e forçaram discursos outros, práticas outras, modos de ser sujeito, maneiras de viver, enfim, *estéticas outras de existência*.

¹⁷ Inspirado no livro *Elogio da Escola*. Larrosa (2017).

Fotografia 10 – Atentos às narrativas sobre a Bioconstrução da casa Quimera



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 11 – Estudantes e permacultor locais nas Bioconstruções da Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 12 – Na parte de atrás da Casa Bambuba, junto aos círculos de bananeiras



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

A modo de *Considerações Finais*, na seção 5 faço um mapa¹⁸ *outro*. Mapas vistos nas seções anteriores, agenciamento com agenciamentos; descrevo e comento tecidos discursivos NEPBIO; das práticas, das teorias, dos encontros e desencontros, com afetos alegres e tristes, com mapas outros, possibilitando agenciamentos *outros*.

Agenciamentos e reverberações *COM estéticas outras da existência*. As estéticas da existência promovidas, constituídas e configuradas pelo NEPBIO com as/os Estudantes.

¹⁸ “cada um é mapa de mapas”.

SEÇÃO 2.

ESTÉTICAS DE EXISTÊNCIA

Nesta seção elogio, mostro, descrevendo e comentando, um pouco da composição teórica metodológica deste exercício cartográfico. Elaboro e apresento um mapa de mapas com: autores, condições históricas, perspectivas, imagens, pensamentos, problematizações, análises, ações, criações, artes, conceitos, noções, clichês, desnaturalizações, etc.; um arcabouço de inspirações; uma singela de paixões (FISCHER, 2012).

Inspirações que, a partir dos *encontros* com o *Grupo de Estudos e Pesquisa em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos - GEPECSCC*, ao qual fui adscrito como mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEd – da UNEMAT, possibilitaram que esta dissertação fosse composta. O grupo apresentou-me jeitos pós-estruturalistas de fazer pesquisa.

O termo “Pós-estruturalismo”, segundo Peters (2000), emergiu nos Estados Unidos, sendo utilizado para designar um grupo de pensadores com uma tendência científica particular.

Segundo Peters,

O pós-estruturalismo deve ser visto como um movimento que, sob a inspiração de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros, buscou descentrar as “estruturas”, a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo, criticando a metafísica que lhe estava subjacente e estendendo-o em uma série de diferentes direções, preservando, ao mesmo tempo, os elementos centrais da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista (PETERS, 2000, p.10).

Dois desses “outros” citados por Peters são os professores *Michel Foucault* e *Gilles Deleuze*, quem específica, mas não unicamente, inspiraram, afetaram, acompanharam, aconselharam, intercederam, atrapalharam, descentraram, possibilitaram, revivificaram, potencializaram meu pensamento e corpo, meus discursos e práticas na/da/com a pesquisa.

Lembro do momento que falaram para mim que o filósofo francês Michel Foucault talvez fosse o autor mais “trabalhado” nos estudos do meu grupo. Desde vários anos atrás tinha vontade de abordar suas concepções sobre suas teorias dos Discursos, das quais tinha começado a ter noção quando cursei minha graduação em linguística.

Aquelas reuniões, leituras, discussões, conversas, etc., com o grupo, principalmente de maneira presencial durante o primeiro ano do mestrado (antes da pandemia¹⁹), foram

¹⁹ Crise socioambiental conhecida a nível mundial com o termo “Covid 19” ou “corona vírus”. O primeiro caso no mundo foi detectado na China, segundo a Organização Mundial da Saúde. Na América do Sul, o primeiro caso foi registrado no Brasil, em fevereiro do 2020.

fundamentais para projetar e desenvolver minha pesquisa. Trata-se, assim, dos estudos que potencializaram meu pensamento sobre a Filosofia da Diferença²⁰.

Num daqueles encontros com minha orientadora, líder do grupo: a professora doutora Maritza Maciel Castrillon Maldonado, concordando com o meu interesse de que o *espaçotempo* de minha pesquisa fosse o NEPBIO, ela orientou-me para abordar e desenvolver meu trabalho de investigação científica a partir do foucaultiano conceito *Estética da Existência*. Esse conceito é concebido, segundo o Vocabulário de Foucault, também, como “maneira de viver” e “modo de sujeição” (CASTRO, 2009, p. 150).

Com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após ter falado para as/os permacultores, integrantes da família NEPBIO: família “Carioca de Paula”, sobre minha vontade de fazer com eles – NEPBIO – minha pesquisa de mestrado, e que faríamos uma **oficina** com uma turma da UNEMAT que eu levaria, tudo ficou aceito... acordado... consentido... por enquanto!

Assim, minha aproximação ao conceito *estética da existência* acontecia entre encontros e afetos, agenciamentos da minha pesquisa.

Com isso, objetivei pensar as Educações Ambientais como *estéticas de existência* vivenciadas no NEPBIO –Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres– que constituem os sujeitos que por ali transitam e participam de suas oficinas.

Busco, assim, com esta pesquisa, pensar/problematizar como as práticas discursivas e não discursivas do NEPBIO acontecem em uma instituição de *governo de si e dos outros*, em relação às Educações Ambientais, e produzem *estéticas outras de existência*, que vão na contramão do projeto capitalístico de sociedade.

Com esse desejo, movi-me a conhecer mais de perto, estudando, o arsenal de ferramentas da teoria discursiva, disponibilizada pelo mesmo professor Foucault. Aquele meu estado inicial requeria me tornar outro: sendo e estando empoderado do conceito *estética da existência*.

2.1 Águas acontecendo: modos de ser sujeitos e maneiras de viver

Orientado para desenvolver minha pesquisa a partir do conceito *estética da existência*, movi-me a estudá-lo na/da/com a teoria discursiva do Foucault. Nesse sentido, acompanho o

²⁰ Correntes filosófica, a partir das obras do professor Gilles Deleuze.

pensar/problematizar de Foucault sobre a relação entre “sujeito” e “verdade”, que atravessa toda a obra foucaultiana, inspirando-me com sua teoria metodológica de analítica arqueo-genealógica.

Com essa ferramenta foucaultiana (a arqueo-genealogia), realizo um exercício de composição das relações que escapam à ciência tradicional, fundamentado no primeiro eixo de análises foucaultianas, do ser-saber - Arqueologia. Também com Michel Foucault, exercito o conceito de Poder, considerado o segundo eixo da sua obra - Genealogia.

O conceito “*estética da existência*”, foi criado pelo filósofo Foucault na terceira fase de suas pesquisas, dedicada aos estudos sobre *sujeito* e *discurso*, analisando-o arqueo-genealogicamente como questões *éticas* e *estéticas*.

Especificamente, como afirma a professora Rosa Maria Bueno Fischer: “o que ele faz nesse período é efetivamente complicar o pensamento sobre poder e verdade, explorando o tema do *cuidado de si e da relação consigo*, da ética do sujeito” (FISCHER, 2012, p. 29, *grifo meu*).

Sobre o “método” foucaultiano nesse terceiro eixo, ela diz:

(...) esse deslocamento [da forma de fazer história] se fez a partir da criação de uma espécie de teoria das práticas discursivas, chamada de *arqueologia*, cujo centro é a descrição dos acontecimentos, a descrição das transformações dos enunciados, dos discursos. (FISCHER, 2012, p.24, [grifo meu])

Descrições como análises, tendo presente que para Foucault “o discurso está constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 1969, p.153). Condições de existência que Foucault analisa, discursivamente, com sua metodologia arqueo-genealógica.

A obra filosófica do Michel Foucault é composta e movimentada por distintos termos, conceitos, noções, que maiormente foram traduzidas do idioma francês para o português; alguns desses elementos do acervo linguístico, filosófico, analítico, teórico, metodológico etc., são: descrever; condições; discursos; arqueologia; genealogia; práticas; ética; coisas; objetivações; subjetivações; sujeitos; estética; existência; verdades; realidades; formações discursivas; regimes de verdades; governabilidades; micropoder; biopoder.

Dedico esta subseção a elaborar um mapa cartográfico seguindo, precisamente, a partir desse terceiro eixo de analítica arqueo-genealógica foucaultiana sobre a relação “sujeito” “verdade”, pensada/problematizada, com o campo da ética, como *estética da existência*.

Esses estudos do professor, filósofo francês, foram expostas por ele mesmo nas suas aulas compreendidas entre as datas 6 de janeiro de 1982 e 24 de março de 1982, correspondentes

ao Curso dado no Collège de France (1981-1982). Posteriormente, foram publicadas no livro *A Hermenêutica do Sujeito* (FOUCAULT, 2006b).

Segundo essas suas análises históricas, concernentes às questões da ética do sujeito, descrevendo e comentando com sua teoria de práticas discursivas, o professor Foucault remete à época da antiga Grécia, especificamente entre os séculos V e IV a. C., abordando a noção grega *epiméleia heautoû*, entendida como “cuidado de si” e a prescrição délfica *gnôthi seautón*, entendida como “conhece-te a ti mesmo”.

A noção *epiméleia heautoû* (Cuidado de Si mesmo), como confere Foucault:

É uma atitude - para consigo, para com os outros, para com o mundo. [...] uma certa forma de atenção, de olhar [...] é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento. Há um parentesco da palavra *epiméleia* com *meléte*, que quer dizer, ao mesmo tempo exercício e meditação [...] Também designa sempre algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos. Daí, uma série de práticas que são, na sua maioria, exercícios, cujo destino (na história da cultura, da filosofia, da moral, da espiritualidade ocidentais) será bem longo. São, por exemplo, as técnicas de meditação; as de memorização do passado; as de exame de consciência; as de verificação das representações na medida em que elas se apresentam ao espírito, etc. (FOUCAULT, 2006, p.14-15)

Vamos com essa análise foucaultiana “milénar” da concepção de *epiméleia heautoû*, passando a entender o *cuidado de si* como “atitude – para consigo, para com os outros, para com o mundo”. Nesse sentido, Foucault refere-se à obra do Platão, aludindo especificamente que é “em particular no texto Alcibíades (ano 390 a. C.), que assistimos à **emergência** do *cuidado de si* na reflexão filosófica” (FOUCAULT, 2006, p.41, **grifo meu**).

Desse modo, analisando a noção *cuidado de si* em relação com “os outros”, na figura socrática, Foucault remete às pretensões do Alcibíades de “governar” aos outros:

Alcibíades tinha em mente mais do que a vontade de tirar proveito, ao longo da vida, de suas relações, de sua família, de sua riqueza; e sua beleza está se acabando. Alcibíades não quer contentar-se com isto. Quer voltar-se para o povo, quer tomar nas mãos o destino da cidade, quer governar os outros. Em suma, [ele] é alguém que quer transformar seu *status* privilegiado, sua primazia estatutária, em ação política, em governo efetivo dele próprio sobre os outros. (FOUCAULT, 2006, p.44)

Assim, estamos ante o conceito “governar”, relevante na abordagem teórico metodológica desta pesquisa. Agora, nessas análises sobre “cuidado de si”, relacionado com a noção de “governar”, Foucault destaca do texto platónico de Alcibíades o conceito de *Tékhne*.

Segundo argumenta Foucault,

Sócrates demonstra a Alcibíades que lhe falta a *tékhne* que lhe permitiria bem governar a cidade e competir, ao menos como igual com seus rivais. Sócrates o demonstra por meio de um procedimento absolutamente clássico em todos os diálogos socráticos: o que é bem governar a cidade; em que consiste o bom governo da cidade;

em que se o reconhece? Longa sequência de interrogações. E chega-se à definição proposta por Alcibíades: a cidade é bem governada quando reina a concórdia entre seus cidadãos. (FOUCAULT, 2006, p.47)

Interessante acompanhar as relações entre os conceitos “cuidado de si” e a noção de “governar aos outros”, que Foucault realiza a partir dos conselhos de Sócrates a Alcibíades

"ocupar-se consigo" está, porém, implicado na vontade do indivíduo de exercer o poder político sobre os outros e dela decorre. Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo. Entre privilégio e ação política, este é, portanto, o ponto de emergência da noção de cuidado de si. (FOUCAULT, 2006, p.48)

Nesse sentido, se alguém pretende governar, necessariamente tem que se governar a si mesmo, primeiro! Desenvolverei esta subseção procurando demonstrar como os permacultores do NEPBIO exercem o *cuidado de si*. E como, a partir do *governo de si*, governam aos outros que participam das oficinas ali experienciadas, com o objetivo de produzir estéticas de existências sensíveis às questões ambientais. Continuamos, assim, compreendendo mais do *cuidado de si*.

Implicadas com a noção grega “cuidado de si”, assim como “ocupar-se consigo mesmo”, na concepção de “governar”, também estão, segundo o mesmo Foucault, as *prescrições délficas*, já que:

(...) todos os preceitos délficos endereçavam-se aos que vinham consultar [...] e deviam ser lidos como espécies de regras, recomendações rituais em relação ao próprio ato da consulta [...] estes três preceitos délficos seriam imperativos gerais de prudência: "nada em demasia" nas demandas, nas esperanças, nenhum excesso também na maneira de conduzir-se; quanto “às cauções”, tratava-se de um preceito que prevenia os consulentes contra os riscos de generosidade excessiva; e, quanto ao “*conhece-te a ti mesmo*”, seria o princípio [segundo o qual] é preciso continuamente lembrar-se de que, afinal, é-se somente um mortal e não um deus, devendo-se, pois, não contar demais com sua própria força nem afrontar-se com as potências que são as da divindade. (FOUCAULT, 2006b, p. 6, *grifo meu*)

Como vemos, dos discursos tomados como verdades, formações discursivas que regem, nesse momento histórico grego, concebe-se relações de forças em torno à “verdade” entre “um mortal” e uma “divindade”: trama discursiva sobre *transcendentalidade*. Nesse sentido, apontarei, mais para frente, na parte final desta subseção, uma trama discursiva outra; contrária; que consegue sua desnaturalização: tratando-se da realidade como *imanência*. Um plano da imanência que diz sobre conhecer-se a si mesmo: *conhece-te a ti mesmo no/do/com o plano da imanência*, em contraposição ao plano da transcendência.

Pensando os preceitos délficos que Foucault alude, relacionado com a *tékhnē*, entendo as tecnologias de si (FOUCAULT, 1976), de produção de si. Penso que no NEPBIO coexistem imperativos, “prescrições” latentes, presentes como práticas discursivas e não discursivas.

Algumas delas em formas gráficas, como estão ilustradas, a seguir, nas fotografias 12, 13 e 14, ou orais proferidas pelas/os permacultores, dirigidas aos estudantes, também, assim, em formas de frases curtas, do tipo: Não resmungue; vida simples, pensamento elevado; sem presa, porém, sem pausa; cuide de seu lixo etc.

Fotografia 13 – Placa com lenda “Vida simples; pensamento elevado”



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 14 – “Às vezes nos encontramos no nada; e, é no nada que nos encontramos”



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Fotografia 15 – Placa com a lenda: É proibido resmungar



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Foucault se foca, especificamente, no terceiro preceito délfico: *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). Destaca que este preceito “na filosofia, no pensamento filosófico, aparece, como sabemos, em torno do personagem de Sócrates”:

O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da epiméleia heautoû (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das consequências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”. De todo modo, não se deve esquecer que no texto de Platão, *A apologia de Sócrates*, sem dúvida demasiado conhecido, mas sempre fundamental, Sócrates apresenta-se como aquele que, essencialmente, fundamental e originariamente, tem por função, ofício e encargo incitar os outros a se ocuparem consigo mesmos, a terem cuidados consigo e a não descurarem de si. (FOUCAULT, 2006b, p. 7)

Acompanhar esse modo foucaultiano de analisar, potencializa estar, permanentemente, atento aos elementos que condicionam e possibilitam processos de formações discursivas, das práticas, pois regem como “verdades” num específico lugar e momento. Essas formações são processos múltiplos e heterogêneos, assim como por exemplo esse jogo da linguagem que Foucault apresenta em torno da figura socrática nesse texto do Platão. Jogo da linguagem em relação ao fato de que, uma coisa é que Sócrates manifeste a relevância de “conhecer-se a si mesmo” e outra é que o relevante seja uma outra intencionalidade traz o uso desse modo imperativo: conhece-te a ti mesmo!

São diferenças importantes, ainda mais quando se pretende “conduzir a conduta”.

Oriento-me pelas indicações que o professor Foucault diz sobre arte de *governar*, sendo que ele expressa que:

[...] a prática de governo, por um lado, são práticas múltiplas, na medida em que muita gente pode governar: o pai de família, o superior do convento, o pedagogo e o professor em relação à criança e ao discípulo (FOUCAULT, 1992, p. 280)

Nesse sentido, penso que essas figuras socráticas podem aparecer nas práticas de Educações Ambientais dos sujeitos que interagem no NEPBIO, que potencializam suas práticas e “incitam” sujeitos que nesse *espaçotempo* interagem, a “se ocuparem consigo mesmos” (FOUCAULT, 2006, p.9).

Essa figura socrática aludida por Foucault, segundo ele, foi decisiva “para caracterizar a atitude filosófica ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana” (FOUCAULT, 2006, p.11). Nessas culturas, estabeleciam-se relações do “cuidado de si”, que diz respeito a “ocupar-se com a própria alma”. Para “ocupar-se”, emprega ele *therapeúein*, que é um verbo de múltiplos valores: *therapeúein* refere-se aos cuidados médicos (uma espécie de terapia da alma...)” (FOUCAULT, 2006, p.12).

Pensando com Foucault as práticas NEPBIO, pergunto-me se professores que levam seus estudantes ao NEPBIO, estão pensando essa aula como uma espécie de exercício “terapêutico” para seus estudantes?

Questão que faz uma comparação pertinente, pois, como sugere o próprio Foucault,

[...] o desafio que toda história do pensamento deve suscitar, está precisamente em apreender o momento em que um fenômeno cultural, de dimensão determinada, pode efetivamente constituir, na história do pensamento, um momento decisivo no qual se acha comprometido até mesmo nosso modo de ser de sujeito moderno. (FOUCAULT, 2006, p.13)

A partir dos estudos de Foucault foi possível perceber, nesse período grego socrático-platônico, a importância da relação *cuidado de si* com a noção de “alma”, pois “tornou-se, de modo geral, o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral” (FOUCAULT, 2006, p. 13). Nesse sentido, a relação entre sujeito e verdade, desse período histórico, está mediada pela relação entre “cuidado de si”, “alma” e “racionalidade moral”, a partir de um plano transcendental onde a verdade não é de este mundo, e o humano tem que passar por um processo de terapia para “ser capaz de ser iluminado por uma verdade”.

Assim, atentos aos acontecimentos, pensar/problematizar processos de formações discursivas é um convite que Foucault faz: analisar as transformações conceituais históricas, práticas discursivas que se tornam e tomam como “verdades” em certo momento e lugar, e regem outros discursos, outras verdades, outras práticas etc.

Graças a isto, com a teoria discursiva de Foucault passei a entender que as formações discursivas em torno dos conceitos “Cuidado de Si”, “Conhecimento de Si”, e os problemas sobre “a verdade” e da “história da verdade”, tiveram outro “momento” marcante, chamado por ele como período moderno (séculos XIV – XVI), “momento cartesiano” ou “procedimento cartesiano”, pois:

requalificou o *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo) ao mesmo tempo muito contribuiu, e sobre isto gostaria de insistir, para desqualificar o princípio do cuidado de si, desqualificá-lo e excluí-lo do campo do pensamento filosófico moderno. (FOUCAULT, 2006, p.19)

Referindo-se a essas transformações conceituais, históricas, discursivas, desse momento cartesiano, Foucault destaca o paralelo entre filosofia e espiritualidade, manifestando que:

Chamemos "filosofia" a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos "filosofia", creio que poderíamos chamar de "espiritualidade" o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o

conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (FOUCAULT, 2006, p. 19)

Essa concepção cartesiana de filosofia movimentada formas binárias e polarizadas de conceber a verdade, trabalhando com dualismos como: filosofia e espiritualidade; pensamentos e práticas, mundo inteligível e mundo sensível etc.

Sobre as concepções de sujeito e verdade no/do/com o momento cartesiano:

[...] a verdade jamais é dada ao sujeito por um simples ato de conhecimento [...] Postula a necessidade de que o sujeito se modifique, se transforme, se desloque, torne-se, em certa medida e até certo ponto, outro que não ele mesmo, para ter direito ao acesso à verdade [...] pode ser feita sob a forma de um movimento que arranca o sujeito de seu status e de sua condição atual (movimento de ascensão do próprio sujeito; movimento pelo qual, ao contrário, a verdade vem até ele e o ilumina) [...] Éros e áskesis são, creio, as duas grandes formas com que, na espiritualidade ocidental, concebemos as modalidades segundo as quais o sujeito deve ser transformado para, finalmente, tornar-se sujeito capaz de verdade. (FOUCAULT, 2006 p.20)

Segundo o régimen de verdade do momento cartesiano, enquanto às questões de sujeito e verdade analisadas pelo professor Foucault, concebiam-se como sendo um iluminador plano de transcendência: uma “verdade” e formas como “acesso à verdade”. Essa postura requeria o sujeito “tornar-se outro” para aceder à “verdade”, para ser “iluminado”.

Esse “como” tornar-se outro, “capaz de verdade”, constituiu-se no “acesso à verdade” pelo conhecimento. Segundo Foucault, Descartes (1596-1650) considera que “é do interior do conhecimento que são definidas as condições de acesso do sujeito à verdade. As outras condições são extrínsecas” (FOUCAULT, 2006, p.22-23).

Com essas questões, aludidas pelo professor Foucault, próprias do momento cartesiano, sobre “formas para o acesso à verdade” e “tornar-se outro” inquietei-me, fui afetado, potencializou-se meu pensamento, tal e como sugere Foucault (como aquela figura socrática), preocupando-me comigo mesmo, ocupando-me de mim. A partir das indagações de mim comigo mesmo, de meus afetos com práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental que compuseram meu corpo, antes e depois do contato com o NEPBIO, passei a perguntar: Como se constituem as práticas de cuidado de si no NEPBIO e como, a partir delas, implementam práticas de governo da conduta de outros? Como acontece esse “tornar-se outro” dos sujeitos que interagem com o NEPBIO?

Essas descrições e comentários que Foucault faz das transformações conceituais entre os momentos socrático-platônico e cartesiano, nos atentam sobre essas históricas formações discursivas que, segundo o mesmo Foucault, “concerne ao problema da verdade e da história da verdade” (FOUCAULT, 2006, p.18) pois foram tomadas como “verdades”, reverberando

“na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas da subjetividade”, e que tiveram transformações conceituais desde o século V a.C.

nestas formas de saber reencontramos as questões, as interrogações, as exigências que, a meu ver - sob um olhar histórico de pelo menos um ou dois milênios -, são as muito velhas e fundamentais questões da *epiméleia heautoû* e, portanto, da espiritualidade como condição de acesso à verdade. Ocorreu, bem entendido, que nem uma nem outra destas duas formas de saber levou muito explicitamente em consideração, de maneira clara e corajosa, este ponto de vista. Tentou-se mascarar estas condições de espiritualidade próprias a tais formas de saber no interior de certas formas sociais. A ideia de uma posição de classe, de efeito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, a iniciação, a formação do analista, etc., tudo nos remete às questões da condição de formação do sujeito para o acesso à verdade, pensadas, porém, em termos sociais, em termos de organização. (FOUCAULT, 2006b, p.39-40)

Nesse sentido, com essa figura socrática, o imperativo “conhecer-te a ti mesmo” pode ser compreendido como uma “tecnologia de produção do si”. Trata-se, segundo Foucault (na *História da Sexualidade I*, 1976) de práticas através das quais os indivíduos são levados a “prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos”, estabelecendo uma certa relação “de si para consigo que lhes permite descobrir “a verdade de seu ser”. Tais estudos têm como elemento central de sua teorização as “tecnologias do eu”, que permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 2001, p.48)

Assim, estamos ante problematizações sobre “práticas de si” relacionadas com “cuidado de si” e “conhecimento de si”; isto é: “práticas, maneiras de ser, formas de existência, etc.” (FOUCAULT, 2006b, p.16), a continuar sendo problematizadas como *Estéticas de Existência*.

Relacionado aos momentos históricos de perspectiva transcendental, especificamente os séculos V e IV a. C. da antiguidade Grega, o professor Veiga-Neto cita a Sennelart (1995) para argumentar que práticas passaram a ser exercidas no sentido de compor subjetividades de determinados tipos.

Trata-se de práticas que funcionaram como condições de possibilidade para a emergência da noção moderna de Estado e de tudo o mais que se implica tanto na vida política de hoje quanto nas próprias tentativas de instituir o sujeito moderno (SENNELART in VEIGA-NETO, 2005, p. 18)

Assim, chamando atenção para o nosso atual momento histórico e os processos de subjetivação que nos constituem e constituímos, segundo o próprio Foucault:

[...] existe uma certa tradição (ou talvez várias) que nos dissuade (a nós, agora, hoje) de conceder a todas estas formulações, a todos estes preceitos e regras, um valor

positivo e, sobretudo, de deles fazer o fundamento de uma *moral*. (FOUCAULT, 2006, p.17, *grifo meu*)

Buscando entender melhor o presente como acontecimento, após as análises dessas particulares gregas e cartesianas, continuo acompanhando as problematizações foucaultianas sobre transformações, movimentos ou deslocamentos do sujeito.

Com as análises arqueo-genealógicas que vimos acompanhando, viajamos para outro momento histórico, ao encontro com o filósofo Baruch Espinosa, citado pelo Foucault e referente importante de sua obra. Dele toma os seguintes questionamentos: “em que e como devo transformar meu ser mesmo de sujeito? Que condições devo-lhe impor para poder ter acesso à verdade, e em que medida este acesso à verdade me concederá o que busco, isto é, o bem soberano, o soberano bem?” (ESPINOSA in FOUCAULT, 2006, p.38).

Neste outro momento histórico, a partir do século XVII, o qual Foucault analisa com Espinosa, sobre as transformações discursivas da noção “governar”, o professor Alfredo Veiga-Neto ressalta que Foucault,

Seguindo Nietzsche e dando as costas para qualquer fundamentação transcendental, o filósofo examinou genealógicamente como o poder “organizou-se”, “ativou-se”, de modo a engendrar certas práticas discursivas e não discursivas. (VEIGA-NETO, 2005, p. 18)

Com isso, entendo que para Foucault, a partir de Espinosa e Nietzsche, a realidade é imanente, acontecendo formas/formações discursivas, constituídas e que constituem relações de poder; com formas/formações de governar; com formas/formações de sujeitos.

Nesse sentido, segui no objetivo de entender mais das ferramentas foucaultianas para pensar/problematizar a *estética de existência NEPBIO* com o que Foucault entende por *práticas discursivas e não discursivas*.

Fotografia 16 – Estudante frente ao pôster, dentro da Casa de Cupim



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

2.2 Práticas discursivas e não discursivas nas/das/com as estéticas de existência

Potencializado com as viagens das análises arqueo-genealógicas foucaultianas, descrevendo e comentando as históricas transformações discursivas sobre a noção *cuidar de si*, entendo que formações discursivas nas/das/com as relações de poder, regem modos de ser sujeito e maneiras de viver; isto é, acontecem determinando processos de subjetivação, produzindo *estéticas outras de existência*.

Assim, passei a

[...] entender que nossos discursos estão indissociavelmente conectados à nossa própria constituição enquanto sujeitos. Se a nossa constituição está enraizada no interior da história, nossos discursos também estão. Para Foucault, as sociedades, as culturas e as identidades são reguladas por ordens discursivas que controlam e dirigem o que deve e o que não deve ser dito, tendo em vista que os discursos nos formam/instituem/delimitam. Nesse sentido, o que é dito provém de um *regime de verdades* - uma vontade de saber que gera poder. (MALDONADO, 2001, p. 23-24)

Nesse sentido, problematizo a estética de existência NEPBIO acontecendo nas/das/com as redes discursivas e compondo com regimes de verdades, entendendo que estudar um discurso se trata, também, de analisar relações de saber-poder com uma episteme.

Por episteme se entende, de fato, o conjunto das relações que podem unir, em uma época dada, as práticas discursivas que dão lugar as figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados; o modo segundo o qual, em cada uma dessas formações discursivas, se situam e operam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização. (CASTRO, 2009, p. 140)

Inspirado em Foucault, entendi que discurso é um “conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação; assim se poderia falar de discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” (FOUCAULT, 1969, p. 153).

Nesse sentido, é correlativa a análise do *enunciado* e da *formação discursiva*, pois sobre esse sistema de formação discursiva compreende-se:

[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1986, p. 82)

Minhas análises nesta dissertação, que principalmente desenvolvo na terceira e quarta seção, compreenderam, então, “caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade” nas/das/com as práticas NEPBIO, sendo que “na medida em que Foucault se interessa pela questão do poder e pela ética, o conceito de episteme será substituído, como

objeto de análise, pelo conceito de dispositivo e, finalmente, pelo conceito de prática” (CASTRO, p. 139).

Com essa inspiração fundamental, propus-me fazer descrições arqueo-genealógicas, “não orientadas à episteme” (CASTRO, p. 42), mas orientadas às regularidades nas/das/com as práticas, a partir dos encontros no/do/com o NEPBIO, especificamente, na/da/com a *oficina* NEPBIO acontecida em um caloroso dia cacerense, com Estudantes. Essa oficina, naquele território familiar, movida por práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental NEPBIO, foram os *encontros* que me possibilitaram pensar o conceito de *estética de existência* outra naquele *espaçotempo*.

Precisamente, a arqueologia foucaultiana é ferramenta metodológica que consiste em descrever a organização do campo em que os enunciados aparecem e circulam (CASTRO, 2009, pg. 179) e que, como vimos na seção anterior com o professor Veiga-Neto, Foucault “examinou geneologicamente como o poder “organizou-se”, “ativou-se”, de modo a engendrar certas práticas discursivas e não discursivas” (VEIGA-NETO, 2005, p. 18).

Assim, como vimos acompanhando a teoria discursiva foucaultiana, o interesse ao que convoca Foucault é tomar a linguagem de modo problematizado, entendendo-a muito além de recurso natural, analisando práticas discursivas e não discursivas correlacionadas com os modos dos indivíduos se tornarem sujeitos; isto é, processos de objetivação dos indivíduos: subjetivações.

Requer-se, para isso, entender “mais” a teoria discursiva foucaultiana; especificamente, o tema das práticas discursivas e não discursivas:

Entendo *práticas discursivas* como sendo aquelas que se referem ao conjunto de enunciados produzidos historicamente e que tornam as ações inteligíveis. Segundo Bujes (2001) “Elas moldam a nossa maneira de construir o mundo, de compreendê-lo, de falar sobre ele”. As práticas *não discursivas* podem ser concebidas como toda a outra ordem de coisas que se caracterizam como não discursos, tais como: “condições econômicas, sociais, políticas, culturais, etc.” (Veiga-Neto, 1995: 22).

Problematizando com o campo da ética, Foucault analisou arqueo-geneologicamente, atento aos enunciados, às formações discursivas que circulam sendo práticas discursivas e não discursivas, pois constituem os modos do indivíduo tornar-se objeto, objetivados como sujeitos, subjetivados, de determinado modo de ser e com determinadas maneiras de viver. Desse modo foi motivado ele a produzir o conceito de *estética da existência*.

Com a ferramenta foucaultiana da arqueologia é possível realizar um percurso histórico que viabiliza enxergar e considerar as condições que possibilitaram o surgimento do discurso “sua modalidade da ordem, seu a priori histórico (...) [decifrando] o impensado da base constitutiva do saber ocidental...” (Dosse, 1993, pg. 377).

Além disso, ao utilizar o método arqueológico de Foucault, que vimos acompanhando, é possível compreender que não há uma verdade à qual se pretenda chegar, objetivando dar visibilidade aos modos como os saberes foram constituídos e legitimados na Modernidade.

Agora bem, o que pesquisar na/da/com a Estética da Existência NEPBIO?

Interessei-me por saber como surgiu o projeto e tem se constituído; como reverberam nos permacultores do NEPBIO temas de Educações Ambientais que fizeram com que se produzisse essa estética da existência. Movi-me a pensar, indagar, analisar, qual é a filosofia que professam e em que, de fato, baseiam as práticas desenvolvidas nesse *espaçotempo*.

Com esses objetivos, além da minha experiência, precisei usar da ferramenta metodológica foucaultiana, a *arqueologia*, precisamente, para analisar as condições que possibilitaram a emergência das práticas do NEPBIO, pois “a arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber” (CASTRO, 2009, p. 40) e o meu objetivo era analisar discursos “saberes no/do/com o NEPBIO”; pensar/problematizar; descrever; comentar: reverberações nos sujeitos na/da/com a Estética da Existência NEPBIO.

A arqueologia foucaultiana é método que “desdobra um conjunto de elementos, isola-os, agrupa-os, estabelece relações, reúne-os segundo níveis de pertinência” (CASTRO, p. 41).

Possibilita-se, assim, estabelecer-se relações entre os conceitos “Cuidado de Si”, “Governo”, “Estética da Existência”, “Educação Ambiental” e outros que, ao longo deste trabalho, rizomáticamente, estão em conexões.

A arqueologia não é uma disciplina interpretativa, não trata os documentos como signos de outra coisa, mas os descreve como práticas. Não busca, com isso, estabelecer a transição contínua e insensível que une todo discurso ao que o precede e ao que o segue, mas sua especificidade. Não está ordenada à obra; define práticas discursivas que atravessam as obras [...] tampouco pretende estabelecer o que foi dito em sua identidade, mas é uma reescritura dos discursos ao nível de sua exterioridade (CASTRO, 2009, p.41)

Durante as minhas vivências com o NEPBIO, movi-me a problematizar o discursivo das práticas ali desenvolvidas; também, assim, o não discursivo, pensando/problematizando mediante as ferramentas foucaultianas, o que e como estavam conectados com uma “ordem”.

Descrevendo, comentando, reescrevendo... práticas!

Assim, assumi o desafio de fazer, ou melhor, inspirar-me em estudos de arqueologia foucaultiana, com o intuito de alimentar minha Cartografia.

Encontrei certa relação com a Cartografia, enquanto possibilidades, aberturas, pois a arqueologia é “uma metodologia de análise dos discursos que não é nem formalista nem interpretativa” (CASTRO, 2009, p.42)

A arqueologia e a genealogia foucaultianas são métodos relevantes para as análises de práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental que esta dissertação se propõe a realizar.

Como práticas reverberaram nas/nos permacultores do NEPBIO? Como são constituídas as práticas NEPBIO? Como se compõe a estética da existência ali praticada? Como se movimentam as práticas discursivas e não discursivas no/do/com o NEPBIO?

A partir daí, realizei um exercício de análise dos efeitos daquelas práticas nos corpos dos sujeitos que movimentam aquele *espaçotempo*, pensando o que e como foi que essas práticas reverberaram nas/nos permacultores do NEPBIO e produziram a emergência de uma estética de existência outra.

Precisamente, por isso é necessário estudar as emergências do conjunto de enunciados, dos conceitos, dos discursos que movimentam as práticas no/do/com o NEPBIO.

E, pensando/problematizando a estética da existência NEPBIO como práticas discursivas e não discursivas, atentou-me aos enunciados e discursos que circulam nela/dela/com ela, emergindo também modos de ser sujeito e maneiras de viver.

Com isto, identifiquei que, nas práticas ali exercidas, as de Educações Ambientais foram a que mais ecoavam. Assim, senti necessidade de realizar leituras para compor possíveis redes discursivas que objetificam aquelas práticas e constituem subjetividades.

Então, todas essas relações são as que possibilitam constituir certas verdades que passam a constituir-nos, resultados de práticas e possíveis de práticas outras; isto é, sendo possíveis de *estéticas outras de existência*.

2.3 Governo e Educações Ambientais

Estudantes da vida sendo/estando no/do/com o NEPBIO. Acontecendo encontros, modos de ser sujeitos, maneiras de viver, conosco. Experiências. Sensações, sensibilidades e sensibilizações. Repetições e diferenças. Tensões imagéticas. Pensamentos. Modos: acomodados, incomodados, cômodos etc. Intenções. Maneiras. Jeitos. Artes. Oficina NEPBIO. Independentes e interdependentes. Existindo re-criações. Permaculturas e Bioconstruções. Continuidades e discontinuidades. Tornando-nos sem um início fixo; sem um fixo fim. Pluralidades! Ambientes heterogêneos com possíveis múltiplas práticas educacionais.

Nesse sentido, penso/problematizo a *estética da existência NEPBIO* como *espaçotempo* de Educações Ambientais. Práticas discursivas e não discursivas nas/das/com estéticas vivas; estéticas móveis.

Existindo... presentes, permanecendo e pertencendo, acontecendo... águas, modos de ser, transformações, tornando-se outros corpos. Maneiras de ser sujeitos e objetivações... energias. Forças e potências resistindo, pensando, caminhando, observando imagética(mente)... estéticas; experimentando uma estética outra; sendo com uma estética outra; estando na estética da existência NEPBIO.

Práticas discursivas que são certas verdades geradoras de poder passam a constituir-nos e a constituir nossos e novos discursos. Neste sentido, relaciono o que o professor Veiga-Neto destaca sobre a obra foucaultiana como *governamento*:

Basta conhecer minimamente o pensamento do filósofo [Michel Foucault] para saber que, para ele, não se trata de pensar o poder e a ação política como algo que sobretudo possa se distribuir, no Estado, a partir de um centro de irradiação que a teorização política moderna atribui às instituições governamentais. [...] o que está grafado como “práticas de governo” não são ações assumidas ou executadas por um staff que ocupa uma posição central no Estado, mas são **ações distribuídas microscopicamente pelo tecido social**; por isso, soa bem mais claro falarmos aí em “práticas de governo” (VEIGA-NETO, 2005, p. 20-21, **grifo do autor**)

Trata-se de técnicas, estratégias, mecanismos, enfim, práticas de objetivação e subjetivação; aliás, práticas de *governamento* que torna o humano como objeto, isto é, processos de objetivação que condicionam sujeitos: *subjetivações*.

Especificamente, Foucault aborda essa concepção problematizando o poder ao nível dos mecanismos, das técnicas e das tecnologias do poder. Segundo ele, no século XVII as relações de poder se centravam sobre o corpo, entendida pelo professor Foucault como uma anatomopolítica (FOUCAULT, 1988, p.131). Tornariam-se outras as formas de poder estabelecidas pela *governamentalidade*, a partir da metade do século XVIII, pois aconteceram mudanças na maneira pela qual “se buscou racionalizar os problemas colocados para a prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes em quanto a população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raça” (FOUCAULT, 2001, p. 818).

Sobre o conceito de governamentalidade, Foucault diz:

responde a um duplo objetivo: fazer a crítica necessária às conceituações correntes do “poder” (...); analisa-lo, ao contrário, como um domínio de relações estratégicas entre indivíduos e grupos – relações que têm como questão central a conduta do outro ou dos outros, e que podem recorrer a técnicas e procedimentos diversos, dependendo dos casos, dos quadros institucionais em que ela se desenvolve, dos grupos sociais ou das épocas. (FOUCAULT, 1997, p. 110-111)

Nesse sentido, passamos a problematizar as práticas implementadas no/do/com o NEPBIO em si, identificando a intenção de governar a conduta dos que ali se movimentam.

Seria possível, assim, retomar num outro aspecto a questão da ‘governamentalidade’: o governo de si por si na sua articulação com as relações com o outro (como é encontrado na pedagogia, nos conselhos de conduta, na direção espiritual, na prescrição dos modelos de vida, etc”. (FOUCAULT, 1997)

Nesse sentido, concebo que o *espaçotempo* da minha pesquisa - NEPBIO, não se trata de um *espaçotempo* “iluminado”. Trata-se de um *espaçotempo* com intenções, que são, basicamente, de governo da conduta de outros. Essas relações de governo são expressas através das práticas exercidas no/do/com o NEPBIO, acontecendo como práticas de Educações Ambientais.

Essa disponibilidade amena de todos os sujeitos que interagem nesse *espaçotempo*, aventurando com os encontros, com Bioconstruções, entre cansaço e pura potência, afetados com o que nos constitui estética(mente), existindo como vimos pensando, com práticas discursivas e não discursivas, levou-me à procura de textos sobre o acervo teórico que, segundo os permacultores NEPBIO, são referentes das práticas, e que entendo como discursos próprios de Educações Ambientais. Textos que, além de serem documentos, são, como nos ensina Foucault: monumentos em conexões com modos de ser sujeito e maneiras de viver no/do/com o presente.

Nesse sentido, Foucault chama nossa atenção para entender aquele momento histórico da emergência da *Biopolítica*, formação e/ou prática discursiva que concebe que

o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se quisermos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir, para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. O descobrimento da população é, ao mesmo tempo, que o descobrimento do indivíduo e do corpo adestrável [dressable], o outro núcleo tecnológico em torno ao qual os procedimentos políticos do ocidente se transformaram (FOUCAULT, 2006a, p.193).

Foucault analisou durante a etapa mais recente de sua obra filosófica essas relações de poder e sujeito, também, com o conceito *Biopoder*: nova forma de poder que passou a se ocupar de questões do indivíduo como espécie, reverberando perspectivas com interesses sobre uma ecologia, em relações de governo institucionalizado pelo Estado.

Pensando com essas análises, busco problematizar as práticas que acontecem como experiências possíveis de ecologia em relações de governo no/do/com o NEPBIO.

Inspirou-me na rede conceitual tecida pelo professor Jorge Larrosa, para quem:

Nossas relações com o possível sempre são relações de poder. O poder é aquilo que faz com que o possível se mova em direção ao real e é possível aquilo que está ao alcance do nosso poder. As duas dimensões do possível o remetem, então, ao saber e ao poder. É possível o que sabemos que pode acontecer. É possível o que podemos converter em real (LAROSSA, 2006, p. 193).

Nesse sentido, as práticas no/do/com o NEPBIO são experiências possíveis de Educações Ambientais *E de estéticas outras de existência*.

Continuando com a problematização foucaultiana a partir do conceito *biopolítica*, analiso as relações com a emergência da noção “Educação Ambiental” (no singular). Cito ao professor Rodrigo Barchi, quem descreve e comenta como a norma e a disciplina foram e são mecanismos dessa biopolítica:

É a partir da normalização que ocorre, então, a ativação dos processos que promovem a segregação e a hierarquização, de forma a garantir dominação e hegemonia. É por isso também que Foucault afirma que esse biopoder teve função fundamental no desenvolvimento do capitalismo, já que ele possibilitou tanto a inserção controlada dos corpos individuais no aparelho de produção (através da escola, da fábrica e da prisão), quanto o ajustamento dos “fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT *apud*. BARCHI, 2011, p. 171).

Regime disciplinar articulado com práticas disciplinares, particularmente, através da escola, utilizada como mecanismo para o sujeito tornar-se outro, mais do que capaz da verdade (como no iluminismo), capaz de pertencer e servir ao mercado do trabalho (Idem, p. 172). Essa sociedade disciplinar viraria, em conexões com o surgimento do discurso de Educação Ambiental, como sociedade de controle.

Busquei enunciados na *Ordem do Discurso da Educação Ambiental* (MALDONADO, 2001), para desnaturalizar a emergência das práticas discursivas, atento aos acontecimentos históricos, problematizando práticas. A partir do estudo dessa obra, passei a questionar, segundo inspirações foucaultianas, como se engendrou e por que se constituiu o discurso da “Educação Ambiental”?

A emergência do discurso de Educação Ambiental aconteceu, especificamente, durante a década de 1970, como contraposição às práticas exploratórias que foram constituídas no limiar da modernidade. Tais práticas trouxeram o discurso de “Caos” para o ambiente natural e a ação humana deveria contrapor o caos com a “ordem”. Assim, o ato de “ordenar o mundo” fez com que o ambiente natural fosse considerado insalutar para o desenvolvimento humano. Para a instituição da ordem, práticas discursivas e não discursivas desenvolvimentistas se constituíram. Seu efeito foi degradação ambiental. Esse discurso ganhou status de verdadeiro na ordem discursiva na segunda metade do século passado e foi a condição de possibilidade para a emergência do discurso da Educação Ambiental. (MALDONADO, 2001).

Em torno dessas preocupações pelas questões de degradação ambiental, vários eventos mundiais começaram a organizar-se, como foram:

1a. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente – Estocolmo/Suécia, 1972; do Encontro Internacional de Educação Ambiental – Belgrado/ Iugoslávia, 1975; da 1a. Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental – Tibilisi/Geórgia, 1977; da Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – ECO 92

– Rio de Janeiro/Brasil, 1992; produzidos no cenário internacional. [...] reflexos destas proposições e decisões na legislação brasileira sobre o meio ambiente e a Educação Ambiental: o Parecer 226/87 do Conselho Federal de Educação; o artigo 225, do Capítulo VI da Constituição Federal/1988 que trata da Educação Ambiental; a Lei Federal 9795/99 que dispõe sobre a necessidade da Educação Ambiental no país. (MALDONADO, 2011, p.32)

Acompanhando o pensamento de Maldonado, concebo esses encontros como práticas que potencializaram e forçaram a proveniência do conceito “Educação Ambiental”. Segundo ela:

Percebo, então, que foi na Declaração de Estocolmo que a Educação Ambiental emergiu pela primeira vez, de modo sistemático, como um novo campo do saber que já na sua constituição fora dotado de um “superpoder” que seria capaz de equacionar a problemática ambiental. Fato que me fez começar a enxergá-la como um novo dispositivo de poder que estaria entrando em funcionamento na maquinaria disciplinar no sentido de governar as condutas dos indivíduos para instituir uma nova vontade de ordem: a vontade de ordem ambiental. (MALDONADO, 2001, p. 96).

Assim, imanes relações de saber e poder, relacionadas às questões de “caos ambiental” foram condições que possibilitaram a proveniência do conceito de Educação Ambiental, ganhando status de verdadeiro, com essa vontade de ordem ambiental.

Ressaltando aquele evento do ano 1972, relevante pela emergência da noção “Educação Ambiental”, considero também pertinente trazer aquele do ano 1977, organizado pela UNESCO - Organização das nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - (fundada no ano 1945):

Em 1977 aconteceu em Tibilisi, Geórgia, ex-URSS, a Primeira Conferência Intergovernamental Sobre Educação Ambiental, organizada pela UNESCO, contando com a colaboração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA. Reiterando os princípios estabelecidos na Conferência de Estocolmo, o documento tirado desta Conferência avança no sentido de estabelecer critérios que deveriam contribuir na orientação dos esforços para o desenvolvimento da Educação Ambiental, a nível regional, nacional e internacional. Vale transcrever aqui, partes da Recomendação nº 2 dessa Conferência:

As finalidades da Educação Ambiental:

- a) ajudar a fazer compreender, *claramente, a existência e a importância da interdependência econômica, social, política e ecológica, nas zonas urbanas e rurais;*
- b) proporcionar, a todas as pessoas, *a possibilidade de adquirir os conhecimentos, o sentido dos valores, as atitudes, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar o meio ambiente;*
- c) induzir novas formas de conduta nos indivíduos, *nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, a respeito do meio ambiente.*

Para alcançar esses objetivos, foram instituídas as seguintes categorias para permear o trabalho da Educação Ambiental junto a indivíduos e grupos sociais: despertar a *consciência* do meio ambiente; ajudar a *conhecerem* o meio ambiente; mudar o *comportamento* perante meio ambiente; suscitar *habilidades* necessárias para determinar e resolver os problemas ambientais; proporcionar a *participação* ativa nas tarefas relativas ao equacionamento dos problemas do meio ambiente.

Dentre um emaranhado de princípios básicos dos discursos produzidos sobre a Educação Ambiental, surge um que a torna diferenciada dos outros mecanismos disciplinares de controle dos corpos a interdisciplinaridade. A Educação Ambiental

deve aplicar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada (item “c” da Recomendação 2). (Idem, p. 97-99)

“Aproveitando”? Cuidado!

Desse tecido histórico, o professor Leandro Belinaso Guimarães, com *Um olhar sobre os ideais educativos constituídos pelos movimentos ecologistas nos anos setenta*, nos atenta sobre certa particularidade daqueles acontecimentos, ressaltando que:

É interessante destacar a intensa proliferação de movimentos ecologistas na década de setenta. A este respeito, é igualmente interessante ressaltar que os/as depoentes referiram o surgimento de várias “entidades ecologistas”, mesmo que tenham sempre falado no “movimento ecologista” - no singular - como se ele fosse constituído pela soma destas entidades e unitário, no sentido de que todas partilhavam de uma mesma intenção: instaurar uma visão ecológica sobre o mundo. (BELINASO, 2015, p. 4)

Esse olhar criterioso que nos alerta para uma certa homogeneização. Por esse motivo, assumindo uma política de concatenar as multiplicidades dos acontecimentos, das existências, das heterogêneas, distintas, diferentes, rizomáticas, práticas discursivas e não discursivas de “Educação Ambiental” penso essas pluralidades como possíveis de ser entendidas como **Educações Ambientais**; assim, nas suas possíveis plurais práticas!

Mostrar as multiplicidades é sugestão, talvez como arte de vida, da obra do professor Foucault. Talvez sendo uma postura política, mostrando as múltiplas possibilidades nas/das/com Educações Ambientais, ao redor da ecologia, das formações e transformações discursivas, dinâmicas sociais, económicas, políticas, culturais etc. Essas posições, modos, maneiras, usos de Educações Ambientais, nesta dissertação, estão em diferentes platôs, rizomáticamente conectadas.

Nesse sentido, também fui inspirado no olhar do professor Marcos Reigota, que diz sobre, como nos ensina Foucault, as práticas múltiplas:

Não seria incorreto afirmar que a biodiversidade, entendida como natureza “não manipulada tecnicamente” está relacionada com a origem da Educação Ambiental e nela continuará presente, no entanto, entre os desafios que se apresentam à Educação Ambiental contemporânea está o de ultrapassar os aspectos puramente biológicos (evolutivos) da biodiversidade e incorporar os seus aspectos antropológicos, culturais, econômicos e políticos. (REIGOTA, 2010, p.546)

Com essa passagem, publicação que trata *A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos*, atentou-me pensar como os enunciados constituem campos discursivos, com relações de poder; acontecimentos, que, como vimos durante esta seção, entendemos com Foucault como práticas.

Uma outra possível compreensão sobre Educações Ambientais, que permite ampliar a rede de tecidos conceituais que vimos abordando, é referenciada pela professora Michele Sato,

líder de grupos de estudos sobre os temas ambientais, elaborado e publicado no transcurso do primeiro ano da pandemia²¹:

A Educação Ambiental compreende que as questões socioambientais que tratam das violências e conflitos necessitam rapidamente de uma nova postura de aprendizagem para esses novos tempos (SATO, 2020).

Assim, compreendendo as mudanças, movimentos, processos acontecidos e que acontecem a partir dos anos 60, 70 e 80, estando frente à emergência e usos da noção “Educação Ambiental”, que penso/problematizo como *Educações Ambientais*, estamos também ante à emergência do conceito *Permacultura*, criado pelos australianos David Holmgren e Bill Mollison, no ano 1983. Esse conceito é fundamental nos discursos que circulam no NEPBIO, movimentando as práticas, tal como descrevo e comento na **terceira seção** desta obra.

Nesse sentido, nesta pesquisa atendo-me aos enunciados nos/dos/com os processos múltiplos e variáveis dos campos linguísticos, culturais, sociais, políticos, econômicos etc., que atravessam discursos, práticas. Um outro conceito que atravessa discursos de Educações Ambientais é de “sustentabilidade”. Um olhar criterioso desse conceito, problematiza que:

Se nossa atuação pelas tramas da educação ambiental estiver sintonizada com a questão da sustentabilidade, do desenvolvimento sustentável, das sociedades sustentáveis (em suas variadas faces, noções e distinções políticas), o contorno de um rosto já estará traçado. E mais, suas linhas expressivas estarão previamente marcadas, acentuadas, controladas. Com essa afirmação, a questão do ensaio se coloca quase como um grito inaudível soado em um ambiente sem ar: enfim, como desfazer o rosto da sustentabilidade? (BELINASSO, 2015, p. 3)

Pensar práticas discursivas e não discursivas, problematizando *estéticas da existência*, relações com campos discursivos, rostos da sustentabilidade e de educações ambientais, etc., é pensar, também, enunciados, conceitos, práticas acontecendo... nossas experiências. Nesse sentido, pertinente é problematizar o pensamento, a partir da imanente experiência do real que vimos com o professor Frederik Nietzsche:

para não serem tragados pelo implacável devir da natureza, nossos ancestrais - como nós ainda hoje - precisaram traduzir e ordenar o caótico movimento do cosmos em esquemas, formas, imagens, palavras, conceitos e leis (...) origem de toda a experiência de realidade para Nietzsche. Quer dizer, o real é para ele algo que criamos a partir de uma necessidade física, estética; enfim, algo que se constrói desde uma experiência da *aisthesis* da sensibilidade.

Nietzsche vai definir esse processo como o de um “impulso nervoso que transformamos em imagem, e uma imagem que transformamos em som”. (GUÉRON, 2011, p. 18)

Inspirado pelos afetos dos imanes encontros, senti-me potencializado e forçado para pensar as possíveis reverberações na/da/com a estética da existência NEPBIO e possíveis estéticas outras da existência.

²¹ Covid 19. O primeiro caso identificado no Brasil, data do mês fevereiro de 2020.

Nesse sentido, passei estudar: pensamento, experiências, corpo, conceitos, etc., a partir de entender, nietzscheaneamente, imagem como processo do pensamento.

Buscando entender mais, dedico a seguinte subseção, nessa perspectiva pós-estruturalista, ao conceito de clichê criado pelo professor filósofo Gilles Deleuze. Para ele, clichê na imagem é obstrução e ao mesmo tempo potencializador do pensamento; e, nesse sentido, pensando com Foucault, problematizo como o conceito de Clichê é obstrução e potencializador na/da/com a *estética da existência NEPBIO*.

2.4 Imagética Permacultural NEPBIO: clichês e potências

Pensem!

Pensar é criar, segundo o professor Deleuze: “não há outra criação, mas criar é, antes de tudo, engendrar, “pensar” no pensamento.” (DELEUZE, 1968). Nossas experiências, sendo imanências as existências, como vimos com o professor Nietzsche, nascem no pensamento como imagens.

O conceito “clichê” aparece na obra do professor Gilles Deleuze, principalmente, no seu livro intitulado Imagem-Tempo (Cinema 2) durante as falas sobre a passagem do “cinema clássico” ao “cinema moderno”.

A partir disso, potencializou-se meu pensamento para “engendrar” pensamentos críticos sobre pensamento, imagem e práticas discursivas e não discursivas no/do/com o NEPBIO, avançando no meu objetivo de pesquisa: problematizando possíveis reverberações nos “modos de ser sujeito” e “maneiras de viver” das/dos estudantes nessa/dessa/com essa *estética da existência*.

Fotografia 17 – Janela, cozinha, Casa Bambuba. Técnica: tijolos de garrafas de vidro



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Nesta subseção faço um exercício de pensamento, elaborando um mapa, precisamente, com questões sobre pensamento e imagem, a partir da obra *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem* (GUÉRON, 2011), que pensando cinema e filosofia, analisa o clichê como mecanismo de poder, contraditório, na/da/com a imagem:

embora essencial para a constituição da imagem - porque condensa e reorganiza toda a estrutura do pensamento -, é uma operação de poder que paralisa a própria frente à invenção de outras formas de imagens e consequentemente do próprio pensamento. (Idem, Prefácio)

O caráter contraditório do clichê consiste em que “o clichê tem uma função de poder, nadifica a imagem, enfraquece a sua força artística (...) funciona como uma espécie de agente esvaziador da potência do pensamento” (Idem, p.12), produz limitações; mas, esses limites potencializam outras forças de pensamento.

Então, segundo Guéron, em sintonia com Deleuze, de um lado o clichê:

é um mecanismo que desloca a imagem de sua função estética para transformá-la em imagem-lei, imagem-moral, perdendo com isso o jogo da criação e destruição que caracteriza o fazer da imagem [...] O predomínio da imagem congelada no clichê adquire uma função de controle. (Idem, prefácio) como um mecanismo padronizador e determinador de valor (...) tanto se afirma como um dispositivo de poder que limita e esvazia o pensamento, quanto se afirma como uma notável potência do pensamento na medida em que nos ajuda a identificar os problemas da realidade e da vida e a produzir novas possibilidades para estas. (Idem, p.19)

Assim, nessas dimensões do clichê, pensamos a realidade como imagens e/ou imagens da realidade; implicando abordar temas tanto estéticos, como políticos.

Fotografia 18 – Plantas para tratamento das águas cinzas, conectando as casas



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Busco problematizar a *estética da existência NEPBIO* como “mecanismo capaz de detectar, desconstruir e superar os clichês como um estágio de impotência da imagem e, conseqüentemente, de impotência do pensamento” (Idem, p. 12).

Nesse sentido, problematizo o clichê analisando práticas discursivas e não discursivas do NEPBIO, descrevendo e comentando os enunciados que convergem, entre tantos outros: Educações Ambientais, Permaculturas, Sustentabilidades, Estéticas da Existência, Clichês etc. Assim, questiono como práticas constituem esse mecanismo que medeia potencializações e forças que reverberam nas/nos estudantes, possibilitando limites da realidade e da vida, assim como potencializando a produção de novas possibilidades para estas: *estéticas outras da existência*.

No livro *Imagem-Tempo*, Deleuze faz uma definição do clichê:

Temos esquemas para nos esquivarmos quando é desagradável demais, para nos inspirar resignação quando nos é horrível, nos fazer assimilar quando é belo demais. Notemos a este respeito que mesmo as metáforas são esquivas sensório-motoras, e nos inspiram algo a dizer quando já não se sabe o que fazer: são esquemas particulares, de natureza afetiva. Ora, isso é um clichê. Um clichê é uma imagem sensório-motora da coisa. (DELEUZE, 2005, p. 31)

Possível também é pensar o clichê nas imagens sensório-motoras com a Estética da Existência NEPBIO. São imagens sensório-motoras que causam recusa, esquivas, mas também inspiram e fazem assimilar. Sobre isto, Guéron afirma que

o clichê é definido como algo que é parte fundamental da nossa experiência cotidiana do real - constitui inevitavelmente esta -, e não algo que diz respeito exclusivamente ao cinema e a outros mecanismos de produção de imagens. (GUÉRON, 2011, p. 15)

Fotografia 19 – Família visita a Ecovila durante Bioconstrução das casas



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Pensando a *estética da existência NEPBIO* em paralelo ao cinema, emerge, também, o desafio de problematizar o NEPBIO como “potência do real”, como uma possibilidade virtual de um mundo atual (o que chamamos "real"), assim como o *virtual* como “potência do ser”, como uma possibilidade que deseja, e tantas vezes consegue, se atualizar: se "tornar real". (Idem, p. 15)

Assim, penso o virtual e atual no/do/com o NEPBIO, as relações das potências e forças na imagem, no pensamento, como práticas discursivas e não discursivas. Possibilidades *virtuais* que potencializam e forçam modos de ser sujeito e maneiras de viver, reverberando *estéticas outras de existência*.

Nesse sentido, as práticas do NEPBIO me fazem acreditar que estamos ante as forças e superações do projeto racionalista (aludido como “vontades de verdade” por Nietzsche ou referenciado por Foucault como “mágica da verdade”), perspectivas transcendentalistas, morais, atuantes nas práticas como processos governamentais, que pretende:

nos fazer acreditar que está nos apresentando a verdade empírica, ou potencializando a nossa racionalidade ao máximo, ou ainda contando uma história que, mesmo sendo ficção, aspira a um final em que exista uma verdade-filme em oposição a uma mentira-filme. (Idem, p. 16)

Por isso, problematizo a estética da existência NEPBIO como agente tanto de esgotamento quanto de superação de clichês. Então, problematizo como o NEPBIO, sendo como uma “verdade empírica”, pode ser questionado como verdade-NEPBIO em oposição de uma mentira-NEPBIO. Problematizo essa oposição, inspirado nesta perspectiva pós-estruturalista, como oposição entre realidade e virtualidade, analisando o NEPBIO pelas suas práticas discursivas e não discursivas, não somente durante as oficinas, mas no seu cotidiano, motivo pelo qual desenvolvi a cartografia como método de pesquisa, isto é, presente, permanecendo e pertencendo, entre afetos nos/dos/com os encontros.

Bom. Em que medida posso pensar uma verdade-NEPBIO e/ou uma mentira-NEPBIO?

Para aproximar-nos a possíveis respostas, uma questão chave, seguindo essa teoria, é que clichê não são as imagens pensamento das experiências NEPBIO, mas algo em que elas se transformam ou podem se transformar, que são sintomas e agentes do esvaziamento de nossa potência de pensar. (Idem, p.17).

Permanências, potências e forças em conexões das *estéticas da existência*. Análises históricas como a arqueo-genealogia possibilitam-nos descrever e comentar as relações discursivas, que neste caso sobre o clichê, relaciono com a história sobre o pensamento.

Pensar a *estética da existência NEPBIO* como imagens tornadas clichê, implica uma postura de descrença. Pensar a imagem “descrendo-se da sua capacidade tanto de reproduzir o real quanto de potencializar a nossa capacidade racional”, como “uma crise em relação a esta possibilidade no próprio pensamento” (Idem, p.17), que:

para Nietzsche, essa crise é gerada, paradoxalmente, pelos valores mesmos que foram fundados pela própria filosofia e dela foram fundadores, e que para ela se mantiveram durante muito tempo como, digamos assim, uma força hegemônica. Esses valores se resumem numa crença na razão tomada como um transcendente, isto é, tomada como uma instância superior à vida e à qual a vida deveria se submeter. Em outros termos: a crença na razão como um modo de ser da própria moral. Esse fenômeno, que para Nietzsche se desdobra num processo ao mesmo tempo existencial e sócio-histórico, por ele identificado como "nihilismo europeu", está absolutamente presente neste diagnóstico que aponta a imagem - a "civilização da imagem" - como uma inimiga do pensamento. (Idem, p. 17)

A perspectiva de transcendência da filosofia clássica nos leva a acreditar numa verdade iluminada. Por outro lado, temos uma perspectiva de realidade imanente, que com Nietzsche passamos a entender, sendo própria com “o corpo e, portanto, a sensibilidade - como lugar de origem da experiência de realidade”. Destaca-se, assim, o “instintivo” do animal homem, em relação com o campo do intelecto; “algo que criamos a partir de uma necessidade física, estética; enfim, algo que se constrói desde uma experiência da *aisthesis* da sensibilidade (...) impulso nervoso que transformamos em imagem, e uma imagem que transformamos em som” (Idem, p. 18).

Somado a isso, considero oportuno pensar além de imagens e sons, nos múltiplos elementos das práticas, não discursivas: formas, cores, tonalidades, combinações múltiplas etc. que, no NEPBIO, seriam também constituídas por cheiros das plantas, ar menos poluído, cores das flores e das garrafinhas de vidro nas Bioconstruções, os risos durante as narrativas dos permacultores etc. Nesse sentido, a experiência e imagem do real, seguindo Foucault, são práticas discursivas e não discursivas; acontecimentos que constituem estéticas da existência no/do/com o NEPBIO.

Para Nietzsche, falando sobre realidade, a experiência do real nasce como imagem. Dessa forma, Bergson entende o clichê como um esquema sensório-motor, dizendo que

vivemos num universo de partes heterogêneas permanentemente em movimento, e que a percepção nascerá da relação e do encontro dessas partes. A percepção só acontecerá, portanto, se existe movimento, se se produz de um movimento e se produz um movimento. O que aí temos é a experiência da matéria - dos objetos em contato conosco - gerando um impulso nervoso em nós: o movimento dos corpos do cosmos gerando movimento em nosso corpo. Esse impulso nervoso é sempre uma parte da matéria. Por isso a experiência mais material e objetiva que podemos ter da realidade é, para Bergson, a de uma imagem: de um objeto-imagem. E o universo todo será ele mesmo, originalmente, imagem-movimento (Idem, p. 19).

Essas relações entre corpo, movimentos, experiências, tem tudo a ver com clichê.

[...] vimos Deleuze definir o clichê como um esquema para anestesiá-lo parcialmente as mais diversas experiências de realidades que não podemos suportar diariamente na

plenitude do que elas podem ter tanto de terríveis e geradoras de sofrimento, quanto de deslumbrantes e geradoras de prazer. Ou seja, o clichê como algo que surge desde o corpo: algo que o corpo cria a partir de uma necessidade vital (Idem, p. 19).

Fotografia 20 – Estudantes E Bioconstrução de casas com sacos de hiperadobe



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Necessidades vitais para estudantes do curso de Biologia da UNEMAT, pode ser aulas práticas fora da sala de aula. Para os permacultores NEPBIO, uma necessidade vital pode ser receber a visita de professores e estudantes da instituição de ensino superior mais importante do município.

Problematizar contrariedades, cristalizações e potencializações, clichês na/da/com uma imagética NEPBIO, requer pensar práticas discursivas e não discursivas, na/da/com a imagética NEPBIO, atento ao que “Nietzsche nos mostra também como algo acontece nesse processo, fazendo com que ele acabe por se voltar contra nós mesmos, podendo levar até mesmo ao nosso aniquilamento”, talvez na medida em que, como no cinema, num momento “teve a sua força inventiva comprometida (...) em que esses filmes se transformaram numa notável máquina de propaganda dos estados, e do capital” perdendo as forças das imagens; perdendo suas forças imagéticas: “enfraquecimento da força artística, inventiva, das imagens”. (Idem, p.20)

Nesse sentido, buscando estar atento aos processos históricos da constituição do cinema, problematizo o NEPBIO, concebendo-o, assim como o cinema é concebido, como:

grande instrumento para revelar, “fazer aparecer”, a verdade, a “coisa em si” (...) como um autômato do movimento, geraria no nosso cérebro tal impacto sensorio-motor, que potencializaria ao máximo o autômato do pensamento que teríamos em nós: a nossa essência racional. (Idem, p.20-21)

Pergunto-me: como práticas NEPBIO funcionam como *autômato do movimento* que geraria impacto sensorio motor, potencializando o *autômato do pensamento*? Como práticas NEPBIO, com discursos Ambientalistas e da Permacultura, acontecem nessa mesma intenção “iluminista”: como instrumentos para revelar a verdade etc., e limitando pensamentos e agires? Mesmo assim, como acontecem potencializações e forças de pensamentos e agires nas/das/com a imagética NEPBIO?

Romper com o binômio “verdade” “mentira”, nessa relação com os processos aludidos à razão, segundo Guéron, tem a ver com a capacidade de revelar e desconstruir clichês, com a capacidade de descobrir-se como potência:

um rompimento do vínculo sensorio-motor que havia (...) trazem outros sentidos possíveis. Isso significa que as imagens agora "falam", como se fossem também personagens dos filmes, interrompendo as narrações e liberando a partir de si descrições, pensamentos e leituras. (Idem, p. 22)

Caminho para isto é, segundo os ensinamentos percorridos com Nietzsche, Foucault e Deleuze, principal, mas não unicamente, entendendo a heterogeneidade da imanente realidade, acontecendo estéticas da existência, “aparecendo num contexto em que a diferença entre imaginário e realidade, virtual e atual, será muitas vezes indiscernível”. (Idem, p. 22-23)

Como entender as práticas NEPBIO como imagens-tempo? Como analisar o indiscernível? Minha aposta: descrevendo e comentando práticas discursivas e não discursivas, como possibilidade da representação de vários sentidos possíveis numa mesma imagem, ou seja, exatamente o que Deleuze define como a representação direta do tempo no cinema.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que as práticas do NEPBIO são produtoras de clichês, podem se constituir em suas desconstruções, quando pensamos em como reverberam as heterogêneas imagéticas NEPBIO nas/nos estudantes e permacultores. Atentei-me sobre o processo de pensamento, pois:

o real não pode ser reproduzido em si mesmo, não pode ser representado tal qual é - não há mimesis -, ele tem de ser reinventado, recriado (...) saindo em busca de um lugar-limite, onde os sentidos se fecham num mundo sem saída para forçá-los a se abrir em outras perspectivas, que os clichês são desconstruídos. É ali, portanto, onde a necessidade tão existencial quanto física de constituir novos sentidos se impõe, que encontrarão a potência, a força de seus filmes. Força que será identificada por Deleuze no cinema como a "Potência do Falso" e articulada ao que Nietzsche chamou de "Vontade de Potência". (GUÉRON, 2011, p. 24)

Assim, o “falso” é potência: virtual! Potência de pensar e agir, de criar diante da cristalização. Virtualidades, potências, que podem se atualizar em pensamentos, em práticas, nas estéticas da existência praticadas no NEPBIO.

Os permacultores NEPBIO, ainda mostrando o que tem Bioconstruído, narram, talvez numa busca de aproximar “mais” ao real. Nesse sentido, penso as práticas NEPBIO, suas

imagéticas, acontecendo “como artista: como construtores e arquitetos de sentido e de realidade” (Idem, p. 24), reverberando processos de subjetivações e objetivações, em *estéticas outras da existência*. Práticas que reverberam em pensamentos que “vivem existencialmente a necessidade, o desejo e o drama de ter que reinventar histórias e sentidos” (Idem, p. 24-25).

Nesse sentido, as reverberações no pensamento estão/são limitadas pela experiência do clichê, como:

imagem-lei ou imagem-moral: imagem que vai funcionar como um índice determinador e padronizador de valor [...] como expressão da moral, o clichê é também uma operação de poder: poder que opera à medida que se instala nos corpos, não só paralizando-os e atemorizando-os, mas fazendo-os perceber, sentir, agir, desejar, imaginar e sonhar dentro de determinados limites e direções. (Idem, p. 25).

Os clichês, permanentemente, atravessam as práticas NEPBIO, os corpos dos permacultores e das/dos estudantes, o pensamento. Acontecem práticas transformadas como:

uma lei estática, transcendente e a priori - a lei da história que sempre deverá submetê-la. Em outras palavras: o clichê estará numa história teleologicamente organizada num processo com vistas a um "grande fim" racional [...] Presos num clichê - que neste caso será semelhante ao que chamaremos de "cristal sintético" de tempo (Idem, p. 25).

Então, mesmo assim acontecem práticas discursivas e não discursivas contrárias, que superam os clichês, potencializam o pensamento e os agires.

Esses jogos de contraditórias potências e forças constituem práticas. Jogos de tensões, do tipo “da antiarte com a arte, do niilismo com a potência criadora de sentido, pensamento e vida. É neste lugar limite que precisamos compreender o que é um clichê, para que, em seguida, possamos desconstruí-lo e superá-lo” (Idem, p. 26).

Pensando meu objetivo de pesquisa e possibilidades para o pensamento que passam potencializar novas possibilidades de sentidos para a vida, penso/problematizo a estética da existência NEPBIO, como arte, potência criadora de sentido, pensamento e vida; isto é, práticas discursivas e não discursivas NEPBIO que reverberam nas/nos estudantes e potencializam novas estéticas da existência: *estéticas outras de existência*.

As/os permacultores NEPBIO narram que você pode construir a casa do jeito que você quiser. Isso rompe com limites de possibilidades da série de construções que geralmente encontram-se na região. Também, quando as/os permacultores perguntam para os estudantes se eles cuidam de suas merdas, potencializam o pensamento, provocam com questões que são, talvez, antimorais.

Em relação à estética da existência NEPBIO penso com o surgimento do cinema, enquanto ao:

[...] objetivo perseguido desde o Renascimento de encontrar uma técnica para reproduzir perfeitamente o real, algo que nos mostrasse este real tal qual ele é e sempre foi em si mesmo. Para que esta procurada técnica tivesse sucesso, ela deveria tentar eliminar a "perigosa" intermediação do homem, de sua subjetividade e de suas

paixões, buscando sempre um tom austero e neutro: correto método da busca da verdade. (Idem, p. 31).

Essa tentativa, que se pretendia através da câmera “desde onde todo o movimento do real poderia ser revelado, mostrado e filmado na sua essencial e completa constituição empírica”, o NEPBIO possibilita através das oficinas com as/os estudantes/visitantes, nesse/desse/com esse *espaçotempo*.

Penso se o NEPBIO pode ser concebido como, num momento, se pensou o cinema,

[...] um mecanismo de reprodução do real em si mesmo. E, no caso do cinema, de reprodução automática do real. Esse mecanismo seria, ao mesmo tempo, como um olho e um espelho perfeito, onde a estrutura da realidade pudesse ser empiricamente mostrada tal qual ela realmente seria. É curioso, uma vez que já fazia mais de um século que Kant nos mostrara que a "coisa em si" jamais seria conhecida pela razão, pela subjetividade humana - embora, ainda segundo ele, pudesse ser intuída mas o Ocidente insistia em anunciar aos quatro ventos a apresentação empírica da verdade; como tantos, ainda hoje, o fazem.

Entendo a estética da existência NEPBIO acontecendo como reprodução automática do real, como práticas discursivas e não discursivas nesse jogo do clichê, cristalizando e impedindo potências, assim como, contraditoriamente, potencializando.

Nessa busca pela representação “fiel” da realidade, o cinema “radicalizou a busca da mimesis” (Idem, p. 32). Analiso essa mimesis, enquanto manifestação e/ou representação da realidade no NEPBIO, visível quando as/os permacultores narram que eles conseguem viver de maneira sustentável, ao mesmo tempo em que os estudantes estão observando o jeito como eles vivem. Não existe ali, algo teórico e algo prático. Existem práticas de vida sustentáveis, que são narradas conforme se vive. Existe ali, imanência, como diria Deleuze, uma vida! Narrativa com rosto de sustentável que o Belinaso (2015) nos convidou problematizar, e que atravessa as práticas NEPBIO.

Nesse sentido, a heterogeneidade da imanente realidade, imagem-tempo do pensamento, funciona entre realidade e virtualidade. Múltiplas relações e distinções reverberam nas singularidades de cada estudante, reverberando com suas experiências NEPBIO.

Às práticas do NEPBIO segue uma aspiração ao verídico, uma lógica “iluminista”, um “poder da vontade”, uma “vontade de verdade”? talvez guiada pelas imagens de discursos ambientalistas transformadas em clichês? Tem uma “estrutura de fábula” (Idem, p.35)? Sendo assim, como acontecem os rompimentos dos clichês? Como os supera?

Práticas NEPBIO como os roteiros ou os designs permaculturais, que vão desde o planejamento da data de uma oficina, da turma visitante, dos percursos, das falas, da planta onde vai ser Bioconstruída uma casa, até do chá e/ou café que compartilham, funcionam como

busca de “um choque sensorial e uma experiência do sublime” (Idem, p. 38), como posições racionalistas, como estéticas expressionistas? Nesse sentido, despertaria a potência de pensar comum a todos os homens/mulheres, mas que normalmente não é usada na plenitude de suas possibilidades?

Dessa forma, penso que a estética da existência NEPBIO pode ser problematizada como um “isolamento da experiência do mundo real, quer dizer, um espaço capaz tanto de produzir especiais experiências sensoriais em nosso corpo quanto de nos proteger de tantas outras: o que podemos designar, portanto, como uma câmara (Idem, p. 38).

Nesse sentido, estaria se impondo o virtual (isolados do mundo real) como “realidade” e seria uma medida de força(s) entre real e virtual. Força em jogo com outros *espaçostempos*, com outras imagens, com outras virtualidades; por exemplo: com cantos do município fora do NEPBIO. Potencializações que vão se cristalizando e que “nesse processo em que o virtual vai ganhando estatuto de realidade a função política de esvaziar e neutralizar o pensamento, isto é, a função de enfraquecer a capacidade racional dos homens” (Idem, p. 38) vai transformando-se em “práticas clichê”.

Sendo assim, as experiências sensório-motoras no/do/com NEPBIO são como “segundo Virilio, cidades cinemas, em substituição às antigas Cidades teatro. Haveria aí todo um esvaziamento da política, tanto no sentido grego quanto iluminista do termo [...] ganha um certo grau de virtualidade e uma dimensão imagética” (Idem, p. 43-44).

Nesse sentido, pensar uma imagética NEPBIO, descrevendo e comentando práticas discursivas e não discursivas, possibilita problematizar essa estética da existência, também, “parte de uma estratégia de poder que busca a impotência do pensamento como forma de dominação política” (Idem, p. 43-44)? Como as práticas discursivas e não discursivas acontecem com outras forças? Qual a implicância do poder capitalístico da região?

Por tais motivos, analiso a estética da existência NEPBIO com posturas políticas, onde coexistem modos de impotência e potências do pensamento; mas, como afirma “Deleuze ao falar do clichê como algo que acontece, ou que pode acontecer à imagem, é afirmar que esta não é, em si mesma, a responsável pelo enfraquecimento, pela impotência do pensamento” (Idem, p. 44).

Enfim, penso que com as experiências no/do/com o NEPBIO “estariamos assim diante do que Virilio descreve como um processo de transformações da ‘experiência perceptiva’ do real” (Idem, p. 47).

Caminhando com meu objetivo de pesquisa, pensando como acontecem as reverberações nas/nos estudantes, atentou-me para o que o professor Walter Benjamin, na

publicação *A obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica*, fala sobre percepção e, como diz Foucault, modo de ser sujeito: “a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência” (BENJAMIN in GUÉRON, 2011, p. 58).

Assim, entendo que as experiências das/dos estudantes, corpos presentes no *espaçotempo* NEPBIO, passam por experiências corporais, afetivas, “nervosas”, e que, nessas, acontecem processos de virtualização da experiência perceptiva da realidade que produzem efeitos da *estética da existência NEPBIO*, criando a possibilidade “experiência coletiva do real”.

Como ferramenta metodológica, no exercício de compor a cartografia, também solicitei a cada estudante que escrevesse, um relatório sobre a experiência NEPBIO, após a oficina. Minha pretensão foi perceber essa “experiência coletiva do real”.

Sobre essa relação entre experiência e texto, como práticas discursiva e não discursivas, que como entendo com Foucault são decisivas na constituição dos diversos regimes de verdade, também para Deleuze tem relevância pois para ele “o conceito deve designar o acontecimento” (GUÉRON, 2011, p. 52).

A esse despeito, “a escrita nunca deixa de se referir às imagens, da mesma maneira que as imagens estão sempre a engendrar sentidos no campo do logos” (GUÉRON, p. 53). Nesse sentido, os relatórios sobre as experiências das/dos estudantes se referem às imagens. Imagens do pensamento delas/deles. Também há todo o valor, não como copias que Platão considera enganosas, senão como os Sofistas, valorando “a força ilusória, o poder falsificador do logos: o que mais tarde identificaremos e elucidaremos aqui como sendo a potência do falso (...) uma instancia criadora de ilusões e aparências” ...

De fato, para os sofistas o conhecimento e a prática do logos funcionavam como uma atividade criadora de realidade na medida em que tinham um poder ilusionista capaz de, à semelhança do mito, produzir efeitos estéticos e plásticos. O homem virtuoso era o que desenvolvia esta capacidade, isto é tanto mais virtuoso seria quanto mais dominasse a força criadora e persuasiva do discurso. Assim, a paideia - a educação para a vida política na polis na concepção sofística, deveria ser fundamentalmente o aprendizado desses poderes do logos. É por isso que Foucault vai afirmar que os sofistas compreenderam de forma única entre os gregos a articulação existente entre saber e poder: é o que estaria subentendido, por exemplo, na famosa máxima do sofista - do filósofo! - Protágoras quando este afirma que o homem é a medida de todas as coisas (GUÉRON, 2011, p. 58).

Com isso, analisar os relatórios, possibilita entender que as formas de percepção das coletividades humanas se transformam ao mesmo tempo que seus modos de existência. Dessa maneira, entendo que análises linguísticas, possibilitam entender correlações com os modos de ser sujeito e maneiras de viver; assim, descrevendo e comentando os enunciados escritos nos

relatórios, é possível entender as relações de saber e poder que constituem os discursos e como reverberam nas/nos estudantes a experiência no/do/com o NEPBIO, problematizando sobre “processo de virtualização e desmaterialização da experiência da realidade” (Idem, p. 58), neste caso, do NEPBIO.

Assim, analisando as possíveis reverberações, descrevendo e comentando os relatórios, busco “desconstruir os processos pelos quais a própria “verdade” se constitui. E a “verdade” se constitui, como nos ensina Nietzsche, como uma falsidade, uma ilusão que ganha estatuto de verdade à medida que passa pelo crivo da história”. (Idem, p. 62).

Podemos pensar que o NEPBIO tem se constituído, transformando-se segundo múltiplos acontecimentos. Nesses múltiplos fatores que o constituem, estão também ligadas as transformações dos corpos, de permacultores, de visitantes, de estudantes etc. e as “formas de percepção coletiva”.

Essas transformações são as da experiência sensório-motora - da experiência perceptiva - do real; da própria concepção do real que se altera à medida que o espaço em que os homens vivem é redefinido. O que aí se transforma são também as imagens que estes homens percebem, veem, e os enunciados produzidos por tais imagens. (Idem, p. 63).

Entendo, assim, que segundo nossa percepção coletiva também vamos nos constituindo, sendo sujeitados, sendo e estando com processos de sujeições sociais.

Fotografia 21 – Prática coletiva de produção de tinta ecológica



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

Referindo à impotência dos clichês, Guéron argumenta que:

E uma impotência que atravessa todas as possibilidades produtivas através das quais a vida se mantém e se reinventa. Essa é, na verdade, a questão política e a questão ética que atravessa toda a filosofia de Deleuze: a de compreender a criação como a condição de realidade da liberdade, identificando e potencializando as forças que atuam nesse sentido, ao mesmo tempo em que identifica e desmonta os poderes constituídos que, como contra-forças da vida, tentam afastá-la de se assumir completamente na sua dimensão autoinventiva (Idem, p. 64).

A problematização radica em “travar a luta política na dimensão estética que sempre a constitui” (Idem, p. 65).

E aqui, voltando a Nietzsche, o grande agente da impotência do pensamento não seria a falsidade, e sim a condenação moral da falsidade. É esta que paralisaria o pensamento na medida em que paralisaria os nossos corpos. Na verdade, Nietzsche, quando se empenha no combate ao niilismo, age como um bom e velho filósofo combatendo algo que estaria impedindo os homens de pensar [...] Antes de Deleuze, é em Nietzsche que o pensamento é compreendido como parte de uma força autopoietica pela qual a vida não só se mantém, como também se expande e se reinventa. É esta característica que faz Deleuze colocar Nietzsche como figura central do que ele chama de "linhagem" da filosofia da imanência: a filosofia de Nietzsche como uma força poderosa contra tudo o que na filosofia afirma a transcendência, isto é, que afirma a existência de algo fora da vida que a principia e dirige. (Idem, p. 65).

Seguindo o pensamento Nietzscheano,

a origem do niilismo está exatamente nesse movimento socrático de condenar moralmente tudo o que experimentamos através do corpo, isto é, através da experiência dos sentidos: o movimento que levaria consigo a condenação moral da falsidade. (Idem, p. 66)

Então, como indicação, proposta e, talvez, tarefa intelectual, é ser:

“um médico de corpos”. Bergsonianamente falando veremos que este será também, de certa forma, um médico de imagens (...) à medida que quebraram clichês e restituíram à imagem seu poder instaurador de realidade. A imagem, portanto, experimentada como uma potência do pensamento. (Idem, p. 66)

Enquanto experiência e imagem, “a experiência de realidade é sempre, para Bergson, a de um objeto-imagem”, manifestando que “só pode ser objeto à proporção que é objeto-imagem e à medida que existe o movimento que vai gerar a percepção: uns objetos indo de encontro aos outros, vibrando e produzindo vibração” (Idem, p. 72).

E falando sobre o movimento, Guéron afirma que:

...o que gera movimento é, para Bergson, o que gera a própria imagem: não há nada que ilumine as coisas, as coisas são iluminadas por elas mesmas.

A imagem é assim a própria expressão do movimento, e o movimento é o estado permanente no qual o universo todo sempre se encontra. Consequentemente, esse é também o próprio estado da matéria. Além disso, só há percepção à medida que existe movimento e que se gera um movimento. O que há, então, é uma total identidade entre movimento, matéria e imagem, e a percepção acontece porque existe entre as diferentes partes do universo uma espécie de diferença de energia. O universo seria como uma rede interminável, infinita, de transmissão de energia, de uma maneira que

todas as partes se relacionam com todas as partes. Ou seja, estamos aqui diante de um plano de imanência de luz... (Idem, p. 73).

Encontros entre diferenças de energia encontram-se e pensamos, no que pensamos, energias do que pensamos e energias com as que pensamos. Como acontecem os encontros no/do/com o esquema sensório-motor?

Para Bergson, a luz não ilumina os objetos, são os objetos que se iluminam a partir de si próprios. Esta iluminação se dá como uma diferença qualitativa que existe entre os objetos: a maneira como cada um deles vibra. A percepção existe, então, porque há entre os objetos essa diferença, quer dizer, a percepção se dá graças a uma diferença de energia [...] tira a origem da imagem de dentro da consciência e vai descobri-la nas coisas mesmas, extinguindo inclusive, a distinção e a exterioridade entre matéria e luz. (Idem, p. 72).

Como as imagéticas das práticas discursivas e não discursivas NEPBIO potencializam, forçam e “encorajam a sair dos clichês e experimentar outras sensações, estímulos, pensamentos, tomar posse das imagens, sair do "estado de coisas” que nos é dado”, reverberando nas/nos estudantes como *estéticas outras de existência*?

Na seguinte seção descrevo e comento *encontros* na/da/com a estética da existência NEPBIO: energias, imagens, pensamentos, potencias virtuais, atualizações cristalizadas, tecidos criativos, analisando na/da/com a imagética NEPBIO como:

deixa de estar ligado a um "pensamento triunfante e coletivo", para dar lugar a um pensamento arriscado e singular que enfrenta a nadificação da imagem, afronta o seu esvaziamento e, em prol de novas combinações, abre-o para as revelações poderosas de outras forças e outros signos. E tudo isso com a finalidade de potencializar o pensamento e a vida. (GUÉRON, prefácio)

Fotografia 22 – Estudantes na/da/com a Estética da Existência NEPBIO



Fonte: Acervo do autor, 2019-2021.

SEÇÃO 3

ENCONTROS COM EDUCAÇÃO AMBIENTAIS

Objetivo, nesta seção, apresentar os encontros que tive com questões ambientais, que oportunizaram a realização desta pesquisa. Apresento os movimentos do meu corpo, que me conduziram ao encontro com o NEPBIO - Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres-MT. Em seguida, apresento o NEPBIO e suas práticas discursivas e não discursivas, que, nesta pesquisa são concebidas como Práticas de Educação Ambiental.

A seguir, nas subseções desta segunda seção, relato encontros com *O Rio Paraguai*, com a cidade (município) de *Cáceres-MT* (conhecida como “A Princesinha do Rio Paraguai”), com o *NEPBIO: Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução*, com a *Casa de Cupim*, com os sete *Princípios da Flor da Permacultura*, com *sistemas de tratamentos de águas*, com a *Casa Bambuba*, com a *Ecovila*, com a *Filosofia da Diferença: perspectivas pós-estruturalistas*, com a *Cartografia: ferramentas e potências*, com os professores *Michel Foucault* e *Gilles Deleuze*.

3.1 Emergindo nas questões ambientais

Um encontro feliz no meu andar com questões ambientais, agenciamento que há alguns anos atrás potencializou, também, os agenciamentos desta pesquisa, aconteceu sendo professor de ensino fundamental para 4º e 5º anos, numa escola na Colômbia, no ano 2015. Criei e coordenei uma atividade, cujos trabalhos implicavam desenvolvimento individual e coletivo, em favor do Meio Ambiente.

Durante aquela experiência, vi como um grupo de estudantes sensibilizou-se para se envolver e desenvolver práticas, no entorno educativo, sobre questões ambientais; principalmente, dinâmicas com foco temático dos recursos primordiais: as águas.

A atividade consistia em fazer um trajeto caminhando pela escola, transportando nas mãos, delas e deles, uma boa quantidade do mais valioso líquido. O objetivo primordial era retornar à sala de aula com a mesma quantidade com a que saíram ao início; então, eles teriam que protegê-la, mesmo com as adversidades que foram encontradas durante o trajeto.

Buscava, com essa atividade, “gerar consciência do valor e da importância” do precioso líquido. Minutos antes de propor essa dinâmica, foram eles/elas quem desprezaram a(s) água(s) durante o “recreio”. Precisamente, a ideia veio a mim quando os/as vi desperdiçando.

Sendo professor de “matérias ambientalistas” fui afetado, no sentido Deleuziano do conceito, pois esses contatos com essa matéria, com os estudantes dessa matéria, agenciaram relações de afetos alegres, tornei-me feliz. Essa atividade, esse acontecimento que passou, sobretudo, que me passou como uma troca de afetos, aumentou minha potência, potencializando, assim, também, meu pensamento.

Nesse (re)pensar sobre Educações ambientais, acompanhando jornais nas mídias, problematizava como se constituem relações, operam dinâmicas e são as práticas de(das) família(s), das pessoas com quem eu vivo cotidianamente, com as quais me comunico, com as quais desfruto o mundo.

Esses meus olhares criteriosos, provocaram-me ficar atento, estar atento, aos rasgos comunicativos que estão acompanhados de gestos, corporeidade, sons e silêncios, que também são jeitos de interagir conosco mesmos, com o corpo que tem água, que tem cores e permanece em metamorfoses constantes aos ritmos dos corações. Fui compreendendo esses elementos, e múltiplos outros, a partir das teorias foucaultianas, como redes não discursivas nos/dos/com os discursos, nas/das/com as práticas discursivas e não discursivas.

Assim, as experiências com a atividade da(s) água(s), agenciaram um outro feliz encontro. Aconteceu, também com o amor pela educação, quando retornei ao ambiente universitário no ano 2019 para realizar este mestrado, depois de um longo intervalo, após ter recebido meu diploma de formatura em linguística no ano 2013 na sede Santafé De Bogotá da UNAL. Depois de 6 anos, de novo me encontraria num processo seletivo na mesma Universidade onde tinha cursado minha graduação, na ‘Alma Mater’.

Desde várias semanas antes de receber o e-mail convocando para o processo seletivo, eu tinha um palpite: eu era sujeito desejeante de algo assim. Foi momento crucial, oportuno, de decisivas mudanças para minha família, para mim. Contar com uma “Bolsa” econômica para atividades acadêmicas era fundamental para poder ariscar-me para morar 2 anos em outro país. Vários fatores, relações de *saber-poder* se deram para a viagem acontecer.

3.2 Águas outras: O rio Paraguai, Cáceres-MT e o Pantanal

Embora o lapso temporal entre a publicação do edital de aceitação ao mestrado e a data para fazer presencialmente a matrícula, tenha sido curto (2 meses), pois tratava-se de ter que

comprar passagens internacionais e deixar tudo por no mínimo 2 anos, eu estava decidido a partir.

Foi momento de recomeçar!

Atravessei várias cidades, regiões, entre nuvens, montanhas, selvas, etc. Cheguei ao aeroporto de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, e tão logo peguei minha mala, saí à rua para buscar o ônibus que me levasse à rodoviária intermunicipal.

Era de tarde e ainda não tinha almoçado. Busquei um restaurante dentro da rodoviária e perguntei se tinha “sopa”. Só naquele *espaçotempo*, com o gesto que fez o garçom e o que ele gesticulou, percebi a diferença, pois só aí entendi que ele não tinha entendido o que eu tinha falado para ele. Com outras palavras e com outros gestos, consegui me fazer entender.

De forma similar, perguntando para outras pessoas, consegui pegar ônibus desde Cuiabá, onde tinha chegado de avião, agora direto para a linda cidade onde eu iria morar: Cáceres-MT.

Imediatamente desci do ônibus, já na Rodoviária, meu corpo, meu pensamento, eu todo senti o que precisava: outro ar. Recebeu-me um climão de uns 37° célsius e o primeiro pôr do sol de tantos quanto amei, de tantos quanto vi durante estes dois anos. Além desse clima, para mim quente demais, era aquele ar fresco que os meus desejos me levaram.

Incertezas iam-se transformando, ao passo desses e novos encontros. Encontros outros que narro a seguir.

3.3 O NEPBIO: Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução

Em ritmo com os afetos e os encontros felizes, narro o meu feliz encontro com a estética promovida pelo NEPBIO, que em poucos meses se converteu, formalmente, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no *espaçotempo* de minha pesquisa.

Aconteceu num dia em que evidenciei uma situação problemática no município, a partir da qual eu passaria a ter encontros outros que afetaram e potencializaram meus pensamentos e o meu projeto de pesquisa.

Aquele dia, de drásticas mudanças climáticas, com data 4 de março de 2019, alguns dias após minha chegada, em torno ao meio-dia, eu pisei o gramado do que agora estabeleço como campo para o desenvolvimento desta unívoca pesquisa.

Bem me lembro que de manhã estava fazendo um calorão. Saí de carro com um amigo cacerense, muito conhecedor das dinâmicas no/do município, para levar, a uma recicladora,

garrafinhas de vidro que ele tinha em sua casa; aproximadamente 3 sacos e 2 caixas cheias desse material.

Fotografia 23 – Materiais recicláveis para destiná-los



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019 - 2021.

Quando chegamos no local, já não estava funcionando a bodega de reciclagem. Os vizinhos daquele lugar disseram que eles não tinham conhecimento de outra recicladora no município.

Então, fomos para os botecos onde geralmente vendem cerveja, pois eles podiam receber e encaminhar para aqueles que reciclavam as deles. Ao chegar naqueles bares, as pessoas disseram que não recebiam, que suas bodegas estavam lotadas de garrafinhas e que as casas de reciclagem já não queriam aceitar aqueles materiais.

Foi então quando, baixo do preponderante calor cacerense, que costuma deambular entre os 30° e 41° célsius, decidimos voltar para casa com todas aquelas garrafinhas vazias, e beber um pouco de água. Duvidosos do que fazer com aqueles resíduos, inteligentemente separadas e coletadas em casa, meu amigo falou para a esposa dele sobre o destino que poderíamos dar ao material.

Estávamos surpresos com aquela incrível situação, pois quando mais se requer soluções para este tipo de necessidades, o município não contava com um canal lógico de reciclagem.

Em meio da incerteza, a esposa de meu amigo fez uso certo da tecnologia e postou no facebook (site web), perguntando se alguém saberia o que fazer com tantas garrafinhas. Nesse meio tempo, decidimos colocá-las em sacolas para que o caminhão do lixo as levasse embora.

Quando já tínhamos deixado as sacolas na rua, recebemos uma sugestão do que fazer com todas as garrafas de vidro. Traz a publicação nessa “rede social” (facebook), uns professores da UNEMAT nos escreveram dizendo que todo esse material poderia ser aceito na Casa de Cupim. Os meus amigos, com quem eu estava, consideraram uma boa ideia e se disponibilizaram a levá-lo, todo o material, nesse momento, caso pudessem receber. Quem tinha feito a sugestão para nós, disse que também tinha material para levar, e ligaria para os permacultores da Casa de Cupim para conferir e combinar-coordenar.

Em menos de 5 minutos já estavam confirmando que sim, que efetivamente conseguiram estabelecer uma ligação e aceitavam todas as garrafinhas lá. Colocamo-las no carro, de novo, pois iríamos levá-las, em companhia do casal dos professores que nos indicaram.

Assim, em nessas circunstâncias, vivenciando essa problemática, conheci o local que passaria a ser o *espaçotempo* de minha pesquisa. Trata-se do NEPBIO, maiormente conhecido na região como a ‘Casa de Cupim’.

Embaixo de uma chuva passageira, depois daquele calor da manhã, deslocamo-nos seguindo o carro dos professores. Passamos da estrada de asfalto para um caminho destapado que nesse momento, pela mistura com a água da chuva, se tornou de barro. De repente, a gente parou, ficando em frente de um paraíso natural, com resplandecentes cores das árvores, num clima muito mais fresco, pois estava parando de chover.

Descemos do carro, e minha felicidade aumentou por passar a estar rodeado desse ambiente mais natural, mais vegetal e, evidentemente, mais animal, pois muitos pássaros cantarolavam e uns cachorros foram os primeiros em aparecer.

Ao entorno natural, somavam-se os alegres rostos das pessoas que estavam chegando até onde tínhamos descido, dando para nós as boas-vindas. Fomos recebidos pelas/os quatro, permacultores do NEPBIO: o casal Suely e Sandro, e o filho deles Diego com sua companheira Josiane.

Eu estava contente de estar aí!

A gente se cumprimentou com abraços, como se já fôssemos conhecidos de longa data. Foi muito especial.

Enquanto todos nos cumprimentávamos, vi de longe que na parte interna havia uma construção diferente, chamativa, de cor amarela, bonita, tipo uma casinha. Também, observei que no portão principal do projeto tinha uma placa, tipo um pôster, com o nome e logo do projeto, o qual me levou a perceber que se tratava de um projeto formal e institucionalizado.

Elas e eles disseram para a gente que todo o material que tínhamos levado, poderíamos deixá-lo a um lado do portão, na parte externa, junto ao monte de outros elementos que já tinham aí, ao ar livre; era como se fosse a bodega de recepção dos materiais.

Fotografia 24 – Placa (pôster): nome e cumprimentos em inglês, português e espanhol



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2019 - 2021.

Observando tudo atentamente, detalhadamente, demoradamente, fui relacionando o conceito Bioconstrução, termo do nome do projeto, pensando que nesse local faziam algum artesanato (simples) com o material reciclado. Mas, ainda, e com maior incerteza, eu tinha a incógnita do significado do outro termo ao que se refere o nome do projeto: Permacultura.

3.4 Fonte de Inspirações: *Permacultura Um*

“Há dois tipos de
 homens
 O que parece bem claro
 Um vê o bambu como
 grama
 Outro, como lança [...]

Tire seu manto de
 medo
 E pegue a semente
 Aprender a crescer é
 amor
 O medo é a raiz da
 cobiça
 (MOLLISON, 1983)

Para os permacultores do NEPBIO, e, como bem expresso pelo Sandro ao começar a conversa conosco e apresentar o projeto, Permacultura é o conceito, e mais do que conceito, são princípios sobre os quais está fundamentado e age o NEPBIO.

Como intercessores principais no/do NEPBIO, as/os permacultores aludem e destacam a obra dos australianos Bill Mollison e David Holmgren, que são referidos como os autores desse fundamental conceito que movimenta suas práticas: Permacultura.

Entre os textos que solicitei aos permacultores do NEPBIO, com o propósito de conhecer material teórico que eles estudam para o projeto, elementos importantes também para compor minha cartografia, disponibilizaram o livro *Permacultura Um: uma agricultura permanente nas comunidades em geral* (MOLLISON e HOLMGREN, 1983); precisamente, obra dos dois australianos, publicada inicialmente em 1978 em idioma australiano; posteriormente, traduzida e publicada no Brasil no ano 1983.

Foi a partir desse texto que, pela indicação e sugestão dos permacultores, estabeleci conexões conceituais da Permacultura. Considerei que esse texto está configurado por eixos, os quais se relacionam ao longo da obra, e que irei também relacionando ao longo desta dissertação. Um dos eixos pode ser o caminho feito pelos autores para a criação do conceito Permacultura; outro, as conexões propriamente do livro com o público interessado; outro, experiências dos autores para compor a obra; outro, maior, temáticas da Permacultura; etc.

Embora esse livro esteja, tecnicamente, dividido nos onze capítulos que destaco a continuação, os conteúdos se movimentam e inter-relacionam, motivo pelo qual o considero como uma rede sistêmica de eixos conceituais:

1. Comentário Introdutório. Definição de Permacultura.
2. Origens, Direções e Princípios
3. Auto-Suficiência
4. Produtos da Permacultura
5. Permacultura – O Ecossistema Cultivado
6. Planejamento do Sítio
7. Estabelecimento do Sistema
8. Permacultura e Animais
9. Cogumelos e Fungos na Permacultura
10. Evolução Urbana e Êxodo Urbano
11. A Árvore da Permacultura

Pretendo destacar concepções transversais que observo nessa obra, relevantes por serem utilizados, permanentemente, nos discursos do NEPBIO sobre o projeto. Duas delas são: as condições do “cíclico” e a categoria temporal do “longo prazo”.

Segundo os autores,

Para aqueles de nós empenhados em projetar comunidades humanas que funcionem em harmonia com os ecossistemas que as sustentam, a permacultura oferecia a estratégia máxima para a verdadeira segurança da sociedade — um projeto para ecossistemas baseados na *renovação cíclica*, ao invés de exploração linear. A *longo prazo*, a economia de uma sociedade e sua segurança são inseparáveis de sua saúde ecológica. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 9, *grifo meu*)

Uma das primeiras conexões que no livro se estabelece ao conceito de permacultura é sua relação com o conceito de “agricultura auto-sustentável”, pois, como manifestam os autores, foram esses os grupos que se interessaram, pela temática e buscaram a obra, principalmente, nos Estados Unidos (onde o texto foi editado e publicado no ano de 1982); argumentam que, de fato, tinha, talvez ainda tem, tudo a ver essa relação com intenções de “orientar os padrões naturais de crescimento e regeneração em direção a sistemas *auto-reguladores* e *auto-perpetuáveis*, úteis à sociedade humana” (Idem, *grifo meu*)

Com essas palavras citadas, distingo uma correlação conceitual do termo “auto-reguladores” com o caráter “cíclico”; assim como uma outra correlação entre o termo “auto-

perpetuáveis” com a categoria temporal “longo prazo”, que movimentam os discursos no/do/com o NEPBIO.

Precisamente, uma frase proferida pelos permacultores do NEPBIO, que com maior frequência repete o Sandro, remete a essa rede conceitual: “*Sem pressa; porém, sem pausa*”. Semanticamente, esse discurso alude a um enunciado temporal, indicando uma constante.

Mas, também semanticamente, o mesmo “sem pausa” implica continuidade, mais do que ressaltar a invariabilidade das condições. Assim, o cíclico é permanente, a “renovação cíclica” é sem pausa.

Assim o cíclico como renovação permanente pode ser concebido como repetição constante que produz diferença. Tempos dos ciclos, variáveis e, também, a “longo prazo”.

Continuo observando agenciamentos a partir dos *encontros* tecidos entre essa teoria sobre Permacultura e as práticas do NEPBIO.

Sendo que o caráter da temporalidade, particularmente, é relevante categoria no contexto Permacultural, os autores do livro ressaltam acontecimentos em/de/com tempos outros, manifestando que “uma permacultura é possibilitada por nossos ancestrais, alguns deles remotos; e uma permacultura evoluída é um legado para a posteridade” (Idem, p. 9). Não se trata de traçar uma linearidade histórica, mas de estender em diferentes distâncias, possibilitando aberturas, abrangendo e conectando entre rizomas presentes, passados e futuros.

A primeira vez que escutei a frase “sem presa, porém, sem pausa”, essa afetou-me. Causou-me, confesso, certa moléstia, pela carga semântica que têm. O enunciado “sem pausa”, para mim, alude ao trabalho mecanicista e inumano dos discursos de produção capitalística, e não contempla tempos diferentes ao tempo destinado à produção e geração de lucro, que não pretende dar respiros, que asfixia as condições e jornadas laborais, e retira o humano da natureza, colocando impedimentos para que os corpos não estejam a vontade na rua, nas praias, nos quintais, etc. pois a produção, praticamente tem que ser *auto*-maticamente gerada o tempo todo.

Diferente ao que me fez pensar aquela frase, de ser propulsora de aceleração capitalística, o discurso que propõe os autores do livro se contrapõe ao caráter temporal-productivo, podendo ser concebido, então, como um discurso revolucionário, talvez contestatário, onde atribui-se relevância ao caráter da *autonomia* da natureza, segundo ciclos inerentes das espécies e das múltiplas relações entre espécies vegetais, animais, climas, solos, águas etc. A natureza não tem pausa... e não tem pressa também.

Nesse sentido, valendo-me do esclarecimento acima sinalado, essa frase expressa pelas/os permacultores faz correlação com as posturas teórico-metodológicas, propostas no

livro *Permacultura Um* (MOLLISON E HOLMGREN, 1983), pois as relações que as/os permacultores propiciam, são pensadas e narradas para agir sem pressa e sem pausa da/na/com a autonomia da natureza.

Concebo, nesta dissertação, as práticas desenvolvidas no/do/com NEPBIO enquanto *estéticas da existência* e prática de uma ecológica vida bonita, que, a partir de meus *encontros* com esse *espaçotempo*, me fazem pensá-lo como potência da Educação Ambiental sendo praticada e movimentando vidas. Um conceito de *Permacultura* que aparece no livro é: “criar e viver dentro de um habitat ecológico” (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 9). Essa definição constitui, assim, a *estética da existência NEPBIO* e prática efetiva de Educação Ambiental, “sem pressa, porém, sem pausa”.

Essa curta frase me fez pensar no poeta mato-grossense Manoel de Barros, considerado, também, como “poeta das miudezas”, e que disse “o meu quintal é maior do que o mundo”. Lembrei dele, mesmo assim como quando no Rio de Janeiro consegui uma moeda comemorativa dos jogos olímpicos do ano 2016, cujo valor não se mede pelo preço comercial inscrito no rosto dela, mas, muito a mais, por algo diferente, como ser um presente.

Retomo, para continuar, a definição de Permacultura: “criar e viver dentro de um habitat ecológico”, que, para mim, funciona para definir o NEPBIO, enquanto estética da existência outra. A definição é uma “miudeza” de oito palavras, e que contem múltiplas redes discursivas e não discursivas, pois implica vidas, permanências, existências, etc. Essa é, para mim, uma definição que sintetiza o que são as práticas NEPBIO na/da/com a Permacultura.

Esse “habitat ecológico”, segundo os autores, está articulado com “cultivos de árvores, paisagismo comestível, agricultura de florestas, controle biológico de pestes, reciclagem de lixo orgânico, e outros elementos de agricultura ecológica” (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p.10)

Outras definições de Permacultura aparecem ao longo do livro, sendo outros conceitos e técnicas, atravessadas pelas autonomias das naturezas, como anteriormente já tínhamos visto, que constituem essa concepção, mais do que uma definição do concreta do termo.

Permacultura Um sintetiza conhecimento sobre uma multidão de plantas e animais economicamente úteis juntamente com ideias sobre uso da terra a partir de uma multidão de disciplinas: teoria ecológica, botânica, econômica, antropologia, horticultura, paisagismo e hidrologia. A regra cardinal de projeto da permacultura é maximizar as conexões funcionais. Uma *ecocenose* composta de espécies de aplicação múltipla criará ciclos de nutrientes, cadeias alimentares, e tendências de sucessão que trabalham juntas para fornecer constantemente bens e serviços para a população humana. Os métodos do livro levam a sinergismos mais complexos do que simplesmente usar os resíduos de uma espécie em benefício de outra. A permacultura ideal captura, armazena e controla a precipitação de chuva; acumula gradualmente reservas de energia e novos microclimas para espécies úteis adicionais; incorpora resiliência às variações e extremos climáticos. A função mais

importante de *Permacultura Um*, porém, é como envolve as pessoas, não como senhores egocêntricos degradando a produtividade do sistema para um lucro a curto prazo, mas como residentes por toda a vida, e como guardiães da terra para as gerações futuras. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 9, *grifo meu*)

Segundo essa parte da síntese introdutória que os autores fazem do seu livro, pergunto-me se podemos considerar a obra proposta como “esperançosa”, no sentido que Paulo Freire se refere em sua obra *A Pedagogia Da Esperança*? Sim. Otimista? Mesmo. Um “inérito viável”?

Com o NEPBIO vamos ter possíveis respostas.

Nesse texto citado acima, está o conceito “*ecocenose*”, utilizado também em vários trechos ao longo do livro, sendo fundamental na sua proposta. Trata-se, no meu entender, da máquina (DELEUZE e GUATTARI, 1972) permacultural. Em outras palavras, a configuração dinâmica, *Desing* em funcionamento, de existências, espécies, climas, águas, técnicas, etc. fundamentam os princípios de produções permaculturais. Pensar numa *ecocenose* produtiva em termos de relações, interações e funções de energia, mais que os elementos individuais (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p.18)

Além dessas concepções referentes à Permacultura, os criadores do conceito enfatizam que:

Permacultura é uma palavra que cunhamos para um sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes ou auto-perpetuantes úteis ao homem. Em essência, é um ecossistema agrícola completo, modelado sobre exemplos existentes, porém mais simples. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15)

É uma definição que pode, realmente, parecer simples; no entanto, não é tão simples assim. Embora eles assegurem tratar-se de um sistema “para condições de clima temperado; usando outras espécies e em número diferente, adequar-se-ia a qualquer faixa climática, destinando-se também a se adaptar a situações urbanas” (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15). Isso dá a entender que se pode desenvolver em qualquer, ou, quase em qualquer circunstância *espaçotemporal*. De fato, pode se ver que os autores dimensionam maiormente sua proposta, tal como o demonstram ao afirmarem que:

Desenvolvemos o sistema integradamente, em primeiro lugar, enquanto uma tentativa para melhorar as práticas agrícolas existentes, tanto nas empresas agrícolas ocidentais desenvolvidas, quanto para os cultivos de grãos do mundo subdesenvolvido. O primeiro sistema desperdiça energia, mecanizado intensivamente, e destrutor da estrutura e qualidade do solo. O outro, torna os homens escravos, e combinado ao pastoreio itinerante, faz desertos do que antes eram florestas. (Idem, p. 15)

Essa afirmação é tão idealista e utópica, que até eles mesmos questionam se “talvez estejamos atrás do Jardim do Éden, e porque não?” (Idem, p.15). Esse comentário é bem instigador. Sintoniza com a perspectiva de problematizar que sugerem os filósofos pós-

estruturalistas, mas, no livro parece-me estar com força de afirmação, motivo pelo qual precisei problematizá-la mesmo. É muito importante, ainda mais quando é uma afirmação de abrangência mundial, como:

Acreditamos que uma agricultura de baixo dispêndio de energia e alta produtividade é um objetivo possível para todo o mundo, e é preciso apenas a energia e o intelecto humano para atingi-lo [...] Poderá ter um impacto mais amplo, quando os tempos estiverem mais maduros para essa síntese, num mundo de cada vez mais fome, envenenamento, erosão e carência de energia. Agora é possível projetar sistemas agrícolas de molde a tirar vantagem de recursos encontrados pôr todo o planeta, e levar em conta as espécies de cada país, de modo que a diversidade potencial mesmo das regiões temperadas pode ser grandemente enriquecido, quase ao nível da variedade e estabilidade tropicais. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15)

Para entender esses argumentos, projeto nos mapas da filosofia Foucaultiana, pensado relações de Saber-Poder. Segundo eles, o intelecto humano é a ferramenta, junto com a energia, para a mudança mundial nesses propósitos na/da agricultura. Faz-se necessário lembrar do ano da publicação do livro: 1978, na Austrália.

Os autores manifestam que a obra, o livro, é resultado com base em estudos, soando muito atraente quando dizem que, assim, a Permacultura “suprirá as necessidades essenciais de uma cidade, um povoado, ou uma família grande” (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15), motivo pelo qual tem tudo a ver com a família dos permacultores do NEPBIO, com Cáceres, com nosso continente e com o mundo todo.

Se os propósitos dos permacultores do NEPBIO são abrangentes, a Permacultura é apropriada para esses interesses, pois “tem grande importância para os que desejam desenvolver todo, ou parte de seu ecossistema à quase auto-suficiência” (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15)

Agora, o NEPBIO, localizado no estado de Mato Grosso, que é uma das regiões onde o “agronegócio” é acelerado, como consegue persistir? Sim, o “agronegócio”, que o entendo ligado à concepção de sociedade capitalística, é muito relevante no cotidiano desta região.

Vamos tecendo conceitos para entender. Penso que se necessite muito mais do que folego para criar e viver, permanecer, na/da/com a Permacultura. Sobre isso, o livro indica que:

Nossa orientação inicial era para grupos pequenos, vivendo em terras marginais baratas, onde a ética da lavoura dirige-se ao futuro, e diferente, estilo de vida, e onde a auto-suficiência regional é mais importante que uma colheita lucrativa para exportação, ou que a monocultura para ganho comercial.

Os princípios, se não os elementos, de nosso estudo são aplicáveis a qualquer faixa climática.

Reconhece-se que o cultivo anual é parte integrante de qualquer sistema auto-sustentável, mas as culturas anuais aqui só são consideradas (exceto em pequenas passagens) como componentes do sistema total. Pressupõe-se que o cultivo anual normal é parte de um sistema permacultural. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 15)

Fazendo paralelo comparativo entre essas narrativas e o “agronegócio”, podemos problematizar o cíclico, o temporal, o autossuficiente, o autossustentável, e, sobretudo, o caráter ético; conceitos que, como mais outros, desenvolverei mais para frente.

Segundo o livro dos criadores do conceito Permacultura:

A permacultura dá um referencial conceitual útil para considerações futuras sobre sociedades sadias, auto-sustentáveis. Além de sua contribuição às técnicas de projeto e pormenores administrativos, a permacultura dá um ousado passo pela re-definição de nosso papel mais apropriado na Terra. Como espécie, a humanidade começou a se defrontar com retornos decrescentes do curso tradicional da extração agressiva de nossas necessidades do padrão *cíclico da natureza*. Enquanto destruímos as florestas tropicais úmidas e solos temperados a grande velocidade, eliminamos os últimos amortecedores das ricas reservas biológicas de toda a Terra. Precisamos reposicionar a fronteira de nossa mentalidade com uma forma mais viável de percepção humana, uma de interagir com a natureza num local, e de tornar um objetivo consciente manter a terra produtiva, mas utilizável *para sempre*. *Permacultura Um* aponta o *caminho*. (MOLLISON E HOLMGREN, 1983, p. 9-10, *grifos meus*)

Esse *caminho* foi, e permanece sendo, inspiração para o NEPBIO. Um caminho que começaram com a sua primeira Bioconstrução, uma casa que inicialmente não era para viverem nela, a Casa de Cupim.

3.5 A Casa de Cupim

Aquele dia do meu encontro com o NEPBIO, uma vez apresentando-me com as/os quatro permacultores do NEPBIO, convidaram-nos entrar. Após passar o portão, e caminhando seguindo aos permacultores, fui observando com maiores detalhes a casa que estava no sentido para onde estávamos caminhando. Fez-me pensar naquela casa de doces do conto que eu conhecia, da minha infância, como Hansel e Gretel, mas que aqui no Brasil se conhece como a do conto de Joãozinho e Maria, assim como também me fez lembrar da casa dos ‘Picapedra’, na Colômbia, ‘Flintstones’, no Brasil.

Fui sujeito de afetos e perceptos (Deleuze) naquele encontro. Para Deleuze, o conceito de afetos, que busca em Espinosa, manifesta-se enquanto Afecções. Segundo ele,

Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002, p. 56).

Em relação aos perceptos, o professor Deleuze afirmou que

[...] são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam”, ou seja, é a potência de duração dos encontros da pessoa com o mundo, em termos de afetos que se produzem por estar de determinado modo no mundo (o corpo pode o que pode). Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro) [...] O afecto, o percepto e o conceito

são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa (DELEUZE, 2013, p. 175).

A casa ressaltava! Causou-me impressão, inquietação, afecções, múltiplas sensações. O que seria? Intrigava-me como seria por dentro, o que teria. Seria um museu, um ateliê, uma bodega, um estábulo, uma granja, um recinto para alguma atividade cultural específica?

Fotografia 25 - A Casa De Cupim



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Cada passo que eu dava, me aproximando dela, percebia que cada vez era maior. Acho que ao começo a vi pequena, pois ao redor dela tinha umas grandes árvores, e a imensidade do céu se percebe sem maiores obstruções.

A parede frontal da casa tinha uma porta, que se via pequena pela magnitude da parede. Já estando bem próximo da casa, frente dela, dera a impressão de ser bem mais robusta. A forma era retangular, mas as paredes não tinham a simetria de linhas retas. Não eram planas. Era como se a casa fosse construída de grandes rochas de diferentes tamanhos.

A porta da casa já estava aberta, mas não dava para ver bem a parte interna, pois se encontrava obscura pela radiante iluminação de fora.

A porta também tinha uma forma diferente das retangulares tradicionais. Feita de vários pedaços de madeira, tinha dois de seus lados retos, aquele onde tem as dobradiças e aquele que vai embaixo contra o chão, e os outros dois de formas multiformes. Uma vez parado na porta, eu começava a apreciar com maior sutileza cada detalhe.

Entrando na casa, para dar meu primeiro passo, observei o chão. Era feito de múltiplos e multiformes pequenos pedaços de cerâmicas. Também, observei paredes de distintas formas, construções em madeira, outras eu pensava ser de cimento, etc.

O mais impactante ao entrar na casa, sem lugar a dúvidas, foi o clima muito mais fresco que fora. Antes de entrar nela, eu achava que pela espessura das paredes, iria ser ainda mais quente.

A empatia do encontro prevalecia, reunidos todas e todos já dentro da casa. Enquanto nos acomodávamos, sentando-nos na sala, a senhora Sueli perguntava se aceitávamos café, chá ou água.

Todos mirávamos, atentamente, para todos lados, pois a casa toda estava composta por diversos materiais, com variadas formas e cores. Observando, também, coloridas garrafinhas de vidro nas paredes, colocadas como tijolos, ressaltando pelas tonalidades bacanas que com elas transluzem.

Uma vez já todos acomodados, o senhor Sandro fechou a porta e, nela, pela parte interna da casa, pendurou num parafuso que tinha estrategicamente no centro da porta, um colorido pôster. Tratava-se do desenho da Flor da Permacultura, tema da seguinte subseção, intitulada *Se7e da Flor da Permacultura: repetições e diferenças*.

Fotografia 26 – Na sala da Casa de Cupim, o permacultor Sandro



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Nesse *espaçotempo* outro, em Cáceres-MT, no Brasil, especificamente, na Casa de Cupim, observando, ouvindo, experimentando, constituindo-me das/nas/com práticas discursivas outras, reunido junto com aquelas famílias, com as narrativas que começavam as/os permacultores, as quais aparecem nos mapas desta cartografia, nesta dissertação, fui sendo sujeito de afetos, potencializando meu pensamento.

Fez-me pensar sobre minha situação pessoal, principalmente, com o fato de que eu e minha família, recentemente, tínhamos passado por uma situação de injustiça, que fez com que se confabulasse uma situação judicial para tirar de nós a casa onde morávamos.

Fotografia 27 – Visitantes E Permacultores no/do/com o NEPBIO



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Então, já num outro *espaçotempo*, constituíam-se outras redes discursivas a partir das minhas experiências nessa/dessa/com essa estética da existência, com o NEPBIO, com essas imagéticas, com a Casa de Cupim, com a Permacultura; assim, tornando-me, constituindo-me, também, com Bioconstruções, com narrativas das/dos gestoras/es, com o clima, etc.

3.6 Sete (7) Princípios Éticos da Flor da Permacultura

As narrativas no/do/com o NEPBIO, tornam-se coloridas, ainda mais, quando observamos o desenho da Flor da Permacultura, ilustrado, também, num pôster que os permacultores penduram, em um prego, num tripé feito de bambu, ou num cantinho de alguma Bioconstrução, sendo especificamente exposto, seja dentro ou fora de casa, para mostrá-lo aos *visitantesparticipantes*.

No desenho da Flor sobressai, ressalta, uma flecha vermelha em forma circular centrípeta, que emerge do centro da flor onde estão conectadas as pétalas, e que faz referência, também, ao conceito do “*cíclico*”.

Fotografia 28 - A Flor da Permacultura



Fonte: Acervo do autor, 2020.

As narrativas no/do/com o NEPBIO, tornam-se coloridas, também, quando ouvimos as gestoras e permacultores contarem que cada uma das sete pétalas, cada uma de cor específica, é um dos sete Princípios Éticos da Permacultura.

O sete (7), quantitativa e qualitativamente, é relacionado a diferentes entidades no mundo, característica relevante de palavras e coisas em diversas comunidades, por exemplo: a estrela de 7 pontas, considerada por comunidades religiosas; as sete cores cromáticos; sete dias da semana; septênios, na pedagogia Waldorf; os sete Chakras; etc.

Essa configuração visual, o colorido pôster, está em conexões com outras configurações, com as cores das fachadas e dos interiores das casas, com outras formas, com as Bioconstruções, com outros materiais que dispõem as/os permacultores, com os corpos

presentes, com climas, com plantas, com bichos, etc. São agenciamentos *COM* agenciamentos outros dessa/nessa/com essa estética da existência.

Assim, nesse *espaçotempo* de multiplicidades, estudantes e demais participantes, exercitam práticas do si, através de práticas discursivas e não discursivas ali presentes.

Precisamente, essas redes discursivas e não discursivas, que como veremos na próxima seção, estão ligadas aos sistemas de controle, estão compostas, também, pelas narrativas das/dos permacultores do NEPBIO.

No decorrer da pesquisa movimentam-se tensões (VEIGA-NETO, 2000) e (LARROSA, 2017) entre todas e todos, permacultores, visitantes, participantes e estudantes. Acontecem afetos. Falantes, ouvintes, observando, ficando “de olho”, nos rostos, nos corpos, nas imagens, na situação, no que estão falando sobre a Flor da Permacultura. Corpos e pensamentos são afetados, potencializados; pensamentos constituídos e, também, constituindo, subjetivando; se potencializando, também, pelos discursos proferidos pelas/os permacultores. Pensamentos e práticas se desmoronando, desterritorializando, abrindo-se, quiçá, a um por vir.

Assim, nessas redes múltiplas, constituídas e constituindo, há narrativas das/nas/com as estéticas outras da existência.

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar, na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do *narrador* para em seguida retirá-la dele [...] quanto *maior a naturalidade* com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente *a história gravar-se-á na memória* do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria *experiência* e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de *recontá-la* um dia (BENJAMIN, 1993, p. 205, *grifo meu*).

Esta pesquisa ouve, atentamente, narrativas de permacultores, estudantes, visitantes participantes, que experimentam práticas discursivas e não discursivas de Educações ambientais no NEPBIO. Essa citação de Walter Benjamin, diz sobre a experiência, conceito que qualifica o NEPBIO, pois a letra “E” da sigla NEPBIO refere-se à palavra “...*Experimental*...”. Também, esse texto diz sobre *reverberações* quando faz alusão a acontecimentos futuros com a palavra “recontá-la”. Mas, importa ressaltar nesta passagem as narrativas no/do/com o NEPBIO, e mais do que isso, focar nas personificações, subjetividades, da/do narrador: as/os permacultores como narradoras/es.

Inspirando-me nas palavras de Benjamin, penso os atos de fala das/dos permacultores, como artes “discursivas”, envolvendo atos locutivos e perlocutivos, expressado com palavras, com narrativas “*é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação*” (BENJAMIN, 1993, p. 205), num *espaçotempo* permacultural.

Essas artes “discursivas” são praticadas nas falas, narrações, locuções, movimentos, tonalidades, discursos, enunciados, que, no acontecimento de sua expressão, podem provocar acontecimentos inusitados, estéticas outras de existência. Quando o gestor Sandro narra, em meio a várias conversas que tivemos, que o início da constituição da sua família se deu em aos moldes capitalísticos, que vivia em uma casa tradicional, que trabalhou no exército e que também passou por vários cargos políticos, como o de secretário de turismo do Município, concebo serem narrativas carregadas de sentidos, condições que possibilitaram acontecimentos, devires.

Ele, o sargento, como também é chamado (nomeado o Sandro), disse com contingente sobriedade, que é historiador. De fato, suas falas se estendem durante bem mais tempo que das/dos outra/os moradores da casa. Toda vez que narra anedotas ligadas a acontecimentos vividos, como também quando sua fala, permanentemente, discursa sobre algo do NEPBIO, melhor, diz do NEPBIO e, ao dizer, com essa específica prática discursiva constitui, nessa narrativa mais ou menos artística dele, um mapa outro dessa/nessa/com essa Estética da Existência.

Exemplificando essa potência narrativa, o Sandro pergunta aos *visitantesparticipantes* se elas/eles cuidam si mesmas/os? das águas que bebem? do lixo que produzem? e, específica e enfaticamente, mirando aos olhos aos visitantes, questiona-os: “você... você cuida de sua merda?” ao que geralmente as pessoas gesticulam um riso, possível de ser pensado como riso nervoso, onde o importante é o caráter interpelador dessa/com essa narrativa. Também, com tono e postura desafiadora, pergunta diretamente para alguns e para o coletivo: você, você, você... vocês, sabem de onde vem a água que bebem?

As narrações do Sandro... suas narrativas e essas imagens...

Ele fala sobre o NEPBIO, sendo NEPBIO.

Essas imagens, narrativas no/do/com o NEPBIO, dizem deles como Instituição Familiar, em conexões com os seguintes Sete Princípios Éticos da Flor da Permacultura:

Cuidar das Pessoas + Cuidar da Terra + Partilhar o Excedente + Espaço Construído + Cultura e Educação + Ferramentas e Tecnologia + Manejo da Terra e da Natureza.

Essas sete pétalas da Flor da Permacultura, são sistemas de conexões múltiplas, que movimentam o pensamento. Aparecem, como já dito, nas narrativas junto ao colorido pôster, dentro da casa com seus familiares, narrando para as/os visitantes reunidos na sala da Casa de Cupim, uns sentados no sofá feito a partir de técnicas da Bioconstrução, outras/os viradas/os frente às paredes apreciando as madeiras-tijolos-garrafas, tocando texturas e percebendo as cores e calores das paredes.

Nessas condições permaculturais, coexistem subjetividades com narrativas para que seja “*maior a naturalidade*”, e, possivelmente, “*mais facilmente a história gravar-se-á na memória*”; embora, as/os permacultores dizem que “*não têm por objetivo principal, que não pretendem ser exemplo a seguir*”, o que, em meu ver, constitui, com essas palavras, também, movimentos, forças outras, narrativas que movimentam os discursos, assim como ao expressar que com o NEPBIO, como instituição familiar, “*somente, talvez, queremos mostrar que as técnicas permaculturais que aplicamos dão certo*”.

Assim, o *espaçotempo* se constitui, também, com essas estéticas das narrativas da/na/com a Flor da Permacultura, divulgadas para as/os *visitantesparticipantes*.

No livro *Permacultura Um* (1978), dos criadores do conceito Permacultura, não aparece o desenho da Flor. Então?

O desenho da Flor da Permacultura, símbolo da Permacultura, e as narrativas das/dos permacultores sobre e a partir dele, circula nas práticas NEPBIO, constituindo, também, sua imagética.

Terminada a sua fala de boas-vindas convertida numa primeira parte da oficina, Sandro convida para fazer um recorrido pela casa.

Demos uns passos e nos detivemos na cozinha, onde a Sueli começou a falar, explicando como estava desenhada, sobre o tratamento das águas e materiais orgânicos e inorgânicos que resultavam do que cozinhavam e a respeito do sabão que preparavam dos resíduos das gorduras.

Essas práticas, assim como as cores, da Flor da Permacultura, do entorno, das plantas, das Bioconstruções, potencializam-me a pensar que compõem com cada um de nós, constituindo-se em práticas não discursivas, constituindo discursos e subjetividades. Fazendo um paralelo, pergunto-me como a estética NEPBIO está constituída no/do/com o discursivo e não discursivo dos Sete Princípios Éticos?

É *espaçotempo* de perceptos e afetos, de diferenças e repetições, de uma estética outra da existência, de práticas permaculturais como os sistemas de tratamento das águas no/do/com o NEPBIO.

O binômio conceitual “Diferença e Repetição” é relevante da obra Deleuziana (1968). Sobre esses conceitos, podemos dizer que Gilles Deleuze elabora uma “geografia” que distingue o espaço de um pensamento da representação (ortodoxo, metafísico, moral, racional) do espaço existencial a partir de um pensamento da **diferença** (pluralista, ontológico, ético, trágico).

3.7 Tanque de Evapotranspiração: BET e Círculo de Bananeiras

Mais para o fundo, já pela parte externa da casa, o Diego, filho do casal Sandro e Sueli, mostra outro pôster, pendurado numa bananeira, apresentando o sistema “Tanque de Evapotranspiração”.

Ele, o Diego, acompanhando sua fala, vai assinalando tanto o pôster como as bananeiras e as plantas ao redor dela, expressando que, como minutos antes tinham mencionado a mãe e o pai dele, quando recorriamos a cozinha e o banheiro, se trata de uma técnica permacultural, implantada no NEPBIO, para o tratamento de efluentes, possibilitando um curso cíclico da água.

Fotografia 29 – A BET e o Círculo de Bananeiras



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Segundo as narrativas das/dos permacultores, essa é a forma como eles cumprem a responsabilidade que todos temos, ou deveríamos ter, de regular o destino das águas depois de um uso “primeiro” em casa, quando passam a ser águas obscuras e cinzas.

As águas obscuras são aquelas provenientes dos sanitários. As águas cinzas são as outras, provenientes do banho, de pias, da lavagem de roupas e, particularmente, do lavatório da cozinha, pois contém gorduras provenientes dos alimentos e precisam uma filtragem antes de ser destinada a uma função secundária como a irrigação.

Como sistema de tratamento das águas obscuras, o NEPBIO aplica a técnica da Bacia de Evapotranspiração – BET–, que utiliza organismos biológicos, operando um processo de redução da biomassa e evapotranspiração da água para a atmosfera. Consiste num sistema que retém o produto microbiológico e a água é devolvida à atmosfera em forma de vapor, continuando ciclicamente.

A propósito das águas obscuras, o gestor Sandro interroga-os se sabem para onde vão as águas que eles mesmos, os estudantes, utilizam no seu cotidiano... aliás, questiona se cada estudante sabe como chegou até eles as águas que eles mesmos bebem.

Os estudantes “passam pelo riso”.

Por outro lado, as águas cinzas, provenientes principalmente da cozinha, do banho e da lavagem de roupas, são destinadas para tratamento com a técnica permacultural Círculo de Bananeiras. Diferente da BET, embora também tenha bananeiras, esta técnica se caracteriza por ser um espaço circular com plantas (culturas) de grande exigência hídrica, o que favorece a drenagem da água. Dessa forma, essas culturas plantadas consomem grande parte da água, passando a ser, em forma de vapor, água purificada para a atmosfera.

As/os permacultores do NEPBIO dizem que é uma solução simples, e que assim se faz frente a problemas socioambientais, precisamente do mesmo município, evitando problemas de saúde, contaminação do solo, evitando desenvolvimento de patógenos, e mais problemas de contaminação que tem o município de Cáceres-MT por falta de sistemas de tratamento de águas, funcionando como alternativa de tratamento de esgoto em locais sem rede de coleta.

Os permacultores consideram fundamental que cada casa seja constituída com uma BET. Assim, cada casa da Ecovila tem a sua própria, e as/os permacultores de NEPBIO tem construído várias na região, com a qual geram rendas financeiras para a sobrevivência da família e tornam permaculturais outros locais que se integram ao sistema feito e utilizado aí no local.

Trata-se de uma técnica, de inspiração permacultural, muito relevante do NEPBIO o tratamento das águas utilizadas pelas/os permacultores.

Implica trajetões, cursos, ciclos, do vital líquido. Compreende conexões entre o agir humano e a água como, mais do que conjunto de organismos vivos, a água mesma como organismo vivo. Água tanto vital, para outros seres, como tanto viva ela própria.

3.8 Casa Bambuba

Continuando a caminhada que a oficina NEPBIO oportuniza, a galera toda, estudantes e permacultores, passamos por um lado do Círculo de Bananeiras, dirigindo-nos para outra estética de Bioconstrução, do outro lado da Casa de Cupim: a Casa Bambuba. Entre ambas as casas está localizado o Círculo de Bananeiras.

Diferente da resplandecente cor amarela da Casa de Cupim, as paredes externas da Casa Bambuba estavam bem menos “chamativas”. Observei-a e pensei que, evidentemente, ela ainda não estava “terminada” pois suas paredes estavam com os tijolos à vista, e a parte superior, o segundo andar, ainda sendo construída.

Fotografia 30 – Casa Bambuba em processo de Bioconstrução



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Já nesse outro lar, a gestora Josiane, companheira do Diego, começou nos falar sobre as técnicas que compõem essa Bioconstrução, ressaltando a utilização da espécie de planta Bambu, motivo pelo qual decidiram nomeá-la Bambuba.

Ela falando, distinguia uma sequência dos turnos de fala que as/os gestoras/es NEPBIO têm para fazer o recorrido das oficinas, mas, isso implicava, talvez, a conclusão do recorrido, ainda eu querendo conhecer mais.

Gostei tanto desse ambiente/entorno/contexto que pedi o número telefônico para marcar com eles outro dia de visita.

Assim, encontrei-me e me afetei com a estética promovida pelo Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução do Pantanal.

Fotografia 31 – Estudantes na sala da Casa Bambuba



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Formalmente, o que movimentou o tema de minha pesquisa, simultaneamente com o início de meu mestrado, foi esse primeiro encontro que tive com o NEPBIO. Utilizo o termo “formalmente” me referindo ao momento de estar meu corpo dentro da/na ‘Casa de Cupim’, cumprimentando a família que mora nesse espaço, me sentindo, pensando-me, sendo em/com esse outro ambiente/entorno/contexto, afetado no/do/como essa estética da existência.

3.9 A Ecovila

Uns dias depois de meu primeiro encontro com a Casa de Cupim, com o NEPBIO, enviei mensagem ao permacultor Sandro pelo celular, manifestando meu desejo de visitar o projeto. Eles tinham marcado uma jornada com um grupo e me convidaram. Seria o dia 5 de maio; mas, surgiu um imprevisto ao grupo de estudantes que participaria e foi postergada.

Minha participação estaria sendo feita só por gosto mesmo de conhecer a diversidade, tanto pedagógica como de práticas próprias do espaço ambiental.

Aconteceu que foi o dia 25 de maio meu novo passo lá, participando com uma galera de graduação da UNEMAT.

Foi aquele dia que o recorrido, que eu já tinha percebido que estava sincronizado entre as/os permacultores, foi drasticamente alterado. Eles disseram para a galera que estávamos aí conhecendo o projeto, que passaríamos à Ecovila.

Avançamos, pela parte de trás da Casa de Cupim, e começamos a, “literalmente”, meter-nos no mato. Eu nem tinha noção para onde estávamos indo. Para mim foi estar na selva, sentido “borboletas” no meu estômago, cauteloso por me deparar com algum bicho, mas emocionado com essa sensação de estar na busca.

Depois de atravessar duas cercas, afastados já uns 150 metros das casas Cupim e Bambuba, deparamo-nos com um terreno menos arvorecente. Observei uns pneus de carro colocados deitados e vários montes de areia, outros de argila e, também outros de rochas.

Fotografia 32 – Base das casas, feitas com pneus, na Ecovila.



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

No processo de bioconstrução das casas da Ecovila NEPBIO, seguindo o design planejado entre permacultores e próximos moradores, para as bases as/os permacultores aplicam técnicas de pneus recheados de areias, os quais se fixam com cimento.

Com essas técnicas permaculturais, planejadas previamente num *design*, os permacultores disseram que estavam começando construir mais 5 casas, pois eles estavam constituindo uma Ecovila.

Foi assim como evidenciei ali um entorno tão apropriado para minha pesquisa.

Eu ia me subjetivando com essa imagética NEPBIO.

Pensava se a partir dessa estética de relacionar com o meio ambiental, no meio ambiente, seria possível produzir uma ética-política capaz de reinventar formas de produzir subjetividades, que fossem menos individualistas, consumistas e mais solidárias. Então, passei a pensar que, talvez, a partir das práticas em diferentes espaços e tempos, como no NEPBIO, consigamos produzir diferença. Essa foi a ideia que me moveu.

Assim, com esses primeiros *encontros* com o NEPBIO, participando das oficinas, fui afetado, fazendo com que me fosse possível projetar fazer minha pesquisa aí.

Assim constituem-se os *espaçotempos* desta pesquisa.

Fotografia 33 – Estudantes observando e escutando na Ecovila.



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Fotografia 34 – Casa Manduvi na/da/com a Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Fotografia 35 – Grupo de estudantes e permacultores na Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

SEÇÃO 4

ESTUDANTES E EXPERIÊNCIAS NO/DO/COM O NEPBIO

Estudantes do mundo nas/das/com as estéticas de existência NEPBIO. Refiro-me aos meus intercessores da pesquisa - Estudantes de segundo semestre do curso de Biologia da UNEMAT- sendo/estando presentes “NAS” práticas no *espaçotempo* NEPBIO caracterizadas na seção anterior. Também, refiro-me a elas/eles, sujeitos “DAS” estéticas de existência NEPBIO, constituindo-se e constituindo modos de ser sujeito e maneiras de viver, próprias dessas práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental. Nesse mesmo sentido, refiro-me às múltiplas heterogêneas relações entre as/os estudantes “COM” o NEPBIO, tornando sujeitos outros, possibilitando práticas outras, diferentes; isto é, agenciando *estéticas outras de existência*.

No exercício de pensar/problematizar como acontecem os processos de subjetivação nas *E* das *E* com as práticas discursivas e não discursivas NEPBIO, inspirado na teoria foucaultiana, nesta seção elaboro um mapa de análises das visibilidades e dizibilidades da experiência de si nessas/dessas/com essas práticas acon-te-sendo

dispositivos pedagógicos nos quais se constrói e se medeia a “experiência de si” (...) pode ser analisada como resultado do entrecruzamento, em um dispositivo pedagógico, de tecnologias óticas de auto-reflexão, formas discursivas (basicamente narrativas) de auto-expressão, mecanismos jurídicos de auto-avaliação, e ações práticas de autocontrole e auto transformação. (LARROSA, 1994, p. 38)

Como dispositivo pedagógico, como operação constitutiva e/ou produtora e/ou transformadora da subjetividade, as práticas NEPBIO acontecem em, de e com modos e maneiras de estéticas de existências. Essas experiências foram mapeadas a partir da minha interação no meio, bem como da participação dos sujeitos da pesquisa, alunos do segundo semestre de biologia da UNEMAT nesse *espaçotempo*. Tudo se movimentando e movimentando esta cartografia: a oficina NEPBIO, os questionários e relatórios solicitados aos estudantes, as fotografias, filmagens, gravações, anotações, a atenção aos deslocamentos etc.

Experimentei práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental NEPBIO acontecendo processos de subjetivação nas/das/com as experiências do sujeito consigo mesmo. “Essas formas de relação do sujeito consigo mesmo podem ser expressadas quase sempre em termos de ação, com um verbo reflexivo: conhecer-se, estimar-se, controlar-se, impor-se normas, regular-se, disciplinar-se, etc.” (Idem, p. 38) O autor prossegue dizendo que

esse sujeito construído como o objeto teórico e prático tanto das pedagogias quanto das terapias, esse "sujeito individual" caracterizado por certas formas normativamente definidas de relação consigo mesmo, não é, em absoluto, uma evidência intemporal e

acontextual (...) esse sujeito que "desenvolve de forma natural sua auto consciência" nas práticas pedagógicas, ou que "recupera sua verdadeira consciência de si" com a ajuda das práticas terapêuticas, não pode ser tomado como um "dato" não-problemático. (Idem, p. 40)

Nesse sentido, problematizar a constituição histórica e cultural das práticas como constitutivas do sujeito, implica problematizar os modos do sujeito se comportar, isto é, nosso modo de ser. Larrosa prossegue dizendo que...

O que é histórico e contingente é algo que vai muito além das idéias ou das representações. O homem é, sem dúvida, um animal que se auto-interpreta. A História ou a Antropologia mostram, pois, a diversidade dessas auto-interpretações. Mas o que fazemos, o modo como nos comportamos e, afinal, o como somos, na medida em que isso tem a ver com como interpretamos a nós mesmos, também pode ser posto em uma perspectiva histórica e/ou antropológica. (Idem, p. 41)

Assim, sendo/estando, permanentemente, em processos de subjetivação, nosso olhar sobre nós mesmos também é constitutivo, e se transforma. Nesse sentido, o modo de olharmos a nós mesmos tem implicância, conseqüentemente, nas nossas práticas, nos nossos comportamentos, na nossa conduta cotidiana etc.

Dessa forma, problematizando inspirado em Foucault, penso o NEPBIO com práticas que possibilitam e constituem

uma "experiência" tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos (...) se entendemos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. (idem. p. 42)

Assim, a problematização que me propus consistiu em pensar o NEPBIO como práticas de experiência de si. Para isso, com Silva entendo a experiência de si como:

o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade. É a própria experiência de si que se constitui historicamente como aquilo que pode e deve ser pensado. A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (idem. p. 43)

Então, analiso o NEPBIO sendo mecanismo de práticas de Educação Ambiental, histórica e culturalmente contingente, "nas quais se estabelecem, se regulam e se modificam as relações do sujeito consigo mesmo e nas quais se constitui a experiência de si" (Idem, p. 44).

Assim, penso o NEPBIO como mecanismo de produção e mediação pedagógica da relação da pessoa consigo mesma. Nesse sentido, analisando as práticas NEPBIO como mecanismo de experiência de si, esta seção está constituída por regularidades que, analisei, medeiam a experiência de si.

Esses dispositivos pedagógicos constroem uma experiência de si constituída, em grande parte, pelas narrações das/dos permacultores, pela percepção dos seus sentidos presentes

nesse *espaçotempo*, pela permanência num entorno ecológico etc. Os estudantes ao produzirem os textos escritos, como foram os questionários e os relatórios, ao mesmo tempo, os textos produzem seu ser como sujeito. “O dispositivo pedagógico produz e regula, ao mesmo tempo, os textos de identidade e a identidade de seus autores. E aprendem também uma certa imagem das pessoas e das relações entre as pessoas”. (Idem, p.47)

Analisando as práticas NEPBIO, percebi que acontecem processos de mediação pedagógica, possibilitando

relacionar a aprendizagem com a própria experiência do aluno (...) estimular algum tipo de reflexão crítica que modifique a imagem que os participantes têm de si mesmos e de suas relações com o mundo, o que no vocabulário da educação de adultos se chama de "tomada de consciência". (Idem, p. 47)

A imagem que estudantes e permacultores tem de si mesmos está constituída por clichês, como vimos na segunda seção. Cristalizações morais nos impedem enxergar “mais” sobre nós mesmos. A imagem de nós mesmos está constituída, também, pelo que percebemos de nosso exterior. Os escritos que fizeram os estudantes estão mediados, também, em grande parte, pelas narrações das/dos permacultores. Assim, entendo que o NEPBIO

aparece aqui como um lugar no qual se produzem, se interpretam e se medeiam histórias pessoais. E a experiência de si está constituída, em grande parte, a partir das narrações. O que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. Por último, essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. Para dizer de forma breve, o sentido de quem somos é análogo à construção e à interpretação de um texto narrativo que, como tal, obtém seu significado tanto das relações de intertextualidade que mantém com outros textos como de seu funcionamento pragmático em um contexto. (Idem, 48-49)

Assim, analiso que as produções escritas estão em correlação com a produção do sujeito que experimentou essas narrações. Os questionários e relatórios estão em correlação com os modos de ser sujeito das/dos estudantes, também em relação com os demais seres vivos, além de só os humanos, que interagem no NEPBIO. Esse é um fator fundamental, próprio e identitário da experiência de si no/do/com o NEPBIO. Nesse sentido, as práticas discursivas e não discursivas NEPBIO estabeleceram, regularam e modificaram os significados dos textos produzidos pelas/pelos estudantes, em correlação com suas subjetivações, tratando-se de

operações orientadas à constituição e à transformação de sua própria subjetividade (...) Algumas práticas pedagógicas, então, incluem técnicas encaminhadas a estabelecer algum tipo de relação do sujeito consigo mesmo, a fazer determinadas coisas com essa relação e, eventualmente, a transformá-la. Para dizer de uma maneira próxima ao vocabulário foucaultiano, trata-se de produzir e mediar certas "formas de subjetivação" nas quais se estabeleceria e se modificaria a "experiência" que a pessoa tem de si mesma. (Idem, p. 51)

Nesse sentido, a estética da existência NEPBIO acontece enquanto práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental, como instituição de governamentalidade diferente daquela exigida pelo modelo capitalístico, subjetivando mediante próprios mecanismos que estabelecem e modificam a experiência que a pessoa tem de si mesma, (re)produzindo modos de ser sujeitos e maneiras de viver; isto é, (re) produzindo *estéticas outras de existência*.

No sentido que venho abordando a questão do governo, segundo Foucault, se faz pertinente destacar que

a partir de 1978, o binômio saber/poder, já elaborado previamente em termos de "disciplina" e em termos de "biopoder", começa a ser abordado em termos de "governo". E, na perspectiva de Foucault, a questão do "governo" está já desde o princípio fortemente relacionada com a questão do "autogoverno". E esta última questão, por sua vez, está claramente relacionada com o tema da "subjetividade". (Idem, p.53)

Foucault problematizou as questões de *governo, autogoverno e subjetivação* relacionando-as ao “poder pastoral”, que “implica um conhecimento da consciência e uma atitude para dirigi-la” (FOUCAULT *apud*. LARROSA, 1994, p.53). Essas relações implícitas, Foucault as referencia como “tecnologias do eu”, argumentando que “seria útil analisar o governo de si por si mesmo (de soi par soi) em sua articulação com as relações com os outros (rapports à autrui)” (FOUCAULT, 1989b, p. 136).

Segundo as análises foucaultianas, a respeito do ‘governo’ e o ‘poder pastoral’, “este governo de si, com as técnicas que lhe são próprias, tem lugar "entre" as instituições pedagógicas e as religiões de salvação (religions de salut) (FOUCAULT, 1989b, p. 137).

Assim, Foucault identifica as correlações entre questões políticas com questões éticas.

a questão ética está claramente subordinada a uma problemática política, à medida que Foucault vai tomando como objeto de análise espaços históricos cada vez mais distanciados, a questão do "governo de si" se faz cada vez mais autônoma (...) embora a questão política continue implícita, a problemática ética é claramente dominante (...) Foucault tenta uma análise metódica das práticas orientadas à manipulação da existência pessoal, ou, mais especificamente, uma colocação em cena das "artes da existência" que se podem encontrar em alguns grupos sociais na Grécia clássica e na Roma Greco-Latina. E, nesse contexto, o foco privilegiado é a consideração das diferentes modalidades da construção da relação da pessoa consigo mesma. As questões básicas são temas como a hermenêutica do eu, a relação entre verdade e proibição, as formas da experiência de si, etc. O sujeito pedagógico ou, se quisermos, a produção pedagógica do sujeito, já não é analisada apenas do ponto de vista da "objetivação", mas também e fundamentalmente do ponto de vista da "subjetivação". Isto é, do ponto de vista de como as práticas pedagógicas constituem e medeiam certas relações determinadas da pessoa consigo mesma. Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos falantes; não como objetos examinados, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir. (LARROSA, 1994, p. 54-55)

Assim, o sujeito mesmo é prática de práticas, isto é, experiência de si, que tem constituído “moralmente” a si próprio. Essas práticas que medeiam e produzem a experiência de si, Foucault considera-as no caráter pragmático. Também, pensando-as genealogicamente, ele pensa-as historicamente.

O que Foucault estudaria seria algo assim como as condições práticas e históricas de possibilidade da produção do sujeito através das formas de subjetivação que constituem sua própria interioridade na forma de sua experiência de si mesmo. (Idem, p.55)

Nesse sentido, penso a “experiência de si” nas/das/com as práticas NEPBIO, práticas de Educação Ambiental diferenciadas, constitutivas dos estudantes “como objeto para si mesmo”, observando-se, analisando-se, decifrando-se, reconhecendo-se como sujeitos possíveis de Educações Ambientais, de Permacultura, de Bioconstrução, enfim, sujeitos possíveis uma *estética de existência* NEPBIO. Trata-se do “modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual está em relação consigo mesmo” (FOUCAULT *apud*. LARROSA, 1994, p. 55). Entendo, assim, esse jogo como processo de “subjetivação” no/do/com o NEPBIO.

Essa subjetivação está em correlação intrínseca com as práticas no/do/com o entorno pragmático de Educação Ambiental NEPBIO. Ambiente imagético NEPBIO. Ambiente Permacultural. Assim, focalizo como objeto de atenção, nesta pesquisa, as práticas NEPBIO como experiência de si. Desta forma, analisei o cartografei práticas com movimentos, corpos, estudantes e *espaçotempo* NEPBIO, fotos, vídeo, textos, especificamente, questionários e relatórios, tomando-os como domínio material, como o objeto dessas práticas. Assim, imaneamente, constituiu-se e desenvolveu-se a problematização da pesquisa. Problematização particular, histórica e contingente nas/das/com as práticas de Educação Ambiental NEPBIO estabeleci a especificidade da “experiência de si”.

Desse modo, e inspirado em Foucault, concebo as práticas NEPBIO como constitutivas e transformadoras de sujeitos. Nesse sentido, podem ser entendidas como práticas de “Tecnologias do Eu”. Com isso, problematizo os acontecimentos NEPBIO como práticas

que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade (FOUCAULT, 1990, p. 48).

Nesse sentido, o NEPBIO, concebido como dispositivo pedagógico, coloca para funcionar uma maquinaria produtora de sujeitos de um modo particular. Assim, problematizar

o NEPBIO é analisar esse dispositivo concreto; analisar dimensões do dispositivo pedagógico de produção e mediação da experiência de si.

Por tanto, nós como sujeitos, constituídos contingentemente por práticas históricas, olhamos para nós com determinados filtros. Assim, varia o que é visível para nós. Nossa percepção é delimitada, determinada e possível de transformação, como vimos na seção 2 com os clichês cristalizados na imagem e o possível rompimento deles.

O *espaçotempo* NEPBIO se constitui, como já dito, em um dispositivo de visibilidade, com práticas discursivas e não discursivas que possibilita ao sujeito se tornar visível a si mesmo em sua interioridade. Narrativas das/dos permacultores, Bioconstruções, pôsteres, silêncios, experiências coletivas, bichos, calor, câmeras, plantas, luta entre tempo Kronos e tempos Aion, águas, sombra, caminhar, sol, escrever, sentar-se, botar mão na massa, pensar a casa que quero construir, pensar, pensar o NEPBIO, pensar outras coisas, rompimentos de clichês, clichês nas imagens, imagética NEPBIO etc.

Dessas práticas discursivas e não discursivas, questionários e relatórios escritos também funcionam como mecanismo, tecnologia, dispositivo pelo qual o sujeito se torna visível a si mesmo em sua interioridade (Foucault, 1976). Nesse sentido, as práticas no/do/com o NEPBIO determina e constitui tanto “o que é visível e o olho que vê, o sujeito e o objeto do olhar” (LARROSA, 1994, p. 61).

Entendo que as práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental que constituem o NEPBIO, acontecem como instituição de governo de si e dos outros, sendo que são práticas ecológicas, permaculturais e de bioconstrução que “envolve todo o conjunto de mecanismos nos quais a pessoa se observa, se constitui em sujeito da autoobservação, e se objetiva a si mesmo como visto por si mesmo” (Idem, p. 62). Com as perguntas interpeladoras das/dos permacultores, “entre” essa imagética NEPBIO, com os dispositivos dispostos durante a oficina, “o indivíduo é levado a reconhecer-se e a identificar-se em imagens dispostas para isso” (Idem, p. 63)

Sendo/estando no/do/com o NEPBIO o sujeito força seu pensamento e agires de determinado modo, sujeito mediante as práticas desse mecanismo. Assim como as imagens clichê, de referência e de expressão, medeiam, nesse jogo da linguagem, os processos de subjetivação:

A ideia de expressão estaria aqui possibilitada porque as produções lingüísticas, artísticas ou os comportamentos corporais seriam tomados como signos, e nos signos dessa linguagem haveria alguma pista, algum rastro do indivíduo que os produz. (Idem, p. 64)

Expresso o que sou, o que vejo que sou, o que penso que sou. No que expresso estou. Tornando-me do que expresso. Constituindo-me com o que expresso. As práticas que constituem o sujeito estão, em certa medida, nas produções expressas pelo sujeito e, aquilo que o sujeito expressa vai constituindo-o também, seja consciente ou inconsciente, referencial ou imaginativa, intencional e/ou não. “O discurso expressivo seria, portanto, aquele que oferece a subjetividade do sujeito” (Idem, p. 65), embora suponha-se restos inexpressados.

As/os estudantes utilizam signos para expressar-se sobre o NEPBIO, utilizando signos que foram percebidos por eles, principal e potentemente, na oficina realizada, assim como utilizando significantes próprios da “língua da universidade”, com suas regras e características específicas e particulares. Tratam-se, de sujeitos como espelhos que refletem o que tinham percebido. Sujeitos expressando ou questionado e solicitado para compor os questionários e relatórios, mostrando intencionalmente ou sem intenção seu ser próprio do sujeito, sendo/estando, de certo modo, numa posição discursiva particular. Práticas que tem um funcionamento do discurso NEPBIO, que

são máquinas óticas que produzem, ao mesmo tempo, o sujeito que vê e as "coisas" visíveis. E máquinas enunciativas que produzem, ao mesmo tempo, significantes e significados. Incluem máquinas de ver e práticas discursivas. Práticas de ver e práticas de dizer. Mas tanto as máquinas óticas quanto as discursivas estão imbricadas em formações não óticas e não discursivas. Um dispositivo implica visibilidades e enunciados. E, inversamente, as formas de ver e de dizer remetem aos dispositivos nos quais emergem e se realizam. (Idem, p. 67)

Enunciados que convergem nesse *espaçotempo* constituem tanto aos Estudantes como às práticas discursivas e não discursivas NEPBIO. Ao participar no/do/com o NEPBIO é que os discursos que constituem essas práticas operam constituindo e modificando sujeitos-objetos da enunciação. Transforma-se a subjetividade de quem interage nesse *espaçotempo*, toda vez que

É inserindo-se no discurso, aprendendo as regras de sua gramática, de seu vocabulário e de sua sintaxe, participando dessas práticas de descrição e redescricao de si mesma, que a pessoa se constitui e transforma sua subjetividade. (Idem, p. 68)

As narrativas NEPBIO atravessam suas práticas. Narrativas das/dos permacultoras/es e das/dos Estudantes. Narrativas que constituem aos sujeitos, construindo identidades articuladas temporalmente.

As metáforas da memória relacionadas com a etimologia de "narrar" e de "contar" podem ajudar a clarificar as imagens que lhe estão associadas. "Narrare" significa algo assim como "arrastar para a frente", e deriva também de "gnarus" que é, ao mesmo tempo, "o que sabe" e "o que viu". E "o que viu" é o que significa também a expressão grega "istor" da qual vem "história" e "historiador". Temos aqui outra vez essa associação entre o ver e o saber (...) e essa imagem do falar como "representar" o visto. O que narra é o que leva para frente, apresentando-o de novo, o que viu e do qual conserva um rastro em sua memória. O narrador é que expressa, no sentido de exteriorizar, o rastro que aquilo que viu deixou em sua memória. Por outro lado,

"contar" vem de "computare", literalmente "calcular" e derivado de "putare" que tem o duplo sentido de "enumerar", literalmente "ordenar numericamente", e de "conferir uma conta". Contar uma história é numerar, ordenar os rastros que conservam o que se viu. E é essa ordenação a que constitui o tempo da história. Mas essa ordenação se concebe basicamente como cálculo, como prestar contas, como "conferir as contas" daquilo que ocorreu. (Idem, p.68-69)

O permacultor Sandro - historiador pela sua formação universitária -, narra e conta as práticas, assim como se narra e se conta a ele mesmo. Fala da história da família, da chegada no local, da maneira como ele moravam antes, do que fazem cotidianamente etc.

Estudantes também narraram e contaram tanto participando na/da oficina NEPBIO, como expressando de forma escrita.

Narrações constituídas e constituindo práticas discursivas atravessadas por relações de poder. Elaboraões e/ou produções discursivas de Educação Ambiental constroem narrativamente vidas, determinando parâmetros de autoconsciência, sendo práticas “que fazem os seres humanos contar-se a si mesmos de determinada forma, em determinados contextos e para determinadas finalidades. A história da autonarração é também uma história social e uma história política” (Idem, p. 71).

Referindo-se ao sujeito falar de si mesmo, Larrosa nos diz:

o narrar-se como autocrítica adota decididamente essa função de "prestar conta" de si mesmo segundo a lógica dos critérios de valor que servem de padrão da contabilidade. Se a autocrítica remete o ver-se, o expressar-se e o narrar-se a toda uma lógica do critério e do valor, o julgar-se remete a uma lógica jurídica do dever, da lei e da norma. O juízo. (Idem, p. 74)

Os sujeitos que interagiram no NEPBIO, narram e narram-se segundo critérios morais, naturalizados, cristalizados, clichê; porém, também narram-se e narram em correlação com práticas outras, como as referidas pelo Foucault como “artes de existência”.

As "artes da existência", em primeiro lugar, não estão ligadas ao obrigatório. São "práticas do eu" que não foram capturadas, nem por um código explícito de leis sobre o permitido e o proibido, nem por um conjunto de normas sociais. Não pertencem nem a um dispositivo jurídico, nem a um dispositivo de normalização. E por isso não incluem uma determinação nem do que é transgressão, nem do que é perversão. Integram, portanto, uma ética positiva, isto é, uma ética referida, não ao dever, mas à elaboração da conduta. Em segundo lugar, as "artes da existência" não pretendem universalização. Nem se fundam em uma teoria universal da natureza humana, nem estão dirigidas a regular a conduta de todos os indivíduos. Nesse sentido, embora possam implicar formas muito intensas de problematização e formas muito rigorosas de ascese e de trabalho sobre si próprio, não constituem uma obrigação geral. Constituem, portanto, uma ética pessoal. Em terceiro lugar, as "artes da existência" não estão ligadas à identidade do sujeito, a qualquer concepção normativa do que é a natureza humana. A formação do sujeito não está dirigida a interrogar, assumir, liberar ou reconhecer o que os indivíduos "realmente" são, mas à livre elaboração de si mesmo com critérios de estilo, à estilização pessoal e social de si mesmo. Trata-se, pois, de uma ética configurada esteticamente. (Idem, 76 - 77)

Dimensões de critérios que constroem e medeiam a “experiência de si” movimentando a estética de existência NEPBIO, com leis, normas, e critérios de estilo.

Nos relatórios aparecem critérios de juízo, utilizando significantes que remetem a “modelos ideais” de modos de ser e maneiras de viver na/da/com a Educação Ambiental.

As pessoas são induzidas a julgar-se com vistas a uma certa administração, governo e transformação de si. A pessoa tem que fazer algo consigo mesma com relação à lei, à norma, ao valor. E isso, uma ação, um fazer que afeta algo, um afetar, é justamente a definição foucaultiana de poder. O poder é uma ação sobre ações possíveis. Uma ação que modifica as ações possíveis, estabelecendo com elas uma superfície de contato ou, às vezes, capturando-as a partir de dentro e dirigindo-as, seja impulsionando-as, seja contendo-as, ativando-as ou desativando-as. As operações do poder são operações de conter ou impulsionar, incitar ou dificultar, canalizar ou desviar. A estrutura do poder, então, implica algo que afeta (uma ação), algo que é afetado (um conjunto de ações) e uma relação entre elas. (Idem, p.78)

Campos de visibilidade, de enunciabilidade e de juízo, que temos acompanhado, especificamente durante esta seção, são operações de poder que procedem fabricando certo tipo de sujeitos. Mesmo assim,

A experiência de si, desde a dimensão do dominar-se, não é senão o produto das ações que o indivíduo efetua sobre si mesmo com vistas à sua transformação. E essas ações, por sua vez, dependem de todo um campo de visibilidade, de enunciabilidade e de juízo. (Idem, p. 79)

Nesse sentido, entendo o NEPBIO como práticas de Educação Ambiental sendo dispositivo pedagógica que constroem e medeiam a “experiência de si” com vistas à transformação das/dos Estudantes e Permacultores, acontecendo em processos de “Aprender a ver-se, a dizer-se, ou a julgar-se é aprender a fabricar o próprio duplo. E a ‘sujeitar-se’ a ele” (Idem, p. 80).

Aprender “com”, “entre” o *espaçotempo* ecológico de Educação Ambiental NEPBIO possibilita acostumar o olho e capturar os detalhes significativos nesse/desse/com esse entorno, com essas práticas.

Aprender a olhar é, portanto, reduzir a indeterminação e a fluidez das formas: uma arte da espacialização ordenada, da constituição de singularidades especializadas, a criação de “quadros”. E também aprender a vencer a indeterminação e a fluidez do olhar mesmo: uma arte da focalização ordenada. O que a pessoa vê de si mesmo, com um olhar educado, é um duplo de si mesmo. Mas um duplo racionalizado, estabilizado, convenientemente espacializado, adequadamente ex-posto. (Idem, p. 80-81)

O aprender Ecológico, mediado pelas experiências de si NEPBIO acontece em um “Aprender a dominar, a governar e a conduzir é estabilizar as ações, dar-lhes uma forma, uma direção, uma composição mútua, uma ordem e um sentido” (LARROSA, 1994, p. 82). Assim, acontece um aprender que transforma o modo de ser sujeito e a maneira de viver, tornando estéticas outras de existência. Nesse sentido, estamos ante o que Foucault entende como a relação entre o sujeito e o seu duplo, “compreendido no interior de uma determinada

configuração de autogoverno. Outra figura da auto-espacialização e da autotemporalização é, então, indiscernivelmente outra forma do atuar sobre si mesmo” (Idem, p.82).

A experiência é o que ocorre "entre" e o que constitui e transforma ambos. E isso, o que ocorre "entre", a relação e a mediação que tem o poder de fabricar o que relaciona e o que medeia, é o que os dispositivos pedagógicos produzem e capturam. (Idem, p.83)

O NEPBIO acontece possibilitando essa experiência de si que constitui e transforma subjetividades, potencializando estéticas outras de existência. Agenciam-se práticas de Educação Ambiental, constituindo modos de ser e maneiras de viver ecologicamente, mediante procedimentos e processos de governo diferente ao requerido pelo projeto capitalístico, pois somos e estamos no/do/com o “que se constitui na fabricação e na captura do duplo” (Idem, p. 84).

Analisando, inspirado no Foucault, percebi que o NEPBIO:

nos permite dissolver o duplo, perceber seus perigos, resistirmos a suas inércias, ensaiar novas formas de subjetivação. Nas palavras de Foucault: "o objetivo principal não é descobrir, mas refutar o que somos (...) Não é libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas liberta-nos, nós, do Estado e do tipo de individualização que vai ligada a ele. É preciso promover novas formas de subjetividade" (Foucault, 1993). Ou, nessas dolorosas palavras quase testamentais da introdução ao *Uso dos Prazeres*, "desprender-se de si próprio".

Ver-se de outro modo, dizer-se de outra maneira, julgar-se diferentemente, atuar sobre si mesmo de outra forma, não é outra forma de dizer "viver" ou "viver-se" de outro modo, "ser outro" (Idem, p. 84)

A continuação, nas presentes subseções, apresento visibilidades e dizibilidades das práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental NEPBIO, sendo regularidades que medeiam a ‘experiência de si’ como processos de subjetivações “entre” essa “LUTA INDEFINIDA E CONSTANTE PARA SERMOS DIFERENTES DO QUE SOMOS”, potencializando *estéticas outras de existências*, diferentes das requeridas pelo projeto capitalístico de sociedade.

Nestas análises não se trata de interpretar, pois, como comenta François Ewald, no editorial do livro *Mil Platôs 1*:

Gilles Deleuze e Félix Guattari detestam a interpretação. “Interpretar”, dizem, “é nossa maneira moderna de crer e de ser piedoso”. À interpretação, eles opõem a experimentação (...) não se trata de amor a ciência, mas de produzir fatos (...) e, como tal, inéditos. Sua importância é a de renovar completamente os fatos de que trata a filosofia e que tramam a nossa existência. (EWALD, 2011)

4.1 In(ter)dependências: ar livre, trajetos e *espaçotempos* outros

Narro, nesta subseção, movimentos de estudantes da UNEMAT, cursando graduação em Biologia, habitando outros territórios, sendo/estando, isto é, existindo, no/do/com o NEPBIO. Narro encontros e processos de subjetivações acontecendo/sendo nesse, desse e com esse *espaçotempo*, produzindo *estéticas outras de existência*.

Faço uma lista dos relatórios que foram entregues pelas/os estudantes, após a oficina, com a finalidade de tê-los enumerados para ter uma referenciação de cada um. A sequência da numeração dos relatórios, foi por conta de ordem alfabético segundo os títulos criados.

Agendamos a tarde do dia 25/11/2019 para a realização da oficina NEPBIO. Encontramo-nos no pátio da UNEMAT, e, sem condução institucional, dirigimo-nos até o ‘Núcleo Experimental de Permacultura e Bioconstrução de Cáceres-MT’. Alguns foram comigo, outros se dirigiram diretamente ao local. Saímos com o sol a pino, por volta de 13 horas.

Fotografia 36 – Dirigindo os estudantes rumo ao NEPBIO



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Durante o tempo do mestrado eu sempre costumava ir de bike para o NEPBIO. Assim também aconteceu, nesta oportunidade, na frente do grupo de estudantes rumo à nossa oficina experimental.

Fotografia 37 – De bikes e motos rumo ao NEPBIO



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Ao chegar no NEPBIO, encontramos-nos com as e os outros estudantes que tinham chegado direto ao local. Então, reuniu-se um total de 28 estudantes que nesse momento compunha a turma dessa oficina NEPBIO.

As/os permacultores estavam distribuídos entre o portão e o espaço adequado para a recepção da turma, frente da Casa de Cupim.

Tão pronto todas e todos já se encontravam sentados nas cadeiras que estrategicamente tinham dispostos as/os permacultores, realizei as devidas apresentações; esclareci sobre a participação na pesquisa; entreguei os termos de Livre Consentimento do Comitê de Ética e Pesquisa da UNEMAT e, após esclarecidos, assinaram e consentiram que suas imagens e sons fossem utilizados na pesquisa.

Dando passo às falas das/dos permacultores, iniciamos uma roda de conversa, objetivando perceber as concepções que as/os estudantes tinham sobre temáticas relacionadas ao projeto, se tinham conhecimento do NEPBIO e do trabalho desenvolvido na Casa de Cupim e/ou da Permacultura e/ou da Bioconstrução etc.

Iniciou falando o Sandro, apresentando-se como integrante da família NEPBIO, apresentando também seus familiares, permacultores, bioconstrutores. Frente ao grupo, em meio aos estudantes, numa forma de roda de conversa, deram as boas-vindas e, assim, deu-se início à apresentação do projeto e da oficina.

Convidou-nos a passar a conhecer as casas: a Casa de Cupim e a Bambuba. As/os permacultores indicaram-nos que o grupo precisava se dividir em dois, pois pela quantidade de pessoas era bem mais tranquilo cada grupo ir para uma das casas e depois trocar.

Uma estudante (relatório 2) narra esse movimento, expressando: *nos deslocamos até as casas [...] foram construídas a partir de material reciclável, observamos o interior das mesmas, como foi feita e a forma inovadora que eles utilizaram para o tratamento da água.*

Eu ia acompanhando todos os movimentos, recolhendo práticas, sensações, emoções, nas minhas anotações, utilizando videocâmeras, câmeras fotográficas, celular.

Um grupo maior ficou frente da Casa de Cupim... aos poucos, fora se equilibrando a quantidade de pessoas, entre as duas casas. Eu decidi ir com o grupo da Casa Bambuba. Estando já repartidos, cada grupo iniciou o recorrido pelo ambiente interior das Bioconstruções. Eu pedi para o pessoal que estaria na outra casa, que filmassem e fotografassem o recorrido delas/es e depois me encaminhassem.

Fotografia 38 – Estudantes interagindo dentro e fora das bioconstruções



O casal Sandro e Suely dirigiram o recorrido pela Casa de Cupim. A nora deles, Josiane, esposa do Diego, direcionou o recorrido pela Casa Bambuba, na qual ela mora.

Depois dessa explicação, já toda a turma reunida novamente, seguindo as orientações das/dos permacultores, deslocávamo-nos para a Ecovila que, como falei na seção 2, está situada a uns 30 metros das casas.

O estudante do relatório 21 narra esse trajeto, conectando as Bioconstruções de distintos territórios: *após a finalização do tour seguimos uma pequena trilha para chegar em um terreno que está sendo construído.*

A estudante do relatório 2 comenta essa passagem: (...) *visitamos a Ecovila em construção o que possibilitou a observação do processo de Bioconstrução e permacultura das casas.* Ela destaca os processos das Bioconstruções como referência importante.

Fotografia 39 – Recorrendo a Ecovila



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Minutos depois de recorrer a Ecovila, retornamos à Casa de Cupim para a atividade de experiência com as tintas ecológicas.

Enquanto se realizava a atividade, sendo que as/os estudantes iam alternando de funções, entreguei os questionários a serem respondidos nesse momento em que alguns ficavam sentados na sombra, bebendo água e/ou tererê.

Já era em torno das 17 horas, o que significava que aí terminava o horário da aula Didática, motivo pelo qual vários estudantes me falaram ter que ir embora pois de noite teriam

aula na universidade. Nesse sentido, alguns estudantes não se envolveram diretamente com a atividade das tintas.

Pelo mesmo motivo, pelo horário, não fiz roda de conversa que eu tinha planejado para o final da oficina. Por esse motivo, também, decidi, tal como tinha sugerido minha orientadora, objetivando perceber como os estudantes modificaram suas concepções das/nas/com as Educações Ambientais, pedir para cada estudante entregar um relatório da jornada, além do Questionário. O relatório foi entregue na universidade, na aula após o dia da oficina NEPBIO.

4.2 Imagéticas NEPBIO nas/das/com as práticas ecológicas

Nesta subseção busco elaborar um mapa da dimensão imagética NEPBIO que, defendo, acontecem enquanto práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental, e analiso-as como medidas de experiências de si, afetando processos de subjetivação.

Trata-se de heterogêneas imanências atualizadas em imagens de pensamento, com processos de imagens clichês e seus rompimentos, mediante práticas discursivas e não discursivas no/do/com o NEPBIO. Assim, estamos ante problematizações sobre experiências, encontros, perceptos e afetos, que convergem entre processos de atualizações de “modos de ser sujeito”.

É nesse sentido que estamos ante práticas discursivas com imagens, com desnaturalizações de clichês nas potencializações do pensamento e do agir. Agindo, pensando, com imagens pensamento, entre práticas discursivas e não discursivas que constituímos e nos constituem. Práticas NEPBIO produzindo *estéticas de existência* nas/das/com as práticas de Educação Ambiental.

Como expressei na subseção 2.4, abordando o tema do clichê, considero oportuno pensar além de imagens e sons, nos múltiplos elementos das práticas, não discursivas: formas, cores, tonalidades, combinações múltiplas etc. que no NEPBIO seriam também constituídas por cheiros das plantas, ar menos poluídos, cores das flores e das garrafinhas de vidro nas Bioconstruções, os risos durante as narrativas dos permacultores etc.

Sobre observações iniciais das/dos estudantes ao chegar no NEPBIO, a estudante do relatório 8 disse: *Chegamos no local depois do almoço. Logo, de início, uma casa com uma arquitetura bastante peculiar chama a atenção [...] Nos sentamos debaixo de uma árvore e ali teve uma breve apresentação do que iríamos fazer naquele dia.*

Em quanto à relação duma bioconstrução com sua imagem e o pensado pela estudante a partir dela, a estudante do relatório 6 disse: *A Casa de Cupim é o reflexo que a reciclagem é a base da preservação do nosso planeta [...] para que no futuro próximo nossos filhos não tenham problemas de saúde.*

O expressado pelas estudantes sobre a percepção visual, está sendo diretamente relacionado com o tema e entorno ecológico. Dessa forma, as/os estudantes que caracterizam o mundo que estão vendo é um mundo ecológico, relacionado com sua própria existência, sua saúde, seu futuro etc.

Fazendo referência à segunda casa Bioconstruída NEPBIO, Casa Bambuba, destaca-se, entre outros motivos, por ela ser de dois andares. Aquele dia da oficina se disponibilizou o acesso e recorrido a todos os cantos do primeiro andar: sala, cozinha, banheiros, e um quartinho.

As/os estudantes ingressaram e o ambiente ficou lotado. Todas/os observávamos os diversos elementos da casa. O clima, embora com tantas pessoas juntas, estava fresco, ajudando que a porta do outro lado da casa também estava aberta e, desse modo, tinha maior circulação o ar.

Os rostos das/dos estudantes se misturavam entre gestos de surpresa, incerteza; alguns riam enquanto se acomodavam. Todas/os observavam atentamente. Alguns tocavam; tocavam as paredes, a decoração, as portas, os vidros das garrafas das paredes etc.

Rapidamente aumentou a quantidade de estudantes que sacaram celular para tirar fotos. Josiane começou falar sobre as características mais gerais da casa, como o fato de sua estrutura ser principalmente de madeira e tijolos, ao mais específico das técnicas aplicadas nesse recinto.

Enquanto o grupo estava aí, com a Josiane, na Casa Bambuba, eu passei um momento à Casa de Cupim, onde estava a outra parte da turma. A casa também estava lotada em seu único andar. Essa casa também tem porta na frente e na parte de atrás.

Depois de uns minutos, os grupos já estavam saindo pelas portas traseiras para chegar à BET, que fica na parte externa da Casa de Cupim, onde se juntariam os dois grupos para o Sandro explicar esse sistema de tratamento das águas. Os estudantes também estavam acompanhando o recorrido com seus celulares, tirando fotos e gravando.

A estudante do relatório 26 destaca o fato de que as/os permacultores mostraram o que tinham feito e o modo como foi produzido: *foi nos mostrado as diversas técnicas de construção e como eles construíram suas fossas biodegradáveis.*

Os sons durante a jornada eram múltiplos, heterogêneos. Conversas, risadas, silêncios, se misturavam com os cantos das aves e de outros animais do entorno, assim como com os sons

das músicas que se projetavam desde dentro da Casa de Cupim, e que tinham colocados as/os permacultores para acompanhar essa atividade.

A música é arte que atravessa as práticas discursivas e não discursivas NEPBIO. O Diego interpreta distintos instrumentos e participa de grupos musicais no município. Na Casa de Cupim, o casal de Suely e Sandro, costumam reproduzir músicas no celular, computador e/ou radio, tanto para dias de oficina como para seus labores rotineiros em casa, e gostam de dançar.

A estudante do numeral 15 destacou como importante a relação entre os discursos históricos narrados pelos Bioconstrutores, ao fato de ela perceber de fato essa materialização: *observar a estrutura, bem como a história por trás daquela forma de vida, que enfoca principalmente a sustentabilidade, de modo a reutilizar objetos que possivelmente seriam descartados inadequadamente.*

A estudante expressa a relação entre sua observação e possibilidades que essa imagética potencializa para agir de certo modo.

Após visitada a Ecovila, aconteceu a atividade de oficina prática experimental de tintas ecológicas, liderada pelas permacultoras/bioconstrutoras Suely e Josiane, em companhia do Sandro, num espaço que fica frente da Casa de Cupim.

Ela, a Suely, explicou para a turma como tinham obtido, num local próximo, aquela terra, composta de uns elementos particulares e com uma cor peculiar que, misturada com água e com cola, seria utilizada para pintar as paredes de um “banho seco” que numa outra oficina, com outros estudantes, as/os permacultores tinham feito. De fato, naquela outra oficina eu participei.

Fotografia 40 – Permacultora Suely explicando a atividade das tintas ecológicas



Primeiro, as permacultoras Suely e Josiane mostraram os materiais e passaram a convidar aos estudantes para elas/eles misturarem e realizarem todo o processo.

Fotografia 41 – Estudantes fazendo tinta ecológica



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

Todas/os as/os estudantes atenderam às indicações do processo a ser feito, mas nem todas/os fizeram a atividade da mesma forma, pois somente alguns mexeram diretamente com os materiais; uns misturaram os materiais, outros pintaram, outros acompanhavam de perto.

Fotografia 42 – Estudantes pintando paredes com tinta ecológica



Fonte: Acervo do autor, 2019 - 2021.

A arte da pintura no NEPBIO, especificamente tratando-se de tintas ecológicas, produz uma imagética diferente, assim como diferencial é essa mediação na experiência de si, de constituição de sujeito. Sobre isso, no relatório 14, uma estudante expressou que: *tivemos o privilégio de conhecer uma das técnicas usadas na casa, que foi a pintura de argilite, que foi proposto pelo integrante da família da Casa de Cupim, o Sandro; propôs que cada um preparasse e pintasse um pouco de uma parede para ter essa experiência e mostrar que cada um é capaz de cuidar do seu local.*

A estudante relaciona a atividade com os cuidados de si e dos outros a partir de fatos que com a permacultura e a bioconstrução produzimos. Acompanhando os processos das práticas NEPBIO, de fato percebeu mudanças imagéticas ecológicas. É agindo que se consegue mudar; como narro na subseção 4.4, e como disseram as/os permacultores/Bioconstrutores: tem que botar mão na massa.

Acompanham alguns relatórios, como o número 22, fotos, impressas em cores em forma de modo mosaico. A diferentes práticas não discursivas foram expressas, e analiso-as como regularidades mediadoras de constituição dos sujeitos nesse, desse, com esse *espaçotempo*.

As experiências no/do/com o *espaçotempo* NEPBIO, acontecem com afetos, encontros, rizomáticamente, com as múltiplas heterogeneidades entre a/o estudante e o ambiente, sendo uma *estética outra de existência*.

4.3 Topofilia: afetos permanecendo e pertencendo

Analisando as práticas discursivas e não discursivas, problematizando a estética de existência NEPBIO, particularmente, esta subseção, inspirou-se no livro intitulado *Topofilia*, do Yi-Fun Tuan (1980), que tem por subtítulo *Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trata-se de um potente texto que, a partir do conceito de Topofilia, se caracteriza “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Nesta dissertação concebo a TOPOFILIA como uma imagética conceitual afetiva que movimentava práticas dos permacultores, estudantes, minhas, com o *espaçotempo* do NEPBIO. Mas, o que é esse conceito? Sua composição etimológica, une a palavra “topos”, que significa lugar, à palavra “filia”, que significa amizade. Assim, traduz-se na relação afetiva, de amizade, da pessoa com o lugar. “É um conceito difuso, mas concreto como experiência pessoal”

(TUAN, 1980). Assim, trato do elo afetivo de permacultores, estudantes e de mim, no/do/com o *espaçotempo* NEPBIO.

Pensar/problematizar com o conceito topofilia, trata-se também de campos de percepção, de atitude e de visão do mundo relacionados às imanentes *estéticas de existência*. Como aconteceram os encontros das/dos Estudantes da UNEMAT na/da/com a imagética NEPBIO aludida na subseção anterior? Como acontece a experiência nesse/desse/com esse *espaçotempo*?

Sensações e sensibilizações acontecendo *COM* esquemas sensório-motores, em diferentes naturalizações e desnaturalização dos clichês nas imagens. Atualizações de práticas discursivas e não discursivas nos/dos/com encontros de Educação Ambiental, encontros que cada corpo, acontecendo, experimenta práticas possíveis de uma estética diferente: potencializações, atualizações imagéticas outras. Imagéticas que potencializam pensamentos e agires de permanecer e pertencer nas/das/com as práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental NEPBIO.

Existindo: sendo e estando com um *espaçotempo* outro... permanentemente... acontecendo imagéticas “num contexto em que a diferença entre imaginário e realidade, virtual e atual, será muitas vezes indiscernível” (GUÉRON, 2011, p. 22-23).

Penso práticas de “permanecer” e “pertencer” como relações do sujeito com poder. Isto é, analiso a estética de existência NEPBIO como práticas, diferentes, de *governamento de si e dos outros*. Práticas que constituem uma estética diferente, uma *estética outra de existência*, com potencializações e atualizações diferenciadas, singulares.

No relatório 22 vão aparecer outras fotos, folha impressa em cores de modo mosaico; fotos que já tenho mostrado, do interior e exterior das casas. Enquanto à escrita da estudante, foi constituída de um único e longo parágrafo, onde ressalta os diferentes usos que as/os permacultores fazem de distintos elementos:

(...) fomos muito bem recebidos pelos donos da Casa de Cupim. A gente aprendeu muitas coisas boas, como preservar a natureza e também como é que se separa as coisas, gorduras e restos de comidas [...] reciclar algumas coisas que a gente joga que não serve mais, isso tudo que a gente joga serve para fazer muita coisa boa, por exemplo óleo de comida server para fazer sabão, para lavar vasilha e pedaço de tabua serve para fazer portas, cadeiras, janela [...] reaproveita tudo aquilo que nós achamos que não presta mas às vezes não paramos para pensar que aquilo que jogamos serve para fazer coisa bem legal (...)

Nessa estudante reverberou a concepção de que, reutilizando, como fazem as/os permacultores NEPBIO, se consegue “viver num mundo melhor”. É possível perceber a

imagem dos elementos, artefatos, produtos, Bioconstruções feitas pelas/pelos permacultores potencializando seu pensamento para estabelecer relações com ecossistemas, com problemáticas ambientais e com as práticas humanas.

Sobre a relação experiência de si que envolve seu campo de percepção e o ambiente, a estudante do relatório 2 disse: *Muitos ensinamentos foram dissertados, inclusive a forma que a sociedade trata o meio ambiente, o jeito em que estamos desconectados com a natureza, porque se parar para pensar somos nós que causamos sintomas ambientais.*

Através disso, são nossas ações de não dar importância ao planeta que necessita de nós para continuar, é preciso sensibilizar-se pois não somos seres mecânicos e sim orgânicos. Ela alude a que sua existência está diretamente conectada com a experiência com essas práticas NEPBIO.

Analiso o elo afetivo, mediante o expressado no relatório 17: *Foi um dia maravilhoso, divertido e produtivo na Casa de Cupim, onde pode nos mostrar que devemos repensar no nosso modo de vida em todos sentidos, como comportamento atitudes, respeito e outros.*

Penso que outra relação desse elo afetivo acontece pelo fato de ser prática NEPBIO que envolvem à família. A estudante do relatório 26, destaca esse fato: *“é uma instituição familiar sem financiamentos do governo (...) a família fez uma palestra explicando o porquê eles decidiram mudar de vida e começar a viver de forma ecológica e mudar seus hábitos. “Nós sempre tivemos uma pulga atrás da orelha, sempre estivemos desconfortáveis de como vivíamos e a maneira como vivíamos; então, decidimos largar tudo e recomeçar; tínhamos casa e uma vida “normal”. Viajamos para fora do país, conhecemos outras culturas e pessoas.*

A estudante foi afetada, percebendo com atenção tanto a história familiar, seus modos de composição e transformação. Essa percepção foi possível pelo fato da família de permacultores não teorizarem sobre uma prática de Educação Ambiental, mas por viverem essa prática e professarem a imanência de suas vidas.

4.4 Primeiro cuide de você: da água que você bebe e do que você produz

Você sabe de onde vem a água que você bebe?

Você sabe para onde vai o que você produz?

A mudança começa por você, por seu corpo como sua primeira casa

Pensar/problematizar sobre cuidar de si e dos outros, princípios éticos da Flor da Permacultura, e constituintes do processo de são narrações que constituem as práticas NEPBIO.

Mediando a experiência de si acontecem processos de percepções, possibilitando e condicionando imagens pensamento, com processos de naturalizações clichês e rompimentos deles potencializados no/do/com o NEPBIO, tal como no relatório 10 expressa que: *foi de suma importância para a reflexão do que estamos fazendo com a natureza, sobre nossas atitudes e abrir também nossos olhos sobre nosso modo de vida muitas vezes consumistas.*

Desse trecho podemos entender que na estudante reverberou, a partir da experiência NEPBIO, potências de pensamento para questionar sobre seu modo de vida e outros modos de vida, quebrando clichês e potencializando Estéticas outras de Existência.

Práticas NEPBIO que possibilitaram rompimentos de clichês foram, também, as narrativas com perguntas sobre temas da água O estudante do relatório 12 articulou sua experiência de si com o município. Esse relatório inicia com uma parte nomeada Desenvolvimento. Nela, o estudante faz considerações favoráveis das práticas NEPBIO para beneficiar ao município:

É muito necessário que conscientizasse mais as pessoas sobre esse lugar, ainda mais essa Casa de Cupim que mostra exemplo de reciclagem, faz aos cidadãos da cidade pôr em prática a forma que esses moradores fizeram, ainda mais a nossa cidade que vivemos que tem um rio de água doce, rico em beleza, para que cuidasse mais do que temos de cultura dessa cidade que é o Rio Paraguai. La também tinha o lençol freático que aquela fossa que usa pra reaproveitar a água e faz um tampão e com essa água eles jogam nas plantas e nas árvores.

Nele reverberou o NEPBIO como conjunto de ferramentas para ajudar às questões socioambientais do Município, especialmente concernentes ao rio. Conclui seu relatório, além de reiterar a importância do NEPBIO para o cotidiano, com a relevância de ter conhecido a Permacultura pois *“isso faz muita diferença em nossa futura profissão”*.

Por outra parte, a estudante do relatório 3 destaca que: *As ideias abordadas por eles são fantásticas; tratam de assuntos como por exemplo “quais os pontos de partida que devemos tomar para mudar de vida”. O primeiro foi aprender a cuidar das pessoas começando por si; o segundo ponto é saber cuidar da nossa terra, nosso lar; e o terceiro é partilhar o excedente.*

Reverberaram, nessa estudante, como “fantásticos” os princípios éticos apresentados mediante a Flor da Permacultura. Também faz alusão, além do teórico, dos saberes, às práticas NEPBIO: *Lá nos foi ensinado a como cuidar do nosso lixo [...] nos mostrando na prática como funciona e que tipo de seres humanos devemos ser.*

As conexões entre o cuidado e o modo de ser, foi expressa pela estudante. Convoca a pensar o tema das mudanças nos modos de ser que desenvolverei depois, na subseção 4.8

4.5 Instituição Familiar: cuidar de mim mesmo e cuidar dos outros

A estudante do relatório 1 disse que: *é uma instituição familiar sem financiamento do governo, que há 8 anos trabalha com a permacultura [...] tem o objetivo de criar ambiente totalmente sustentável que não cause danos ao meio ambiente.*

Destaca uma relação entre o que concerne ao “monetário” e o conceito de *sustentabilidade*, que abordei com inspiração no professor Belinaso na subseção 2.3. Assim, percebo que o autor/a desse relatório entende que essa relação de ser *sustentável* é mediada pela *permacultura* para não causar danos ao meio ambiente.

Alguns estudantes trouxeram para seus relatórios a questão que fizeram aos permacultores, sobre os materiais e tempos das Bioconstruções, das casas. Os permacultores, com a característica que lhes é peculiar, de atenção singular a cada visitante, responderam a cada uma e, ainda, ressaltaram que cada casa teria um sistema de tratamento de águas, ou seja, cada casa teria uma BET (conceito trazido na subseção 3.7).

Analisando o Relatório 5, é possível perceber que o fato da família contar sua própria história de forma imanente ao projeto NEPBIO, praticando-o como um projeto familiar, pode ter afetado o processo de experiência de si da estudante. Ela diz: *Tudo o que a família aprendeu com a Permacultura e a Bioconstrução eles passam adiante durante as palestras e as oficinas que os mesmos fazem, com o objetivo de tocar a consciência da sociedade, criar um ambiente mais sustentável e causando assim uma melhoria de grande importância pro ecossistema.*

Na estudante reverberou as partes tanto que constituem a casa como o território, as formas e funções tanto das Bioconstruções, como das/dos permacultoras/es em relação com a sociedade. Ela considera o NEPBIO como fator transformador da sociedade.

Nesse sentido, o relatório 7 diz sobre as práticas NEPBIO como práticas familiares: *(...) é uma instituição familiar que mudou de vida radicalmente, após viver muitos anos na zona urbana, cansados daquele modo de vida consumista e que não era saudável para a natureza. Insatisfeitos com isso, se mudaram para esta zona afastada da cidade e iniciaram uma vida voltado com a conexão com a natureza, usufruindo com aquilo que ela oferece. Eles acreditam na possibilidade de mudança de comportamento tendo como foco inicial dentro de suas casas, junto com a família, sendo responsáveis pela própria existência.*

Práticas NEPBIO reverberaram como sendo familiares, segundo entendo com o relatório 8, ao dizer que: *a família tomou conhecimento das técnicas de Bioconstrução [...] a casa foi erguida pela própria família [...] o trabalho que era de realização pessoal foi se tornando maior, o que levou à família a criar o Núcleo Experimental.*

A narrativa da estudante enaltece o encontro dela com a família NEPBIO. É possível perceber afetos que reverberaram em conceber as práticas que conjuntamente desenvolvem as/os integrantes do NEPBIO.

Relacionando as práticas da família e o bem-estar dos estudantes, analiso que a experiência da oficina afetou, subjetivou, constituiu uma estética outra de existência. Talvez o caráter coletivo familiar do NEPBIO tenha sido o motivo principal que propiciou afetos (DELEUZE, 2005) tão intensos naquela oficina: *convidados pelo professor Mike Santafé Z, para visitarem a Casa de Cupim, onde uma família decidiu largar tudo na cidade para viverem de maneira ecológica e sustentável, vivendo com o que a natureza oferece [...] Fomos palestrados sobre alguns princípios da permacultura e sobre algumas experiências relatadas pela família, de amigos e até familiares pela mudança radical de vida.* Mas, o fato de terem deixado o modo de viver regulado pela lógica capitalística, uma lógica do consumo exacerbado e de uma vida mais confortável, talvez tenha sido a prática discursiva mais impactante, mostrando que é possível constituir outra estética de existência.

4.6 Bioconstruir nossa casa: pensamento, coração e botar mão na massa

Com regularidade as práticas discursivas e não discursivas NEPBIO são atravessadas pelos processos de Bioconstruir. Através de suas narrativas é possível acompanhar o movimento de labores, sabores, lazes, encantos que elas/eles mesmas/os praticam. Em primeira pessoa, do singular, argumentam que tem aplicado distintas técnicas de permacultura e bioconstrução, com suas próprias mãos.

Inspirados no livro *Permacultura Um*, tema que abordei na segunda seção desta dissertação, assim como em conhecimentos adquiridos de outros materiais teóricos, além das suas próprias experiências, principalmente, bioconstruindo a Casa de Cupim e Casa Bambuba, condicionam e possibilitam essas práticas.

Assim como os conhecimentos são inacabados, suas Bioconstruções também estão em constantes processos ecológicos. Elas e eles, Bioconstrutores/permacultores, argumentam que

“uma casa Bioconstruída é uma casa viva”. Elas são distintas; singulares; cada uma com forma, tempos de bioconstrução e nomes diferentes.

Em relação às particularidades das casas bioconstruídas, no relatório 7 se expressa sobre elas utilizando o conceito “sustentável”, que concebo como clichê. O relatório expressa como esse conceito sai da teoria, da esfera da transcendência, e entra em movimento, na imanente prática do NEPBIO. O/a autor/a do relatório descreve técnicas e processos de elaboração das casas: *Este instituto faz o reaproveitamento de materiais recicláveis como garrafas de vidro e de plástico, latinhas, pneus, sacos de frutas juntamente com barro para a formação de um material rígido para a construção de casas sustentáveis.* Embora o/a estudante não mencione os termos técnicos, é possível identificar na narrativa elementos das técnicas de Bioconstrução que compuseram os discursos das/dos permacultores e o que observou com a experiência de vivenciarem o início das bioconstruções da Ecovila.

Nesse mesmo sentido, expressando o percebido sobre as técnicas aplicadas na bioconstrução das casas, no relatório 1, de maneira ilustrativa, narra que o NEPBIO: *trabalha com matérias alternativos e reciclados, como garrafas de plástico ou vidro, latas, entre outros. O hiper-adobe, um dos métodos de Bioconstrução usados na residência, em que se utiliza sacos, que são preenchidos com barro, e são colocados em fileiras, um em cima de outro para a estrutura da parede, substituindo o tijolo e cimento [...] fazem tratamento da própria água, usando uma técnica denominada ciclo de bananeiras (...)*

Nessa narrativa fala-se tanto de elementos como dos modos de uso e finalidades que convergem nas técnicas aludidas. A/o estudante destaca, das casas bioconstruídas, o tratamento das águas com as técnicas permaculturais. Esse elemento técnico, de tratamento de águas, é relevante nas/das/com as práticas NEPBIO, mesmo como se destaca no relatório 4, ressaltando características da técnica de tratamento das águas: *eles construíram suas fossas biodegradáveis, que consistem em plantação de banana e um pneu para que seja filtrado, ou seja, reaproveitada [...] A banana tem alto potencial de consumo de água então ela faz a filtração da água.*

Percebe-se, no relatório, uma descrição, onde narra o observado tanto nos discursos como nas plantas e no pôster. No momento da oficina, os/as permacultores/as distribuem um material impresso que, analiso, como articulação da imagética NEPBIO nessa mediação da experiência de si que constitui e determina os modos de ser e as maneiras de viver.

Relacionando o tratamento das águas e as bioconstruções, nessa regularidade que atravessa os processos de subjetivação, analiso com o relatório 27 que a mesma estudante, segundo sua escrita, rompe com um clichê de “sustentabilidade”, desnaturalizando, descrevendo que: *Podemos observar várias práticas sustentáveis, pois através da permacultura*

e Bioconstrução eles reutilizam [...] cuidam das águas residuais. Nesse sentido, então, sustentabilidade tem a ver com cuidado do que produzimos e das águas.

No entanto, nesse processo de rompimento do clichê da “sustentabilidade”, vai recriar outros clichês, como é a concepção de “reciclar”, pois também é amplo e até ambíguo o que se pode dizer da reciclagem, sendo que isso pode ser atenuante de outras formas de contaminação, consumos etc.

Relacionado com essa noção clichê de reciclar, no relatório 3 a estudante expressa que essas práticas NEPBIO estão ligadas ao modo de ser sujeito e à maneira de viver, isto é, à estética de existência. Ela mostra entender o NEPBIO como um “dever ser” o qual refere-se à constituição de sua subjetividade: *Devemos parar de inventar desculpas e começar a separar nossos lixos, reaproveitar o necessário e ter noção quanto ao seu descarte.*

A estudante que compôs o relatório 17 evidencia as técnicas desenvolvidas no NEPBIO, caracterizando-as e relacionando-as com os sujeitos que nele habitam. Falando sobre a distribuição física desse *espaçotempo*, a estudante menciona um termo importante da teoria sobre a Permacultura, que é o conceito de “zona”, que trata sobre distintas partes do território com práticas e tecnologias ecológicas para cada uma delas: *A separação do lixo é feita pela Suely que chama esse processo de zona zero, onde é realizada a separação do material industrial que é incinerado e os orgânicos são enviados para ser feita uma compostagem...*

Vimos acompanhando, pelas escritas das/dos estudantes, como a Educação Ambiental constitui-se em uma estética que movimenta o cotidiano do NEPBIO. As educações ambientais tem como princípios básicos, relacionados às práticas de *Repensar, Recusar, Reduzir, Recuperar, Reutilizar, Reciclar, Regenerar, Reintegrar* etc. Assim, os princípios da sustentabilidade, dessas “Rs”, da separação do lixo, da bioconstrução, do reaproveitamento dos elementos que temos por perto, de cuidado com o que produzimos, de pensar a curto, mediano e longo prazo, de cuidar as águas etc., são práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental que rompem com a lógica capitalística, dominante em nossa sociedade. E, de acordo, também, com esse relatório 17, os/as permacultores já estão constituindo subjetividades e conquistando novos sujeitos para viverem a partir dessa estética bonita, ecológica e sustentável.

Diante os diversos pedidos de visitantes eles estão construindo a Ecovila, onde estão fazendo casas para professores, músicos e engenheiros civis que estão dispostos a ter uma nova vida baseada em um design sustentável mantendo o equilíbrio da natureza [...] foi iniciada uma oficina na qual a Suely e a Josy mostraram a preparação da tinta de terra e falaram sobre o início da Ecovila.

Assim, é possível acompanhar como as relações entre técnicas e bioconstruções e as narrativas dos/das permacultores/as reverberaram nas/nos estudantes. Outras relações deste tipo têm a ver, além das casas, com o mesmo fazer utilizando outras técnicas de permacultura, como no relatório 25 expressa, mostrando um dado particular, de caráter quantitativo e comparativo:

Um exemplo é eles produzirem somente 2 kg de lixo por mês, enquanto tem famílias que produz mais que isso por dia. É nas pequenas coisas que se ocorre a diferença.

Esse trecho, com o qual ela termina seu relatório, mostra como nela reverberaram informações, dados, narrativas, sobre aspectos cotidianos. Assim essa estudante demonstra ter quebrado muitas práticas discursivas e não discursivas que rondam ideais capitalísticos, praticas permeadas por “Clichês” que foram quebrados, possibilitando chegar à imagem, se implicar com ela, tornar-se outra.

Bora botar mão na massa!

4.7 Design E técnicas da Permacultura

Vimos desenvolvendo, no decorrer desta dissertação, que o modo de vida NEPBIO acontece atravessado por práticas discursivas e não discursivas de Educação Ambiental, especificamente, da Permacultura. Textos e experiências, de outros e próprias, possibilitam e condicionam essa estética de existência. É a partir de *Designs*, entendido como o planejamento de aplicação de técnicas da Permacultura, que se estabelecem as práticas no/do/com o NEPBIO para distintos propósitos.

Os Designs NEPBIO são expressos como esquemas gráficos, textos e/ou desenhos, que representam práticas a serem desenvolvidas. São abertos, heterogêneos, múltiplos, inacabados. Eles são criados segundo intenções de produzir práticas ecológicas por parte das/dos Permacultores/Bioconstrutores. Compreendem o planejamento das práticas cotidianas da família, os projetos de bioconstruções na Ecovila e, particularmente, as oficinas NEPBIO como circuito “Ecopedagógico”.

Com práticas diferentes às requeridas pelo projeto capitalístico de sociedade, de consumo e produção, que priorizam o lucro mais do que o equilíbrio do ecossistema, o NEPBIO busca criar e desenvolver seus Designs. Essa intenção de priorizar as práticas ecológicas, constituem, também, as experiências de si dos sujeitos que nele interagem.

Estudantes são afetados por essas práticas que envolvem os *designs*, como analiso com o relatório do numeral 1, que expressa o NEPBIO como solução para problemas: *com a vasta*

expansão da industrialização e urbanização, a contaminação no planeta vem piorando [...] um conjunto de pessoas que desenvolvem novas metodologias e ideias, buscando e criando soluções para amenizar esses problemas graves.

Assim, nesse relatório, o *Design* NEPBIO acontece como mediando processos sequenciais entre problemáticas ambientais e buscas de soluções.

Relacionado com essa intenção, essa busca de soluções, analiso que no relatório 8, a estudante faz alusão dessa relação entre técnicas de Bioconstrução e sua relação com os ecossistemas:

Entre as técnicas empregadas na casa, a que se destaca é a utilização do círculo de bananeiras [...] O objetivo é planejar e criar ambientes sustentáveis e produtivos, mantendo o equilíbrio com a natureza.

O que ela alude como objetivo, considero-o sendo o *Design* permacultural ligado às práticas NEPBIO segundo certos parâmetros. A narrativa desse objetivo como próprio do NEPBIO reverberou na estudante, mediando a experiência de si, relacionando os conceitos clichê como “equilíbrio” e “sustentabilidade” que são polissêmicos e podem ter definições segundo distintos fatores.

Expressando explicitamente o conceito *Design*, outra estudante, a do relatório 10 disse sobre as práticas NEPBIO que:

se trata de um sistema de Design para a criação de ambientes humanos sustentáveis, onde são utilizados produtos em completa harmonia e equilíbrio com a natureza.

O expressado pela estudante também faz alusão a termos polissêmicos, tornados clichês das questões ambientais: *harmonia e equilíbrio*. A mesma estudante, no parágrafo a seguir, sobre “sustentabilidade” afirma que:

podemos observar que o ambiente é totalmente sustentável e com ideias renováveis.

Então, com esse parágrafo constatei que ela acreditava nas narrativas das/dos permacultores que manifestaram ser práticas sustentáveis.

Nesse sentido, retomo o relatório 1, que expressa relação entre o conceito “sustentabilidade” e as práticas NEPBIO:

O NEPBIO também trabalha em um projeto de Bioconstrução chamado Ecovila, na qual é uma vila com casas constituídas de maneira sustentável, usando principalmente as técnicas de permacultura.

Relacionado com o polissêmico conceito de sustentabilidade que atravessa as práticas NEPBIO, também reverberou em outro estudante, do relatório número 5, expressando termos relacionados:

É uma construção biodegradável e também biosustentável [...] Como os materiais da mesma haviam sido descartados, o custo da obra foi quase zero.

Sua escrita também descreve as partes tanto das casas como do terreno em geral:

A moradia tem uma sala, uma cozinha, um quarto, um banheiro, um escritório e um espaço para a futura sala de jantar [...] A Ecovila é o local onde a família fez um loteamento e agora outras casas estão sendo construídas pelos donos de cada lote.

Analiso que para esse estudante reverberou uma relação entre o conceito de sustentabilidade e a noção monetária, tanto falando do custo da obra como de loteamento para outros donos. Assim, as narrativas NEPBIO que envolvem temas que relacionam suas práticas de Educação Ambiental com áreas financeiras, também afetando a experiência de si, produzindo outros modos de ser sujeitos no/do/com o NEPBIO.

Enquanto às práticas NEPBIO que acontecem com o Design, também reverberou na estudante do relatório 11, relacionando teorias e experiências das/dos Permacultores/Bioconstrutores. A estudante expressa o termo Ecodesign, para referir-se mais do que ao planejamento, à aplicação de técnicas permaculturais:

Nesse processo de aprendizagem sobre o decorrido tema, os docentes conheceram também a Bioconstrução, o qual se trata de uma técnica construtiva que utiliza materiais de baixo impacto ambiental, criando sistemas alternativos de tratamento de resíduos e consumo de água e energia, assim como o Ecodesign, que trata-se da aplicação prática dos requisitos ambientais do projeto desde o início, substituindo então a matéria prima, os materiais, a tecnologia, os processos e a manufatura por outros menos nocivos ao meio ambiente.

Este relatório caracteriza-se por ter uma diferente perspectiva sobre o conceito de Design, que analiso mediante sua prolongada narração, como correlativa ao processo de mudança das/dos permacultores, sua chegada no local, o começo e desenvolvimento de aplicação das técnicas da permacultura.

Assim, na estudante reverberou a relação da mudança da família com os saberes e práticas que foram experimentando as/os mesmas/os permacultores, ou, como ela os chamou: docentes.

Nesse sentido, tanto o Design é produto resultante de um processo, como propiciador a partir do qual mudanças acontecem. Isto atravessa a mediação da estudante do relatório 4, que expressa o que ela percebeu sobre as mudanças das/dos permacultores ao longo do tempo:

a família fez uma palestra explicando o porquê eles decidiram mudar de vida, e começar a viver de forma ecológica e mudar seus hábitos. Como eles fizeram para chegar até onde chegaram hoje e quais os planos para o futuro.

Assim, analiso que o Design está em múltiplas conexões com as práticas NEPBIO, com conceitos clichês relacionados à Educação Ambiental. Na elaboração do Design múltiplos fatores influem, mas não todos os contem. Fatores como quebrar preguiça para Bioconstruir e manter práticas permaculturais são incluídas, mas também fogem.

Destaco que reverbera nas/nos estudantes o Design, regularizando potências de pensar e agir que medeiam a experiência de si, acontecendo em conexões com os processos e transformações das práticas das/dos permacultores, com suas mudanças de ser e de viver, produzindo estéticas outras de existência, que também analiso na seguinte subseção.

4.8 Tornando(nos) *Estéticas Outras de Existência*

Pensando/problematizando as práticas NEPBIO analiso que as heterogêneas regularidades que medeiam a experiência de si são constituídas e constituem estéticas outras de existência. Essa mediação de constituir outros modos de ser sujeito e outras maneiras de viver, que reverberaram nas/nos estudantes, segundo minha observação sobre expressões delas/deles, entendo-as evidenciadas também nos relatórios como cito a seguir.

A estudante do relatório 4, falando em primeira pessoa do plural, expressa o pertencimento a um grupo, o qual tanto vincula uma responsabilidade coletiva, porém também desvincula uma responsabilidade exclusiva dela:

Nós como alunos do segundo semestre da Biologia é algo importante de se ver no semestre inicial, pois nos mostra alternativas de vida e é uma forma de incentivo para que possamos trazer todo esse aprendizado desta visita para o nosso dia a dia [...] incentivo que faz com que pensamos além da caixa que vivemos.

Destaco o termo “incentivo” como potencialização de pensamento e mudança que reverberou nela.

Outro estudante que expressa relação entre NEPBIO e reverberações nas práticas coletivas, é do relatório 6 que disse:

Sabemos que não há tempo de pensar, mas ainda há tempo de salvarmos nossos rios, fauna e flora, etc. De uma forma geral a Casa de Cupim é tudo de bom para termos como aprendizado e abriremos nossa visão para vidas futuras ser de melhor qualidade, reciclando e contribuindo para a nossa biodiversidade.

De sua narrativa podemos perceber que a potencialização de seu pensamento a partir da experiência NEPBIO. A estudante colocou-se como sujeito em transformação que, a partir

do contato com aquela realidade, relaciona-a com suas práticas sociais em tempos e espaços outros, com possibilidades de mudanças com vistas uma vida de melhor qualidade.

Também no sentido de possível mudança mediada pelas práticas NEPBIO, entendo o exposto pela estudante do relatório 8. Ela destaca a narrativa das/dos permacultores sobre a mudança que eles tiveram, e ela cita uma fala deles:

“A gente queria mudar o mundo, só que a gente descobriu que não dá para mudar o mundo se a gente não começar por nós mesmos” Nessa busca por mudanças, a família entrou em contato com a Permacultura

Para a estudante, essa mudança na transição de uma Estética de Existência para outra, está mediada por saberes, como foi o caso da teoria da permacultura para as/os permacultores, e talvez, para ela esteja sendo mediada pela narrativa citada da experiência das/dos permacultores.

Assim como a relação de saberes, conhecimentos, teorias são relacionadas pela estudante com as práticas NEPBIO, o relatório 9 expressa dados científicos e refere-se com perspectiva sobre aspectos socioambientais a nível país:

No último ano os números de morte por poluição atmosférica subiram 14% segundo o Ministério da Saúde, entretanto, este tipo de poluição não é o único que prejudica nosso planeta [...] Diante disso, percebe-se que iniciativas como educação ambiental e o NEPBIO são de extrema importância (...)

Analisando que, após a visita ao NEPBIO, potencializou-se o pensamento da estudante sobre as práticas cotidianas e as políticas governamentais da nação.

Essa dimensão contextual do território e das pessoas que habitam certo espaço, e de como as mudanças no modo de ser e nas maneiras de viver se relacionam com as práticas NEPBIO, reverberaram também na estudante do relatório 18 que, especificamente, escreveu fazendo alusão à experiência das/dos permacultores:

A família começou a levar a vida há poucos anos; segundo eles, estavam insatisfeitos com a vida que tinham, e em como as pessoas só falavam e não faziam a diferença, pois então colocou em prática a mudança que o mundo precisa.

Ainda, a estudante cita uma fala:

“Temos que fazer a mudança aqui, onde moramos, onde vivemos, não adianta se preocupar com os problemas de fora, se temos muitos de baixo do nosso nariz”. Diz o palestrante e autor da nova vida que possui o Sr. Sandro (...)

Nesse sentido, de mudanças a partir de pensar o local onde nos encontremos, a estudante do relatório 9 também foi afetada pelas práticas NEPBIO em relação com a dimensão

contextual do território presente, expressando sua relação com o município, mediada pelas experiências possíveis com o NEPBIO.

A estudante concebe que essa Estética da Existência NEPBIO é uma outra na região, com um valor outro e que favorece praticas outras, beneficiando, também, às gerações que estão por vir.

(...) iniciativas como esta são de extrema importância para conscientização da população e aprendizado de exemplos práticos de ação [...] Ainda se analisarmos o local em que o projeto está localizado, ações como esta são ainda de maior importância, já que se trata de uma área com grande diversidade pecuária, mas também com um grande número de associações de pequenos produtores que poderiam, através da educação ambiental, disseminar esses conhecimentos às próximas gerações criando uma cultura ambiental e degradando menos as áreas de cultivo que necessitam para seu sustento.

Mesmo na conclusão, enfatiza na relação do projeto com a comunidade externa:

tem um papel ativo na comunidade cacerense, mas que ainda não é de conhecimento da maioria da população, por tanto não atinge todo potencial que poderia dentro da educação [...] poderiam visar mais a população comum do município, trazendo o contato com a ecologia para as escolas, educando crianças, jovens e adultos.

Assim, observei que nela reverberaram sensações que a afetam como integrante do município de Cáceres, como habitante de uma escola, de uma universidade, como envolvida nesse entorno ao qual o NEPBIO, segundo ela, pode abranger.

Analisando que como mediadora da experiência de si em relação com a estética de existência que reverbera nas/nos estudantes, o NEPBIO medeia esse processo através de práticas de Educação Ambiental. Nesse sentido, entendo o expresso pela estudante do relatório 1, que argumenta e propõe que seja de difusão e ampla abrangência o NEPBIO:

é de suma importância divulgar e mostrar ainda mais práticas e ensino que a educação ambiental proporciona, pois assim como o NEPBIO, existem muitas pessoas no mundo que trabalham com a permacultura e tem o objetivo de viver em um ambiente de uma maneira sustentável, que não seja prejudicial para o planeta.

Menciona a *Educação Ambiental* como fonte de práticas e ensino, o que é muito interessante, vindo de um/a estudante da graduação do curso de Biologia. Reitera que a maneira *sustentável* de viver no ambiente é a maneira de não prejudicar o Planeta. Assim, as práticas e discursos ali veiculados movimentaram-na a pensar, para além do local, Planeta como um todo. Ações cotidianas, mesmo que pequenas, reverberam no cosmos e, nesse sentido, temos que ter muita responsabilidade sobre nossas ações.

A estudante, segundo sua escrita, foi afetada pela história contada sobre o anterior modo de vida das/dos permacultores NEPBIO, mas, ainda mais, pelas imagens que percebeu dessa Estética Outra de Existência:

(..) eles falaram que estavam cansados do modo como eles viviam, com gastos em excessos sem necessidade e com um luxo só para os outros se sentirem bem. Eles viajaram para aprender o que sabem sobre permacultura e Bioconstrução. O modo que eles acharam melhor para se viver é muito lindo de se ver, tiraram todo o luxo, mas o simples é maravilhoso e bonito.

A estudante descreve detalhes dessa transição para uma Estética Outra de Existência. Ela foi afetada, e manifesta que foi um encontro feliz, potenciando seu pensamento e provocando nela sensações durante essa experiência:

Quando eles estavam explicando o modo de vida deles me deu uma alegria, porque sabemos que não é fácil mudar da mesmice, não é fácil ter uma mudança tão grande como essa nas nossas vidas, nem todos abririam mão da sua vida de luxo para viver no simples.

Assim, com as reverberações da Estética da Existência NEPBIO, com as transformações da família que reverberaram nas transformações de pensamentos e sensações emocionais dessa estudante, convido vocês a conhecerem as considerações finais da minha pesquisa, nessa busca de potencializar agenciamentos no campo educacional, pensadas/problematizadas com estéticas de existência mediadas nas/das/com as práticas discursivas e não discursivas NEPBIO.

Fotografia 43 – Foto ao final da oficina na/da/com a Estética da Existência NEPBIO



SEÇÃO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viabilidade, possibilidade de criar uma bioconstrução, especificamente casas, a baixo custo e mínimo impacto ambiental. Aproveitando o que temos por perto. Em conexões com a natureza. Alimentando-nos com vegetais e frutas orgânicas, plantados no mesmo local onde moremos.

As experiências mediadas entre as práticas NEPBIO e as/os Estudantes possibilitam processos de subjetivação diferentes das requeridas pelo projeto capitalístico de sociedade, sendo que o NEPBIO age como práticas de Educação Ambiental, a partir da Permacultura.

As noções de cuidado de si, conhecimento de si, cuidado dos outros atravessam as práticas NEPBIO, em conexão com cuidado e conhecimento do ambiente, *espaçotempo* no qual o sujeito vive.

O NEPBIO existe como conjunto de dispositivo que medeiam uma experiência de si, constituindo sujeitos potencializados para desenvolver práticas de Educação Ambiental.

A imagética NEPBIO, particular desse *espaçotempo*, atravessa pensamentos dos sujeitos que interagem aí, a partir de imagens clichês e de práticas que os desnaturalizam, potencializando outros modos de ser e outras maneiras de viver.

O NEPBIO pode ser concebido, assim, como *espaçotempo* de Educação Ambiental, onde se pratica estéticas outras de existência que reverberam em modos de vida daqueles que por ali passam. A Educação ambiental se movimenta a partir das práticas de Permacultura e Bioconstrução, pela Casa de Cupim, Casa Bambuba, Tratamento das águas, a Ecovila, as oficinas que desenvolve com Estudantes do Município etc... tudo isso se movimenta naquele cotidiano lento e intenso, e movimenta os corpos que por ali transitam.

As/os estudantes do curso de segundo semestre do curso de Biologia da UNEMAT, intercessores da pesquisa, expressaram as reverberações propiciadas pela experiência da oficina. As práticas ali desenvolvidas forçaram seus pensamentos a pensar que outras estéticas vivas, outras posições de sujeito são possíveis, para além da estética capitalística.

As experiências de si, mediadas pelas práticas NEPBIO, agenciaram estudantes com pensamentos sobre eles/elas mesmos como praticantes permacultores e Bioconstrutores.

Percebe-se, a partir da pesquisa, a importância do fortalecimento da relação entre o NEPBIO e as instituições educativas (escolas, universidades, etc.). A formação inicial dos acadêmicos pode ser potencializada na medida em que conceitos, que muitas vezes estão no campo da transcendência, ganham status de imanentes, por movimentarem vidas que são reais

e que vivem a partir daquilo que, na teoria, idealizamos. Considero, para finalizar que, constituir conjuntamente práticas pedagógicas de Educação Ambiental, consolida-se em ação necessária e urgente para conter e fazer frente às dinâmicas que estão prejudicando o ambiente, que aumentam o risco de existência na Terra.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda Guimarães. **A aula: redes de práticas – os processos cotidianos de ensinar e aprender**. (Tese de titular). Faculdade de Educação/UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Currículos e pesquisas com os cotidianos**. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: Dp Et Alii; Vitória, ES: Nupec/UFES, 2012. p. 35-46.

AREAL, Leonor. **Para uma teoria do clichê**. 2011 Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <http://cjpmi.ifl.pt/2_areal>

AUMONT, Jacques; Bergala, Alain; Marie, Michel; Vernet, Marc. 1995. **A estética do filme**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas – SP: Papirus.

BARCHI, Rodrigo. **Educação E Meio Ambiente Entre A Biopolítica E A Biopotência**. Revista de Estudos Universitários - REU, [S. l.], v. 37, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/597>.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1999.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. (Tradução Ingrid Müller Xavier). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHERRYHOLMES, Cleo H. **Um projeto social para o currículo: perspectivas pós-estruturais**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Teoria Educacional Crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COSTA, Marisa Vorraber. **Novos olhares na pesquisa em educação**. Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. RJ : Dp&a, 2002. p. 13-22.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 240 p. (Coleção TRANS). Tradução de: Peter Pál Pelbart.

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 144p. Tradução de: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins.

_____. **Crítica e clínica.** São Paulo: Editora 34, 1997. Tradução de Peter Pál Pelbart

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs III: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2008. (Coleção TRANS) Tradução de Aurélio Guerra Neto et alli.

_____. (1968) **Diferença e repetição.** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Mil Platôs I: Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). Tradução de: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção TRANS). Tradução de: Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz.

_____. **F. Kafka: por uma literatura menor.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em Educação.** Rio de Janeiro : EdUERJ, 2018. 112p.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.

_____. **Disciplinas. In. Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Microfísica do poder.** Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **A Ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1999a.

_____. **Dois ensaios sobre o poder.** In: Michel Foucault: *Um Parcours Philosophique* (Dreyfus, Hubert e Rabinow Paul), Paris. Ed Gallimard (tradução Lília Vale e Sílvia Aguiar, UFF, 1989, mimeo).

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1082).** Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998. 179p. Tradução de: Eloisa Araújo Ribeiro.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault : arqueologia de uma paixão.** – Belo Horizonte : Autêntica Editora; 2012.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves.

_____. **Ditos e Escritos IV.** Estratégia, Poder-Saber. 2ª ed. – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006a.

_____. **Ditos e Escritos III** – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. 2ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2006b (Tópicos)

_____. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

_____. **A Ordem Do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a. 74p. (Leituras Filosóficas). Tradução de: Laura Fraga de Almeida Sampaio.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285-315.

_____. **Microfísica do Poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 159p. Organização e tradução: Roberto Machado.

_____. **Microfísica do Poder**. 1992. Organização e tradução: Roberto Machado.

_____. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011. (Ditos e escritos III). Tradução de: Inês Autran Dourado Barbosa.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. 3ª Reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2014b. 302p. Tradução de: Raquel Ramalhete.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Memória, História, Testemunho**. In.: BRESWANI S. (org.) *Memória e (Res)sentimento*. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. **Por que um mundo nos detalhes do cotidiano?** História e Cotidiano em Walter Benjamin. In: *Revista USP: Dossiê Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp. n. 15, 1992. Disponível em: www.usp.br/revistausp. Acesso em 15 de setembro de 1996.

_____. **Walter Benjamin: os cacos da história**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993

GALLO, Sílvio. **Deleuze e Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Em torno de uma educação menor**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p.169-178, jul./dez. 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 12. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento**. Rio de Janeiro: Nau editora, 2011, 272 páginas.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso & DE CODES, David. **Na Pele do Mundo: Educações Ambientais**. – Florianópolis : Casatrês , 2020.

_____. **Como desfazer o rosto da sustentabilidade?** (2015)

_____. **O educativo nas ações, lutas e movimentos de defesa ambiental**: uma história de discontinuidades. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso & PEREIRA, Juliana Cristina. **Os ambientes da imagem**: pedagogias em foco. Edição v. 38 n. 1 (2015): Dossiê - Estudos Culturais em educação. Educação, 38(1), 70-76.

_____. **A sala de aula em cena**: imagem e narrativas., Leitura. Teoria & Prática, v. 31, p. 113-123, 2013.

_____. **Educação Ambiental e Literatura**: narrativas sobre as florestas.

LARROSA, Jorge. **Elogio da escola**. – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Tradução de: Cynthia Farina.

_____. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 208 p. Tradução de: Alfredo Veiga-Neto.

_____. **Tremores**: *escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014b. (Coleção Educação: Experiência e Sentido). Tradução de: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi.

_____. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. (Org.) O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço Pantaneiro**: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Curitiba: CRV, 2017.

_____. **Cinema, Infâncias E Diferença**: problematizando a educação, o cotidiano da escola e o currículo. Projeto de Pesquisa, UNEMAT, 2015.

Espaço pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha. Curitiba: CRV, 2017.

_____. **A Ordem Do Discurso Da Educação Ambiental**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, 2001.

MCLUHAN, Marshall & Watson, Wilfred. 1973. **Do Clichê Ao Arquétipo**. Rio de Janeiro: Record. Mascarello, Fernando (org.). 2006. História do cinema mundial. Campinas: Papirus.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. **Permacultura Um**: uma agricultura permanente nas comunidades em geral. Ground, 1983.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica 2000.

PLATÃO. **A República**. Livro 7. Bauru: Edipro, 1994.

REIGOTA, Marcos. **A Educação Ambiental Frente Aos Desafios Apresentados Pelos Discursos**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.2, p. 539-553, maio/ago. 2010

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **O Sujeito Da Educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

_____. **Documentos De Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Liberdades Reguladas**. A pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O Currículo Como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 120 p.

_____. **O Projeto Educacional Moderno**: identidade terminal? In: VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). Crítica pós-estruturalista e educação. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 245-260.

_____. **A Arte Do Encontro E Da Composição**: Spinoza + Currículo + Deleuze. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p.47-57, jul./dez. 2002. Semestral.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**. Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Difusão Editorial S.A. 1980.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 160 p.

_____. **Imagens de Foucault e Deleuze**. ressonâncias nietzschianas. RAGO, ORLANDI, VEIGA-NETO (Org). DP&A editora 2ª edição, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Conexões...** In: OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (org.) Confluências e Currículo: questões atuais. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **A Ordem das Disciplinas**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PPGEDU/FACED, 1996.

_____. **Olhares...** In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos: Novos Olhares na Pesquisa em Educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996a.